

# A ALMA E SEU MECANISMO

**Alice Bailey**

## **PREFÁCIO**

Nossa atitude frente ao pensamento filosófico e psicológico do Oriente é, em grande parte, ou de admiração indiscriminada ou de desconfiança igualmente indiscriminada. É pena que seja assim. Os que o adoram são tão ruins quanto aqueles que dele desconfiam. Nenhum deles nos levam em direção a uma avaliação justa daquele grande corpo do pensamento oriental que difere tão curiosamente do nosso, e entretanto, como se descobre com o tempo, é fundamentalmente o mesmo em sua busca essencial.

É esta atitude indiscriminada, sem dúvida, a responsável pela quase absoluta omissão do pensamento oriental em nossos livros de filosofia e psicologia, isto, e algo mais. O Oriente tem seus próprios idiomas que são difíceis para o Ocidente compreender. Tais idiomas não traduzidos, fazem com que os escritos orientais pareçam um jargão estranho, ou de metrificacão confusa ou de auto-mistificacão.

Alice Bailey presta neste livro um grande serviço, ao abordar com sua mente analítica o pensamento oriental, dispondo-se a reconhecer que o pensamento oriental, como o ocidental, não pode pretender ter chegado ao ápice da sabedoria. Ela não pretende maravilhar nem exortar o ocidental a abandonar suas rudes insuficiências para abraçar uma doutrina misteriosa que pareça tanto mais maravilhosa porque para ele isto pode parecer absurdo. Ela, de fato, diz: "Este pensamento oriental significa uma busca nos problemas mais profundos da existência. Não é necessariamente melhor que o ocidental. É diferente. Parte de outro ângulo de abordagem. Tanto o Oriente quanto o Ocidente, se especializaram em suas respectivas linhas de pensamento. Cada um, portanto, tem a virtude de sua própria sinceridade, de sua própria e peculiar penetração. Mas a especialização só tem valor quando conduz a uma integração final. Não terá chegado o momento de unir Oriente e Ocidente nessa esfera mais profunda da vida de cada um, isto é, na esfera do pensamento filosófico e psicológico?"

Ainda que não por outras razões, este livro é significativo como uma tentativa de interpretação, não só do Oriente para o Ocidente e vice-versa, mas também para colocar as duas linhas de pensamento na harmonia de um único ponto de vista. Se a autora conseguirá este objetivo só o leitor poderá dizer, mas de

qualquer forma, a intenção é notável, e deve ter como resultado, uma aproximação mais inteligente dos dois tipos de mentalidade.

O que dá a este livro um significado especial, é sem dúvida, a peculiar comparação que a autora estabelece entre o estudo ocidental das glândulas e o estudo oriental dos "centros". O filósofo ocidental Spinoza, notou há muito tempo o inseparável paralelismo do que ele chamava corpo e mente, tanto na vida do Absoluto como na vida das expressões do Absoluto a quem chamamos indivíduos. Se existe tal paralelismo, deveria descobrir-se para cada manifestação externa a força psíquica ou interna que assim se manifesta. Até agora admitimos o externo e o interno apenas de forma muito geral. Este livro, ao centrar-se principalmente no estudo das glândulas, que são o marcapasso, por assim dizer, da nossa personalidade, apresenta uma relação entre a mente e o corpo, não só de um modo inesperadamente rico em sugestões, para um treinamento mais adequado do indivíduo, se não que abre fascinadoras possibilidades a posteriores investigações. No Ocidente falamos da glândula tireóide ou das supra-renais em termos de sua conduta fisiológica. Existirá, analogicamente uma correspondente psíquica de tal comportamento? Talvez pareça uma pergunta extravagante que no primeiro momento poderia ridicularizar os fisiologistas. Entretanto, a menos que sejamos dogmáticos empedernidos, que não saíamos da obscuridade material do século XIX, falamos já da correspondência psíquica deste órgão fisiológico chamado cérebro. Por que então não das correspondentes psíquicas da tireóide, das supra-renais e das demais glândulas?

Se desenvolvermos esta questão até sua conclusão lógica, aprenderemos, sem dúvida, a ampliar nosso pensamento e reconheceremos que a vida psíquica do indivíduo vai muito mais além do que o ponto de vista intelectual, um tanto ingênuo, que considera que esta vida está só centrada no cérebro.

Não que eu apoie aqui as conclusões a que chega em seu ensaio a autora deste livro. As conclusões particulares podem ser modificadas ou até rejeitadas, mas não tenho dúvida de que a autora abriu novas possibilidades, que poderão finalmente conduzir a uma busca fisiológica e psicológica de profunda significação. Este livro, não é tão só um desafio, se não que também é singularmente iluminador. Surpreenderá à mente ocidental, e com ele acredito que irá mesclada uma admiração real frente aos processos do modo de pensar oriental, com cujos métodos não estamos de modo algum familiarizados no Ocidente.

Nova York Maio de 1930  
H. A. Overstreet

## INTRODUÇÃO

Três desejos impeliram a escrita deste livro: primeiro o desejo de reunir a psicologia materialista ou externa, e a psicologia introspectiva ou interna; segundo, olhando além da psicologia científica, o domínio maior do pensamento e psicologia da raça, o desejo de estabelecer uma harmonia entre o ocidente materialista e o oriente introspectivo, e finalmente demonstrar que todos estes aspectos antagônicos são apenas facetas da verdade una e, em conjunto, constituem a única Realidade.

Estes desejos nascem da posição atual do ensino psicológico no mundo. Existem hoje dois tipos predominantes de psicologia, e Will Durant em "The Mansions of Philosophy", os resumiu muito, da seguinte forma:

"Como já vimos, há dois modos de estudar o homem. Um começa por fora, no meio ambiente, e considera o homem como um mecanismo de ajuste, reduz o pensamento a coisas e a 'mente' à 'matéria', e resulta no disfarçado materialismo de Spencer, e no behaviorismo de Watson...; o outro começa por dentro; considera o homem como um sistema de necessidades, impulsos e desejos, levando-o a estudar, a utilizar e a dominar seu meio ambiente. Deseja reduzir as coisas a pensamentos e a matéria à mente; começa com a 'enteléquial' de Aristóteles (que sustentava ser toda a fôrnica determinada por um designo interno) e resulta no vitalismo de Bergson e no pragmatismo de William James."(1)

O Dr. W. B. Pillsbury acredita que este duplo sistema envolve uma duplicação desnecessária:

"Se a teoria behaviorista for defendida, significa que devemos ter duas psicologias, uma externa e outra interna, uma psicologia visualizada do exterior e outra vista do interior. Isto parece, no melhor dos casos, uma complicação desnecessária."(2)

Reconhecendo esta dupla situação, e concordando com o Dr. Pillsbury de que são desnecessárias duas linhas de interpretação, estou convencida da possibilidade de fundir as duas em uma terceira, ou seja, uma só unidade. Procuro, assim, apresentar uma hipótese que tende a provar a exatidão da escola mecanicista e a posição, também correta, da escola dos introspeccionistas; também procuro demonstrar que ambas as escolas são necessárias para explicar todos os fatos e que cada uma complementa a outra. Deste modo poderemos estabelecer uma terceira escola combinada, baseada no conhecimento exato do ocidente e na sabedoria introspectiva do oriente.

Ao considerar estas duas escolas de psicologia é evidente que a psicologia moderna é basicamente materialista e, como tal, a mais popular inteiramente assim. Um estudo das últimas obras sobre psicologia, procedentes de várias

escolas da América e da Europa, mostra que a maioria se ocupa principalmente em apoiar ou rechaçar a filosofia mecanicista da Escola Behaviorista. Quando não trata desta questão é porque apresenta uma outra forma de psicologia materialista. O Dr. Wolfgang Kohler em Gestalt Psychology diz, por exemplo:

"É a crença do leigo que, em geral, ele próprio sente diretamente porque num momento tem uma atitude e posteriormente outra; também que na maioria das vezes ele sabe e entende diretamente porque se inclina a fazer uma coisa em determinada situação e outra totalmente diferente sob condições distintas. Neste seu ponto de vista experimenta, direta e verdadeiramente, grande parte deste conteúdo dinâmico, cujo desenvolvimento constitui a vida mental. Oposto a esta crença, e completamente estranho a ela, temos o ponto de vista dos psicólogos mais cultos da época atual. Segundo eles, alguém se inclina a fazer uma coisa agora e logo outra, porque, no primeiro caso, certas vias nervosas estão mais a mão e, no segundo, algumas outras estão mais abertas. Afortunadas são aquelas pessoas nas quais o sistema nervoso mais permeável é, normalmente, o mais correto e apropriado!"(3)

Tudo está, entretanto, em um estado de confusão e, como disse Will Durant, "A psicologia mal começou a compreender, e muito menos a controlar, a conduta e o desejo humanos; ela se mistura com o misticismo e a metafísica, com a psicanálise, com o behaviorismo, com a mitologia glandular e com outras enfermidades da adolescência."(4)

A psicologia vagueia na terra fronteira do invisível que nós dignificamos com as palavras: energia seja nervosa, atômica ou vital, força, vibrações etéricas, correntes e cargas elétricas, e a força livre flutuante dos psicólogos que foi denominada libido. Todas as ciências parecem convergir para o indefinível, nesta terra de ninguém. Talvez, quando se desvendar o véu, nos seja revelada a terra prometida dos sonhos e aspirações do homem. Um espírito de incerteza e expectativa caminha paralelo com as certezas e os frios fatos da ciência moderna. É quase como se o género humano estivesse diante da cortina de um cenário cósmico, esperando que ela se levante e nos revele o próximo ato, no qual a humanidade possa participar inteligentemente. Trata-se de uma humanidade com um longo passado, com muita experiência adquirida e conhecimento acumulado, que assim aguarda, mas também é uma humanidade que reconhece a possibilidade de vir a ser chamada a tomar parte de uma revelação e de um desenvolvimento completamente inesperado, para o que talvez poderão ser inadequados seu atual equipamento e sua compreensão da vida.

Enquanto isso, neste cenário cósmico, e na abordagem da verdade através de vários caminhos, a ciência tem ordenado os fatos conhecidos e tem deduzido o

próximo desenvolvimento possível, procedendo, em seus múltiplos ramos e atividades, sobre a base de hipóteses que, corretas ou não, merecem ser experimentadas e ensaiadas. Bertrand Russell, expressando o que deveria ser a atitude mental dos estudantes, em todos os campos do conhecimento humano, diz: "O que necessitamos não é da vontade de acreditar, mas sim do desejo de descobrir, que é precisamente o contrário".(5)

O melhor tipo mental para encarar esta situação científica hoje é o céptico, ainda desejando ser convencido; o agnóstico, ainda determinado a investigar honestamente; o que questiona, ainda aberto à convicção, uma vez que se lhe prove que os fatos supostos são susceptíveis de demonstração; e, sobretudo, o que tem a mente aberta, compreendendo que só nas verdades formuladas por muitos se pode conhecer a Verdade Una. Apenas a mente estreita, o homem medíocre, é ateu, dogmático, destrutivo na crítica, estático e tem as costas voltadas à luz e ao novo dia.

Este tipo científico, indagador e pesquisador de mente e de investigação é especialmente apropriado em psicologia, o ramo de conhecimento mais antigo do mundo, porém o mais jovem a ingressar no campo do verdadeiro estudo científico. Somente a disposição para considerar o campo em sua totalidade, e não uma escola em particular, e apenas reservando a opinião até saber algo mais, permitirá ao investigador evitar os perigos daquele cuja visão é limitada, que só vê pontos isolados, mas nunca o panorama no qual se encontram, ocupando-se de frações e decimais, sem chegar nunca à unidade integral.

Um dos sinais mais alentadores desta época é a crescente compreensão do pensamento oriental e a tendência a investigá-lo. A psicologia de nossos dois hemisférios é tão largamente diferente, e a forma de abordar a verdade tão dessemelhante que só ultimamente os estudantes têm considerado a possibilidade de sua unidade fundamental, e, que, da fusão das interpretações oriental e ocidental da vida, possa surgir uma nova perspectiva a respeito do homem e do seu meio ambiente. As antigas interpretações podem falhar, mas as antigas verdades permanecerão: os antigos e errôneos conceitos podem ser reconhecidos como indutores ao erro, mas a realidade irradiará luz e beleza mais claras. Da união de nossas diferentes ciências, pensamentos e deduções, poderá emergir uma nova psicologia, baseada na compreensão, tão familiar ao Ocidente, da estrutura que o homem usa, e na compreensão, tão familiar no Oriente, da energia ou espírito, com que o homem anima e dirige sua estrutura. Estes a estrutura e a energia motivadora não são antagônicos, mas mutuamente interdependentes. Possuem uma unidade essencial.

A psicologia ocidental ocupa-se principalmente com a estrutura, com o universo objetivo e tangível e com a reação do homem objetivo frente a esse mundo. Ocupa-se do homem como corpo animado; dá ênfase à mecânica de

sua natureza e ao instrumento que utiliza. Portanto, é mecanicista e só se ocupa com o que pode ser submetido a provas e experimentos. Investiga o corpo e explica as emoções e a mentalidade, e mesmo o que chama alma, em termos do corpo. Durant assinala esta posição nas seguintes palavras: "No que diz respeito ao Ego ou Alma, ela constitui meramente a totalidade do caráter hereditário e das experiências adquiridas pelo organismo"<sup>6</sup>. Isto explica os diversos tipos e temperamentos, em termos de mecanismo. Louis Berman sintetiza este ponto de vista, em seu interessante livro, assim:

"O fragmento mais precioso do conhecimento, que possuímos hoje acerca do homem, é que ele é o produto de suas glândulas de secreção interna. Isto é, o Homem, como organismo distinto, é o produto, o subproduto, de um número de fábricas celulares que controlam as partes de sua estrutura, tal como as diferentes divisões de uma grande fábrica de automóveis produzem as diversas partes de um carro. Estas fábricas químicas se compõem de células, produzem substâncias especiais, que atuam sobre as outras células do corpo, impulsionando e determinando, assim, os incontáveis processos a que chamamos Vida. A vida, o corpo e a alma surgem das atividades da expressão mágica de sua química silenciosa, das células, exatamente como uma fluorescência de cristais de estanho surge das reações químicas desencadeadas por uma corrente elétrica em uma solução de sais do mesmo metal.

O homem é regulado por suas Glândulas de Secreção Interna. No início da terceira década do século vinte, depois de haver lutado, pelo que sabemos, pelo menos durante cinqüenta mil anos, para definir e conhecer a si mesmo, esse sumário pode ser aceito como uma verdade a seu próprio respeito. É uma indução, de grande alcance, porém válida, apoiada em uma multiplicidade de fatos detalhados."<sup>(7)</sup>

A psicologia ocidental dá, assim, ênfase ao físico e ao visível, sendo considerada, em seu campo escolhido, como científica. Constitucionalmente, opõe-se às vãs e sonhadoras especulações do místico visionário. O resultado dos esforços dessa psicologia têm sido isolar um conjunto de fatos que encerram, efetivamente, a verdade sobre o homem, seu comportamento e seu equipamento. Este conhecimento seria de valor inestimável na produção de um mecanismo melhor, através do qual uma raça mais refinada pudesse se manifestar.

Em suas escolas mais radicais, a psicologia ocidental é ativamente determinista, pois relaciona todo sentimento, pensamento e atividade com o funcionamento das células e dos órgãos físicos. O livre arbítrio fica assim, anulado em grande parte, em favor do organismo, do sistema nervoso e do sistema endócrino. Isso está demonstrado nas seguintes palavras:

"Watson, em sua 'Psychology from the Standpoint of a Behaviorist', ensina que a 'emoção é uma reação do tipo hereditário, que envolve mudanças profundas no mecanismo corporal como um todo, mas, particularmente nos sistemas visceral e glandular' (p. 195); e que o 'pensamento e a ação dos mecanismos de linguagem' (p. 316); que é 'atividade corporal integrada e nada mais' (p. 325); e que 'quando estudamos os processos intrínsecos do corpo, estamos estudando o pensamento'. Com isto, Watson, de maneira alguma quer dizer que identifica o pensamento com a correlata atividade cortical do cérebro, mas com todos os processos corporais que estão envolvidos, implícita e explicitamente, na produção da linguagem falada, escrita e simbólica a atividade muscular do mecanismo vocal, diafragma, mãos, dedos, movimentos dos olhos, etc. (p. 324)."(8)

"A psicologia estuda o mundo com o homem em seu contexto, isto é, estuda a experiência como algo que depende do sistema nervoso, ao passo que a Física estuda a experiência como se existisse de forma independente do sistema nervoso. Portanto, a psicologia deveria ser classificada entre as ciências gerais, como uma disciplina que revela as tendências gerais da mente, onde esta é definida como 'a totalidade da experiência humana, considerada como dependente do sistema nervoso.' ... A psicologia estuda o meio ambiente como um todo, considerando como existindo somente no momento em que afeta o sistema nervoso (humano), enquanto que a Física estuda o meio ambiente inteiro, considerando sua existência além do momento em que afeta o sistema nervoso (humano)."(9)

"Em terceiro lugar, a crença do mecanicista encerra duas hipóteses que devemos distinguir cuidadosamente; pois uma pode ser falsa, enquanto a outra, verdadeira. Estas duas hipóteses são (1) que todos os processos que ocorrem no mundo são, fundamentalmente, de um só tipo (2) que todos esses processos são do tipo comumente admitido pelas ciências físicas, em suas interpretações da natureza inorgânica; denominados eventos mecanicistas, ou estritamente determinados e, portanto, estritamente predizíveis."(10)

Na opinião do Dr. Rubin "a aparência física do indivíduo, seus traços psíquicos ou aquilo que se pudesse chamar de química de sua alma, são demonstrados, em grande parte, pelo caráter e pela quantidade de secreções internas de suas diversas glândulas."(11)

Algumas escolas chegam a negar por completo a consciência e a considerá-la (o investigador oriental diria que com razão) como inerente à matéria. O Dr. Leary disse, "A consciência caracteriza os nervos, como a vibração caracteriza outras formas de matéria."(12)

Por outro lado, pode-se definir a consciência como "uma integração complexa e uma sucessão de atividades corporais, que estão estreitamente relacionadas,

ou envolvem os mecanismos verbais e gestuais, e assim mais frequentemente se tornam expressão social."(13)

Watson adverte seus leitores que "não encontrarão discussão sobre a consciência, nem referência a termos como sensação, percepção, atenção, vontade, imagem e coisas semelhantes. Estes termos estão bem conceituados mas," diz ele, "descobri que posso passar sem eles, ao efetuar a investigação e apresentar aos estudantes a psicologia como um sistema. Francamente, não sei o que significam, nem acredito que alguém possa empregá-los consistentemente."(14)

Finalmente, nos é dito que "Quando a psicologia se separar completamente da psique, e se incorporar aos seres vivos, poderemos descartar a palavra 'consciência' juntamente com 'mente' e 'memória'. O comportamento humano estará apoiado em base científica, e não sobre um ramo da literatura ou uma especulação filosófica ou religiosa. A 'mente' dará vez à personalidade; a 'consciência', em geral, a manifestações específicas da conduta culta, e a 'memória' ao apelo de alguma parte da organização do tecido muscular estriado ou liso do indivíduo".(15)

Esta tendência, profundamente materialista da psicologia ocidental, é mais surpreendente, quando lembramos que a palavra psicologia, conforme sua origem, é o 'logos', ou seja, uma palavra referente à psique ou alma.

No entanto, há no Ocidente vozes dissidentes. Existe a escola introspectiva da psicologia, mais frequentemente chamada de introspeccionista, e, também, a escola mentalista. Elas admitem a consciência, e assumem uma entidade consciente. O Dr. Leary define estes grupos assim:

"O introspeccionista está interessado na consciência, na percepção, na consciência da percepção, no eu, nas imagens do 'eu' e em tudo mais que o behaviorista ortodoxo e de tecnologia rígida deprecia, ignora e nega... O introspeccionista dirige sua atenção para o interior; recorda, compara mentalmente, extrai informações de sua própria reflexão, pede a outros que façam o mesmo; o behaviorista trata teoricamente do animal humano como o faria com outras formas inferiores de vida, observa meramente as reações manifestas e objetivas que tem o animal, da mesma forma que o físico e o químico observam, no laboratório, as reações de corpos simples ou compostos. Além disso, a escola subjetiva tende a ser ultra-racional e sistemática; o behaviorismo mais empírico e pragmático ...

"Os mentalistas insistem em que a atividade psíquica não é mero reflexo da atividade física; e que sobre o corpo e além dele e do cérebro, há algo diferente, num outro nível, podendo ser chamado de mente, espírito, consciência ou como o queira chamar. O pensamento não é resultante da atuação da matéria. Os materialistas, por outro lado, ainda que divirjam entre



si, mantêm uma posição contrária, isto é, que tudo é físico, e que toda conduta humana, seja o pensamento, o sentimento, as emoções, ou a atividade nervosa ou muscular, só existe em decorrência do funcionamento das células físicas e materiais, e sem esta estrutura não pode haver nenhuma atividade. Tudo o que atua é físico, independente de como atua. Então, por um lado temos um poder informador, ou espírito, que utiliza a estrutura do corpo físico; por outro lado, temos essa estrutura como a base de função, única e indispensável, por mais complexo, delicado ou nobre que possa ser esse funcionamento, em termos de moral ou de religião."(16)

Os introspeccionistas e os mentalistas, entretanto, não têm demonstrado cientificamente seu ponto de vista, e a posição destas escolas está ainda mais enfraquecida pelos muitos e diversos grupos, nos quais a psicologia está dividida. Segundo Dr. Hocking, de Harvard:

"Na verdade, a psicologia não fala com uma só voz. Temos as psicologias dinâmica e objetivista, a de Gestalt e a reacionária, a freudiana, a estrutural, a behaviorista e várias outras escolas. Produzem diferentes imagens do eu, mas em conjunto têm um aspecto distintamente fisiológico. Podemos tomar o behaviorismo como um exemplo puro, porque é a última instância desse caráter."(17)

O Dr. Prince dá-nos uma divisão ampla e geral, como segue:

"Os psicólogos estão divididos em três campos os que reconhecem o eu, os que não o reconhecem e os que se colocam no meio termo. O primeiro grupo sustenta que o conteúdo de todo processo consciente inclui um eu, a percepção do eu, a consciência do eu. Daí, que toda consciência é uma consciência ou percepção de algo por um eu.

"O segundo grupo, o que não reconhece o eu, diz não conseguir" encontrar nenhum eu, ou consciência do eu, pela introspecção; nega sua realidade e sustenta que os processos mentais funcionam sem essa realidade. O 'Eu' e o 'Tu' são meramente expressões obrigatórias exigidas pelas necessidades de linguagem."(18)

A psicologia ocidental é, como um todo, definidamente materialista. É mecanicista e progride em uma época de máquinas e tecnologia.

A posição da psicologia mecanicista ocidental é, portanto, quase inexpugnável, pois se baseia em verdades conhecidas e fatos demonstrados. Pode provar seu ponto de vista e expor seus casos, e seu conhecimento do mecanismo do homem, que diz ser do homem por inteiro, baseia-se em experimentos e provas, com resultados objetivos e tangíveis.

Contra essa psicologia materialista, a crítica que surge imediatamente é quase que exclusivamente sobre a importância que o psicólogo ocidental dá aos casos anormais, deficientes e patológicos. O supranormal, o gênio e os assim

chamados indivíduos altamente espirituais têm sido negligenciados, e muitas coisas belas, essenciais e verdadeiras para o homem comum têm sido desconsideradas. Se Cristo tivesse se submetido à psicanálise, sem dúvida teria sido classificado provavelmente como sofrendo de "um complexo de Jeová" e considerado sujeito a alucinações. Entretanto, a classe de estrutura que Ele utilizou e a qualidade da "consciência que caracteriza Seu sistema nervoso" foi tal que deixou sua marca pelos séculos. Como pode tal estrutura ser novamente duplicada? O que se pode fazer para reproduzir um mecanismo similar?

A psicologia moderna está somente no umbral de sua evolução, e Walt Whitman contempla o crescimento de sua aplicação assim:

"Viva a ciência positiva! Loas à exata demonstração!... Tuas realidades são úteis, porém elas não são minha morada, Mas, através delas, penetro numa região de minha morada."(19)

Em total contraste com a Escola Ocidental encontra-se a Oriental, da qual os introspeccionistas e os mentalistas no ocidente são apenas um pequeno reflexo, ainda que tenham surgido de forma independente. A psicologia oriental ocupa-se daquilo que afirma achar-se por detrás da forma. É espiritual e transcendente. Pressupõe uma alma e um espírito e todas as suas deduções e conclusões são baseadas nesta premissa. Admite plenamente a forma e a estrutura, mas chama a atenção, enfaticamente, sobre quem utiliza a forma e a energia com a qual a faz progredir. É a psicologia de vida e energia.

Desde tempos imemoriais este tem sido o pensamento do Oriente, e está claramente representado naquela venerável escritura da Índia, O Bhagavad Gita.

"O Espírito Supremo, que habita neste corpo, é chamado o Observador, o Pensador, o Sustentador, o Experimentador, o Senhor, o Ser Mais Elevado.

"Iluminado pelo poder que habita em todos os sentidos, porém livre de todos os poderes dos sentidos, destacado, todo sustentador, não dividido em poderes, contudo desfrutando de todos os poderes.

"Dentro e fora de todos os seres, imóvel, entretanto se movendo, imperceptível é Aquele por sua sutileza, Aquele permanece distante, contudo, acessível." (XIII: 22, 14, 15)

"Diz-se que estes corpos temporais pertencem ao eterno senhor do corpo, imperecível e incomensurável" (II:17).

"É dito que os poderes dos sentidos são superiores aos objetos; que a emoção é superior aos sentidos; que a compreensão é superior à emoção; mas Ele é superior à compreensão." (III:42)

Desse modo, a psicologia oriental ocupa-se da causa, do criador, do "si-mesmo"; quer aquele "si-mesmo" seja o ser humano divino, funcionando em

seu próprio pequeno mundo de atividades mentais, emocionais e físicas; quer seja o Ser Maior, no qual seres menores vivem, movem-se e têm sua existência. Afirma que tem seus grandes Exponentes e tem produzido aqueles que afirmam conhecer o "Si-mesmo" e, mediante esse conhecimento, estar em contato com o "Si-mesmo" subjetivo, a Super Alma. Dizem que tais afirmações podem ser substanciadas e comprovadas por aqueles que estudarão seus métodos e se submeterão ao seu treinamento especial. Na esfera do Eu energizador, do espírito que está por trás e além, sua posição é tão clara como a do psicólogo ocidental no reino da forma energizada.

Os defeitos dos dois sistemas são claros e produzem resultados deploráveis em cada caso. O Ocidente dá importância ao mecanismo e sua tendência é negar a alma e um poder motivador inteligente. Para o ocidental, o homem não é mais que a poeira do chão e nunca o espírito de Deus foi soprado em suas narinas. O oriental reconhece o físico, mas o deprecia e, ao fazê-lo, é responsável pelas miseráveis condições físicas que prevalecem no Oriente. Ainda que estes defeitos sejam sérios, não é verdade que também neste terreno a união faz a força?

Se existe o Si-mesmo e isto terá que ser demonstrado e é a Alma divina consciente, não pode, por acaso, ser consciente do plano físico, assim como de suas afiliações divinas? Se é a energia dominante, produzindo toda manifestação e isto, também, terá que ser provado não pode tal energia se adaptar à estrutura que a emprega, de forma tão sábia e significativa que os melhores resultados possam ser alcançados? Não podem unir-se inteligentemente o conhecimento científico do Ocidente sobre a forma, e a sabedoria acumulada e herdada do Oriente sobre a natureza da alma, de modo que se produza, por intermédio do mecanismo, uma perfeita expressão da Alma? Não pode a matéria ascender até a mente e a Alma e o Espírito chamemo-los como quiser e, não pode o Espírito, ao ajudar a elevar esse anseio, aperfeiçoar o veículo por cujo meio se expressa, e brilhar de forma mais radiante?

É com esta esperança que escrevo a esperança de combinar as psicologias materialista e introspectiva e estabelecer a harmonia entre Oriente e Ocidente, e assim demonstrar que, em sua união, estão a força e a realidade.

---

1 - Durant, Will, The Mansions of Philosophy, p. 257.

2 - Pillsbury, W. B., Dr., The History of Psychology, p. 298.

3 - Kohler, Wolfgang, Gestalt Psychology, p. 349.

4 - Durant, Will, The Mansions of Philosophy, p. 376.

5 - Russel, Bertrand, Sceptical Essays, p. 157.

6 - Durant, Will, The Mansions of Philosophy, p. 75

- 7 - Dr. Berman, Louis, M.D., The Glands Regulating Personality, p. 26
- 8 - Prince, Morton, Psychologies of 1925, p. 208
- 9 - Hunter, Walter S., Psychologies of 1925, p. 95.
- 10 - McDougall, William, Psychologies of 1925, p.303.
- 11- Rubin, Herman H., M.D., Your Mysterious Glands, p. 54.
- 12 - Leary, Daniel B., Ph.D., Modern Psychology: Normal and Abnormal, p.
- 13 - Hunter, Walter S., Psychologies of 1925, p. 91.
- 14 - Psychologies of 1925, p. 201, rodapé
- 15 - Dorsey, George A., Why We Behave Like Human Beings, p. 333.
- 16 - Leary, D. B., Ph.D., Modern Psychology: Normal and Abnormal, pp. 6-7
- 17- Hocking, Wm. E., Self, Its Body and Freedom, pp. 17, 18.
- 18 - Prince, Morton, Psychologies of 1925, p. 223.
- 19 - Whitman, Walt, Leaves of Grass, p. 10.

## **AS GLÂNDULAS E O COMPORTAMENTO HUMANO**

O estudo das glândulas está em sua infância. Em toda a literatura sobre este tema, afirma-se que muito pouco se sabe e que a essência interna chamada tecnicamente de "hormônio" particular de qualquer secreção glandular, ainda não foi descoberta, e que este tema está velado por aquele mistério. É verdade que as secreções de certas glândulas foram descobertas, e que se ouve falar correntemente da glândula tireóide, da utilização de seu extrato em certos casos, mas, no que se refere à maioria das glândulas, suas secreções permanecem desconhecidas ou apenas foram parcialmente isoladas.

Sob estas circunstâncias, se um homem inteligente, mesmo não sendo nem médico nem psicólogo, munido de paciência e de um bom dicionário, pode muito bem se aventurar no assunto das glândulas, de suas secreções e de seus efeitos e, após um diligente estudo do material disponível, redigir um relatório sobre o assunto. Tal investigação pode, com efeito, ser muito útil ao público em geral, suprimindo-o com um resumo, simples e acessível, de um importante ramo de pesquisa. Este relatório poderia também ajudar os especialistas, não apenas revelando o efeito que escritos técnicos dessa natureza podem ter sobre os leitores, mas também, em especial, porque uma mente aberta, não saturada por dados científicos, pode frequentemente ter uma melhor perspectiva do assunto como um todo. Isto seria particularmente verdadeiro, se esse não especialista fosse um profundo estudioso das antigas crenças e convicções do Oriente sobre a psicologia em geral.

Ao considerar o sistema endócrino, não é minha intenção descrevê-lo em seus termos e efeitos fisiológicos ordinários, tais como sua relação com o crescimento do corpo, com os cabelos, o coração, o sangue e os órgãos de

procriação. Tudo isso pode ser encontrado em qualquer obra médica, mesmo naquelas publicadas no século passado. Minha intenção, mais propriamente, é expor o que os pesquisadores modernos e avançados, médicos e psicólogos, deduzem de um estudo das glândulas, e o que eles julgam ser o efeito destas sobre o comportamento humano. Quero também verificar as asserções tão frequentemente enunciadas, segundo as quais essas misteriosas secreções internas são responsáveis pelos atos, emoções e mentalidade do homem em suma, pelo homem mesmo. Segundo eles, compreender as glândulas é perceber o homem.

Considerando as glândulas sob esse prisma, utilizarei basicamente citações de obras disponíveis, não apenas porque essas citações darão autoridade às minhas palavras, mas também porque pode-se assim tornar mais claro e mais recente o ponto de vista dado. Uma bibliografia parcial está disponível no final deste livro.

Estas obras, e os pesquisadores treinados como um todo, utilizam uma terminologia que confunde o leitor ordinário. A secreção da glândula tireóide, por exemplo, tem sido denominada "ácido triiodo-trihidro-oxigíndol-propionico"! Na medida do possível, evitarei o emprego de expressões tão jocosas.

Antes de considerar as glândulas propriamente ditas, é importante decidir o que entendemos pelo termo "psicologia". No Ocidente, pelo menos, foi abandonado seu sentido derivativo, já dado, de logos ou lei, de psique ou alma. Dr. Leary nos dá uma definição clara e atual:

"A ciência do comportamento humano, no sentido mais amplo do termo 'comportamento', o sentido que inclui tudo o que os seres humanos fazem, tudo o que eles têm. Nesse sentido, de comportamento, é o comportamento da personalidade integrada, como um todo, que está sendo investigado.

"A psicologia lida com o organismo como um todo, como um indivíduo integrado e orientado em contato com outros indivíduos num ambiente externo complexo, parcialmente físico e parcialmente social, em suma, como uma personalidade.

"O comportamento dos seres humanos, psicologicamente falando, ... reduz a fatos e descobrimentos fisiológicos, em seguida a fatos no campo da biologia, depois a fatos bioquímicos, depois a fatos químicos em geral e então, inevitavelmente, à física como a ciência da matéria em movimento". (1)

A psicologia é, conseqüentemente, a ciência da atividade do homem na condição de organismo vivo, no meio em que se encontra a ciência das relações entre o homem e aquele meio. É a ciência da conduta humana, mas não no sentido ético de conduta correta ou incorreta. É a ciência do comportamento humano, da personalidade. Mas o que se encontra por trás

desse comportamento? Hocking diz: "O eu é, na realidade, um sistema de comportamento. Mas é um sistema de comportamento objetivista que surge de uma persistente esperança. O núcleo do eu é sua esperança". (2)

Esta esperança de que a vida possa tornar-se maior do que ela já fora anteriormente é em verdade uma persistente esperança sabemos, contudo, que para realizá-la, é preciso que nós mesmos ajudemos a alcançar essa realização. Daí vem esse comportamento objetivista do qual fala Hocking.

Há três fatores principais nesse campo do comportamento humano e da personalidade. Primeiro, temos o meio ambiente. Ele é muito mais que um simples fato presente, ou conjunto de fatos, ou um simples cenário passivo no qual se representa o drama. Ele tem sido definido como "tudo o que não é organismo, seja de natureza cultural, social, física, ou de alguma outra natureza, presente de fato ou registrado." (3) Existe em seguida o aparelho humano, particularmente o aparelho de resposta que iremos discutir em maior detalhe. Por último temos a conduta, ou o resultado da inter-relação entre o meio ambiente e o aparelho de resposta, e dado certo meio ambiente e determinado aparelho de resposta, certas linhas de conduta, dizem, são inevitáveis a interação desses três fatores resulta no comportamento humano. Nosso interesse, naturalmente é pelo segundo desses fatores, o aparelho de resposta.

Certos aspectos do mecanismo desse aparelho merecem mais atenção do que outros, notadamente o sistema nervoso e o sistema das glândulas endócrinas, dois sistemas que, no corpo humano, funcionam em estreita coordenação.

E por intermédio do sistema nervoso, talvez a parte mais complexa e mais maravilhosa da estrutura humana, que entramos em contato com nosso meio, o mundo exterior, e que somos adaptados para funcionar nele. Por intermédio desse sistema, tornamo-nos conscientes do que é tangível; e através da rede de nervos, da coluna vertebral e do cérebro, nos tornamos conscientes das informações que nos são constantemente transmitidas. Através de milhões de linhas telegráficas que são nossos nervos, essas mensagens chegam à central de força que é nosso cérebro e transformam-se então misteriosamente em informações. A essas informações respondemos: uma atividade inversa se institui e somos galvanizados à ação.

Juntamente com essa movimentação de energia nervosa que chega e parte, existem atividades paralelas no sistema das glândulas endócrinas (e no sistema muscular) e o entrosamento de atividades é tão intenso que, a menos que as glândulas endócrinas estejam funcionando normalmente, não haverá resposta adequada à informação transmitida, nem transformação de um tipo de energia em outro.

O aparelho de resposta como um todo e o mecanismo correspondente foram resumidos nos seguintes termos:

"Um organismo é um dispositivo de transformação que modifica a energia recebida através dos receptores que chega proveniente do meio ambiente, em energia que sai sob a forma de trabalho muscular e glandular; ao mesmo tempo, como um dispositivo de transformação, ele também se transforma, segundo estes e outros, estímulos de origem interior. Esses dois conjuntos de estímulos e essas duas saídas de energia cooperam no ato completo ou comportamento do organismo." (4)

O sistema nervoso e os músculos podem ser descritos, sem muito rigor, como sendo o aparelho físico de resposta e os meios pelos quais a resposta física ao meio ambiente é expressa, mas o sistema nervoso em conjunto com as glândulas endócrinas podem ser descritos como o aparelho inteligente e emocional de resposta, e os meios pelos quais a verdadeira resposta é expressa.

Afirma-se que esta última interação entre o aparelho e o meio ambiente produz a conduta e o comportamento, que o sentimento e a atividade do pensamento têm sua origem no sistema endócrino e que até a natureza do homem é assim explicada!

"Provavelmente é verdade", continua Dr. Leary, "que, a longo prazo, quando a presente especulação tiver sido substituída por um conhecimento mais adequado e melhor fundamentado, descobriremos que a sede do temperamento encontra-se nas glândulas endócrinas ou em conexão com as mesmas." (5)

Dr. Rubin diz que "estamos agora chegando rapidamente à crença de que tudo o que somos e tudo o que esperamos ser um dia, depende, em grande parte, de havermos ou não nascido com as glândulas endócrinas normais" (6). E Dr. Leary diz: "As emoções são mais estreitamente relacionadas com os interceptores, os músculos lisos e as glândulas endócrinas, do que os instintos" (7). Dr. Cobb nos diz:

"...apenas três e meia gr \* da secreção tireoidiana separam a inteligência e a idiotia. É um pensamento assustador reconhecer que a ausência de um elemento químico possa resultar no fracasso do desenvolvimento da mente e do corpo de um indivíduo" (8).

Em sua introdução, Dr. Cobb também nos diz que:

"A ação das glândulas na determinação da estrutura do corpo é indiscutível; e a perspectiva mental os 'complexos de comportamento' do indivíduo parece depender do bem-estar físico; e, sem dúvida alguma, o bem-estar físico depende da ação exitosa e da interação das diversas secreções glandulares...

"Apesar de estarmos apenas no início desse estudo, já avançamos o suficiente para reconhecer que, assim como certos padrões são formados no corpo por

uma disposição particular das glândulas endócrinas, também a mente recebe sua cota da mesma fonte".

Numa recente palestra, o professor J. S. Huxley diz: "Parece claro que o temperamento, mais importante até que o intelecto puro para alcançar o sucesso, depende em grande parte do equilíbrio das diversas glândulas de secreção interna a tireóide, a hipófise e as outras. Pode até ser que a fisiologia aplicada do futuro venha a descobrir como modificar o temperamento". (10)

No que diz respeito ao temperamento, Dr. Hocking observa:

"Não há a menor razão para duvidar do efeito profundo, sobre o temperamento, exercido pelas glândulas de secreção interna, tais como a tireóide ou as gônadas ou as glândulas suprarrenais. A estimulação de algumas dessas glândulas, ou a injeção de seus produtos, ou a absorção destes, podem produzir mudanças antes consideradas milagrosas. Ao administrar tiroxina a uma vítima do cretinismo, a mesma pode ser trazida a um estado de quase normalidade; se a dosagem for interrompida, ela retorna ao seu estado original. Se a dosagem for incrementada, infelizmente, nem ela nem ninguém passará do estado normal ao de gênio; produzir-se-á apenas outra forma de anomalia. Até agora, as descobertas químicas não justificam qualquer esperança de melhorar o ser humano normal. Existem, de fato, certas drogas que permitem a um indivíduo se sentir como um gênio, mas, a não ser que os resultados sejam avaliados sob a mesma influência, eles são estranhamente decepcionantes. Nós não podemos, pois, ter demasiadas esperanças sobre essas descobertas para o futuro da humanidade. Mas há um sentimento original, no qual a alma tem sua química, e 'uma deficiência de iodo transformará um homem inteligente num idiota.' " (11)

Assim, o estudo das glândulas endócrinas e de seus efeitos não apenas sobre a estrutura física, mas também sobre o comportamento, é de importância vital. Que são então as glândulas? E, especialmente, quês são as glândulas endócrinas frequentemente mencionadas? Dr. Cobb nos diz:

"As glândulas podem ser divididas em dois grupos principais, aquelas que concernem ao sistema de drenagem os linfonodos e aquelas que secretam substâncias para uso no trabalho do corpo. Os linfonodos não nos concernem aqui. O segundo grupo, cuja tarefa é de proporcionar fluidos que, agindo coordenadamente, controlam e regulam os processos do corpo, consiste de duas subdivisões.

"A primeira dessas contém glândulas com canais através dos quais descarregam seu conteúdo. A segunda contém glândulas que não possuem canais e suas secreções são absorvidas diretamente pela corrente sanguínea. Elas são conhecidas como glândulas ou órgãos endócrinos e seus produtos têm



sido chamados de secreções internas. O termo 'endocrinologia' tem sido aplicado ao estudo das glândulas de secreção interna". (12)

O termo "endócrino" deriva da palavra grega "krinein" que significa separar.

Dr. Rubin diz:

"Essas glândulas de secreção interna ou órgãos de secreção são denominadas 'glândulas endócrinas'. Suas secreções são absorvidas diretamente através do sangue e pelas correntes de linfa nutrente o corpo, parece assim, distribuindo suas próprias drogas.

"Essas secreções contêm os 'hormônios' ou mensageiros químicos do organismo que excitam algumas das mais maravilhosas reações que a fisiologia conhece. De fato, foi dito que os hormônios estão para a fisiologia assim como o radium está para a química." (13)

Esse sistema de glândulas endócrinas constitui uma unidade em termos funcionais, trabalhando no mais alto grau de cooperação e interdependência.

Dr. Berman nos diz, "O corpo-mente é uma corporação perfeita. Dessa corporação, as glândulas endócrinas são os diretores.... Por trás do corpo e por trás da mente acha-se este conselho diretor." (14) Em realidade, todas as glândulas trabalham em uníssono. É sabido que elas correlacionam suas atividades, para equilibrar umas às outras, e se diz que, através de seu efeito unido, é dito, que fazem do homem o que ele é.

Elas formam, de fato, um sistema estreitamente entrelaçado, com funções e organismos claramente distintos daqueles de outros sistemas dentro do mecanismo da estrutura humana. O sistema sanguíneo e o sistema nervoso prosseguem em suas próprias atividades, mas são estreitamente ligados ao sistema endócrino. O sangue age misteriosamente como um portador de hormônios peculiares das diferentes glândulas, e o sistema nervoso parece mais especialmente ligado ao desenvolvimento psíquico relativo ao funcionamento normal, ou anormal, das glândulas endócrinas.

Dessa discussão sobre o sistema endócrino, chegaremos naturalmente à questão: Quais são, pois, as glândulas endócrinas, uma por uma?

Começando pela cabeça, e trabalhando de cima para baixo, existem sete glândulas de especial importância a serem listadas. São elas:

Assim, temos distribuída ao longo da cabeça e do tronco uma rede de glândulas importantes que, nos é dito, governam fisiologicamente a estrutura, o crescimento e as transformações químicas do corpo e psicologicamente, são responsáveis pelas reações emocionais e os processos de pensamento do ser humano. Portanto, elas seriam as produtoras de suas qualidades, boas ou más, de seu comportamento e maneira de agir e até de seu caráter.\*

<i>Nome</i>	<i>Localização</i>	<i>Secreção</i>
1. Epífise	Cabeça	desconhecida
2. Hipófise — anterior	Cabeça	desconhecida
posterior		Pituitrina
3. Tireóide	Garganta	Tiroxina
4. Timo	Tórax	desconhecida
5. Pâncreas	Região do Plexo Solar	Insulina
6. Suprarrenais córtex	Atrás dos Rins	Cortisol
medula		Adrenalina
7. Gônadas	Abdômen inferior	dos testículos e dos ovários

Examinaremos agora as sete glândulas mencionadas, porém limitando nossa discussão a seus efeitos mentais e psíquicos.

**1. A Epífise ou glândula pineal** localização, cabeça secreção, desconhecida.

A glândula pineal tem o formato de cone, do tamanho aproximado de uma ervilha; e localiza-se no centro do cérebro, numa pequena cavidade, atrás e acima da glândula pituitária, que se localiza um pouco atrás da raiz do nariz. A glândula pineal é ligada ao terceiro ventrículo do cérebro. Ela contém um pigmento semelhante ao da retina do olho e também grupamentos do que são chamadas "partículas de areia do cérebro". Dr. Tilney diz:

"Numerosas tentativas foram feitas para determinar que função, se existe alguma, o corpo pineal possui. É ele indispensável à vida, ou desempenha algum papel importante a uma fase particular da atividade metabólica? Podemos, talvez, admitir que esse organismo possui uma função no homem e na maioria dos mamíferos. Não é improvável que essa função seja particularmente determinada por uma secreção interna; uma secreção, entretanto, que certamente não é indispensável à vida. A exata influência da secreção pineal permanece obscura." (15)

Tem sido também sugerido que essa glândula regula nossa susceptibilidade à luz, que ela tem um efeito definido na natureza do sexo, que ela está relacionada ao crescimento do cérebro e que seu funcionamento ativo provoca precocidade intelectual, como claramente indicado no caso histórico discutido abaixo. Essa glândula também tem sido chamada o terceiro olho, e o olho dos Ciclopes. Além desses fatos ou conjecturas, os pesquisadores confessam francamente nada conhecerem, e que os experimentos têm produzido pouca

informação. No experimento de ministrar extrato da glândula pineal a crianças e a pessoas deficientes não houve resposta no caso de pessoas com mais de quinze anos de idade, e, a resposta foi contraditória nos demais casos; então a dedução foi impossível.

Até as últimas décadas, pouca atenção havia sido dada à glândula pineal. Então produziu-se o caso, relatado pelo Dr. Berman, de uma criança tratada numa clínica alemã, sofrendo de problemas oculares e dores de cabeça. Ela estava com cinco anos, era adiantada para sua idade e havia aparentemente alcançado o estágio de adolescência. Ela era de uma inteligência anormalmente brilhante, capaz de discutir assuntos metafísicos e espirituais. Ela possuía uma consciência de grupo desenvolvida, e só ficava feliz quando podia dividir o que tinha com os outros. Seu estado piorou rapidamente após sua chegada à clínica, e morreu ao final de um mês. A autópsia mostrou um tumor na glândula pineal. (16)

Como ver-se-á mais adiante, esse caso apresenta um interesse especial, em razão das conclusões dos filósofos orientais.

A maioria dos livros assinala que a glândula pineal é indicada por filósofos antigos como sendo a sede da alma, e faz-se frequentemente referência a Descartes que disse que "no homem, a alma e o corpo encontram-se num único lugar, na glândula pineal, na cabeça".

Será que não haveria um elo real, uma indicação de verdade oculta, na antiga crença segundo a qual a glândula pineal seria a sede da alma, e no fato aparentemente estabelecido que essa glândula é característica da infância e que, mais tarde, ela se atrofia? As crianças crêem facilmente em Deus e reconhecem Sua existência. O Cristo diz que "o Reino dos Céus está em vós" e "a menos que vos torneis como crianças, não entrareis no Reino dos Céus".

Isso faz pensar igualmente na "Ode Evocativa do Sentimento de Imortalidade, Segundo as Lembranças da Tenra Infância", de Wordsworth:

"Nosso nascimento não é senão um sonho e um esquecer; A alma que sobe em nós, a estrela de nossa vida,

Efetua a outra parte do seu poente

E vem de muito longe;

Não em total esquecimento,

E nem também numa nudez completa, Mas carregando nuvens de glória, viemos

De Deus, que é nossa morada: Os céus se acham à nossa volta em nossa infância! As sombras da prisão começam a se fechar

Sobre a criança que cresce, Mas ela percebe a luz e o lugar de onde ela vem

E a vê em sua alegria. O jovem que, em se distanciando a cada dia do Oriente,

Deve viajar, ainda é, contudo, o sacerdote da Natureza,

E na senda ele é acompanhado

Pela esplêndida visão.

Com o tempo, o Homem percebe que ela se apaga E desaparece na luz dos dias ordinários".

A filosofia oriental confirma a existência do possível elo entre a glândula pineal e a alma.

2. A Hipófise localização cabeça tem duas secreções: a pituitrina, oriunda de sua parte posterior, e outra desconhecida, oriunda de sua parte anterior.

O interesse pela hipófise remonta de há séculos; mas, até o fim do século passado, sabia-se tão pouco a seu respeito, que ela era considerada um órgão de secreção externa. De fato, trata-se de duas glândulas' em uma; ela tem o tamanho de uma ervilha e se acha na base do cérebro, a pouca distância da raiz do nariz.

Ela já foi chamada "o caro tesouro da natureza" devido ao fato de repousar em um nicho, como "um crânio no interior de um crânio". Como todas as glândulas, sob uma forma ou outra, ela tem uma estreita relação com o sexo e com certos fenómenos periódicos tais como o sono e a menstruação. É-nos dito que ela é uma glândula de atividade contínua, que consome energia, e que é essencial à vida. Pensa-se que ela estimule as células cerebrais e exerça "uma influência grande e direta sobre a personalidade". Também nos é dito que se seu desenvolvimento for insuficiente, causa, o u pelo menos se acompanha de uma gritante inferioridade moral e intelectual, bem como uma total ausência de autocontrole; se o seu desenvolvimento for satisfatório, ocorre uma atividade mental pronunciada. Ela parece ter uma estreita relação com nossas qualidades emocionais e mentais.

Como já dissemos, a hipófise é, em realidade, duas glândulas numa só. A secreção do lobo posterior é denominada pituitrina.

"O lobo posterior rege os instintos sexuais maternos e sua sublimação, os instintos sociais e criadores... Poder-se-ia dizer que ela vitaliza profundamente as emoções e a ternura... pois todos os sentimentos fundamentais (opostos ao sentimentalismo intelectualizado e autoprotetor), a ternura do coração, a simpatia e a sensibilidade fazem parte de suas funções".

Não se conhece a secreção da hipófise anterior.

"Descreveu-se a hipófise anterior como a glândula da intelectualidade... Por esse termo entendemos a capacidade da mente em dominar o meio por intermédio de conceitos e de ideias abstratas". (17)

O Dr. Berman acrescenta que "a atividade mental é acompanhada por uma crescente atividade da hipófise anterior, se ela for intelectual, e da posterior, se ela for emocional". (18)

Do estudo desses comentários vê-se que as qualidades da personalidade as emoções, seja o instinto maternal partilhado com todos os animais, seja o amor ao próximo ou o amor a Deus são consideradas como dependentes, em grande parte, da condição da hipófise; bem assim, a capacidade de intelectualizar.

Ao encarar o problema sob um ângulo diferente, o estudante da sabedoria oriental demonstra a relativa correção de todas essas inferências.

**3. Tireóide localização, garganta e cuja secreção é a tiroxina.**

Da tireóide, mais é conhecido que da epífise ou da hipófise e, do ponto de vista da sabedoria oriental, isso era previsível. Essa glândula, situada na parte anterior e inferior do pescoço, próximo à laringe, é de grande dimensão. Ela foi outrora uma glândula sexual; frequentemente chamada de "terceiro ovário", ela está sempre implicada em casos relativos a esses órgãos. Nos vertebrados inferiores, ela está nitidamente ligada aos canais dos órgãos sexuais, mas, ao longo da evolução, "essa relação se perde e a tireóide se desloca cada vez mais em direção à cabeça, para se tornar o grande elo entre o sexo e o cérebro". (19) É-nos dito também que ela preside a diferenciação dos tecidos e que ela tem um poder antitóxico, prevenindo os envenenamentos e tornando maior a resistência ao veneno.

Mas, acima de tudo, a glândula tireóide controla o metabolismo da energia. Ela já foi chamada o lubrificante eficaz da transformação da energia, e ela é o grande catalisador da energia no corpo. Ela controla a velocidade da vida e constitui a chave do sistema endócrino. Ela é indispensável à vida.

Graças ao trabalho com anormais, retardados e idiotas, os pesquisadores, segundo o Dr. Berman, chegaram à seguinte conclusão:

"Sem a tireóide, não pode haver complexidade de pensamento, nem aprendizado, nem educação, nem formação de hábitos, nem energia de resposta às situações, nem desenvolvimento físico de faculdade e de função, nem reprodução da espécie; não haveria nem sinal de adolescência na idade habitual, nem manifestação das tendências sexuais que normalmente se seguem." (20)

"Também nos é dito que a sensibilidade, a possibilidade de discernir entre os diferentes graus de sensação e a acuidade das percepções constituem outras faculdades da glândula tireóide. A tireóide muito desenvolvida tanto torna a pessoa mais energizada como mais sensível; o homem sente melhor as coisas, percebe o sofrimento mais rapidamente, pois ele alcança mais rápido o estágio onde o estímulo afeta o seu sistema nervoso". (21)

Como a hipófise, a tireóide tem estreitas relações com a memória.

"... a hipófise parece ter relação com a preservação daquilo que conserva a memória... A memória da tireóide aplica-se particularmente à percepção e aos

preceitos, a da hipófise à concepção (leitura, estudo, pensamento) e aos conceitos". (22)

4. Timo localização, tórax e cuja secreção é desconhecida.

Praticamente nada se sabe dessa glândula, que é uma das mais misteriosas. Como a glândula pineal, ela é considerada como uma glândula da infância, mas ambas escaparam a todas as pesquisas até aqui.

O timo está situado no peito e abarca a parte superior do coração; ele está possivelmente ligado à nutrição e ao crescimento; parece haver uma relação com a ausência do senso de responsabilidade própria da infância; nos casos em que o timo continua ativo na fase adulta, o homem demonstra irresponsabilidade e amoralidade.

5. Pâncreas localização, região do plexo solar cuja secreção é a insulina.

A maior parte das informações concernentes ao pâncreas é de ordem estritamente fisiológica e, conseqüentemente, não serão aqui consideradas. É suficiente dizer que ele está situado no abdômen, próximo ao plexo solar (cérebro da natureza animal instintiva) e que ele está estreitamente relacionado com a "mobilização da energia para fins físicos e mentais. Ele produz duas secreções; uma está ligada ao processo de digestão, e a outra ao metabolismo do açúcar. Se as células não tiverem uma quantidade suficiente de açúcar, nenhum trabalho muscular ou nervoso, essencial na luta pela vida, é possível".

(23)

6. As glândulas suprarrenais situadas sobre os rins a secreção de sua córtex é desconhecida, (NT) e a de sua medula é a adrenalina.

Essas glândulas são duplas e situadas a cada lado do abdômen, sobre e por trás dos rins. elas agem sobre o crescimento geral e o das células cerebrais. A substância cortical (à qual nenhum nome foi dado) é uma das fontes da secreção interna que produz a maturidade.

As glândulas suprarrenais são essencialmente glândulas da combatividade. Elas produzem a reação poderosa e imediata que manifestam os homens face ao perigo e à cólera, e sua secreção é estimulada em momentos de emergência. A dor, a raiva e o medo têm um nítido efeito sobre sua secreção, e nos é dito, "todas as evidências apontam para a medula como a secretora da substância que gera o fenômeno do medo (24) e à sua córtex tão dominante nas reações de raiva.

E também:

"A coragem está tão estreitamente ligada ao medo e à cólera, que, em qualquer discussão, eles se acham sempre associados. A coragem é geralmente considerada como a emoção oposta ao medo. Isso indicaria que a coragem é simplesmente uma inibição do trabalho das suprarrenais. Em realidade, o mecanismo da coragem é mais complexo. É preciso distinguir a coragem

animal da coragem deliberada. O primeiro é, literalmente, a coragem do animal. Conforme já observado, os animais possuindo a maior quantidade de córtex suprarrenal são batalhadores, agressivos, preparados para atacar; são os reis das florestas e das planícies. A emoção que eles sentem é provavelmente a cólera, acompanhada de um desejo de sangue, sem preocupação das consequências. Para eles, o objeto que eles atacam age como um pano vermelho agitado frente ao touro; ele estimula poderosamente a secreção da córtex suprarrenal e essa injeção no sangue acende, por assim dizer, o instinto da cólera. Na coragem deliberada, há mais do que instinto. Existe uma manifestação da vontade. Ao admitir que, sem a córtex suprarrenal a verdadeira coragem seja impossível, é preciso atribuir à hipófise anterior o principal mérito da coragem. Em realidade, é a mistura de sua secreção com a da córtex suprarrenal que produz a verdadeira coragem. São, pois, sobretudo os homens pertencentes ao tipo pituitário anterior que realizam os atos de coragem". (25)

7. As gônadas, situadas no abdômen inferior, e cuja secreção é a dos testículos e dos ovários.

As gônadas são as glândulas sexuais de secreção externa, mas sabe-se que elas têm igualmente uma secreção interna. Sua principal secreção serve à reprodução. Não é necessário estender os efeitos dessas glândulas sobre a personalidade. O impulso sexual e seus diversos efeitos secundários, físicos e psíquicos, são bem conhecidos, e são objeto de numerosos estudos; esses estudos, relativos sobretudo às perversões e às inibições, mostraram-se de vital importância para a compreensão da humanidade. Certos psicólogos atribuem todas as reações humanas físicas, emocionais e mentais ao sexo e somente ao sexo; por trás das opiniões extremas, sabemos que há um fundo de verdade. Outros psicólogos consideram que o sexo desempenha importante papel, mas ele não explica tudo. A sabedoria oriental oferece uma explicação que merece consideração, e que exporemos quando do estudo dos centros de força e sua relação com as glândulas.

De tudo o que precede, e também a partir dos livros e artigos escritos sobre o assunto, podemos dar o breve resumo abaixo.

Todo o assunto está ainda no estágio experimental, e ainda muito resta a fazer. Existe, contudo, uma estreita relação entre as glândulas e uma certa similitude de funcionamento; a maioria delas age sobre o metabolismo e o crescimento; todas parecem estreitamente ligadas à vida sexual. Enfim, elas aparentemente determinam o tipo e o temperamento da personalidade.

Por mais experimental que seja a ciência, parece que enfim o homem foi compreendido e psicanalisado. Esses processos das emoções e dos conceitos mentais, intangíveis e difíceis de perceber, são agora explicados com relação à

matéria. O homem é classificado segundo o funcionamento de suas glândulas e do sistema nervoso, segundo o funcionamento (bom ou ruim) do aparelho de contato e de resposta. Um santo pode se tornar um pecador, e o pecador, um santo, simplesmente aumentando ou diminuindo certas secreções internas; conseqüentemente, o homem não é nem melhor nem pior que o equipamento com o qual ele veio ao mundo; e o seu mecanismo é a perfeita expressão disso. Ele pode melhorá-lo ou deteriorá-lo, mas esse aparelho constitui o fator determinante. O livre arbítrio é eliminado e a imortalidade negada. O que o homem pode fazer de melhor é trabalhar para ser feliz, e também, assumir a responsabilidade de construir corpos melhores para que as próximas gerações possam ser psiquicamente melhores.

Estejamos ou não de acordo com essas conclusões, podemos ao menos admitir que, sendo o mecanismo objeto de todo esse estudo, deveria ser finalmente possível determinar as leis e os métodos permitindo a construção de corpos perfeitos que, por sua vez, tornar-se-iam instrumentos permitindo que uma perfeita natureza psíquica funcionasse.

Mas serão todas essas conclusões relativas às glândulas endócrinas realmente corretas? O homem, em sua grande linha, terá sido classificado, catalogado, nada mais restando a fazer senão preencher certos espaços nesse esquema geral? Quem pode dizê-lo? Creio que a solução pode ser dada pela resposta a duas questões: a primeira relativa ao indivíduo e a segunda relativa ao todo.

No que concerne ao indivíduo, às glândulas e às funções glandulares serão as causas primeiras, ou simplesmente efeitos ou meios? Será que não existe, em realidade, por trás delas, algo de maior? Em cada um de nós não existiria uma alma, agindo por meio do mecanismo físico e psíquico? Em resumo, São Paulo não teria razão ao dizer que o homem tem um corpo físico e um corpo espiritual, deixando entrever que a glória do corpo físico é uma coisa, e que a glória do corpo espiritual é uma outra?

No que concerne à segunda e mais ampla questão, será que um simples mecanismo é tudo o que constitui a existência e toda a sua finalidade e nossa única estrela guia do aperfeiçoamento desse mecanismo? Então, justifica-se a afirmativa "então comamos e bebamos, pois amanhã morreremos". Será que não há em nós um eu mais sutil denominado espírito ou alma ou outra coisa mas um eu que faça parte de um todo transcendente chamem-no Deus, como o faz a religião, ou Superalma como o faz Emerson, ou por qualquer outro nome mas de toda maneira um todo transcendente, cuja glória e irradiação ultrapassa toda compreensão? Será que não poderíamos um dia ser Uno com Aquilo, a expectativa dessa união conduzindo sempre para frente? O que é corruptível, não será um dia incorruptível? O que é mortal não poderá se tornar imortal? Será que a morte jamais será vencida?



Para achar respostas a essas questões, voltemo-nos agora para a Sabedoria Oriental.

- 1 - Leary, Daniel B., Modern Psychology: Normal and Abnormal, pp 10, 14, 18.
- 2 - Hocking, Wm. E., Self, Its Body and Freedom, p. 46
- 3 - Leary, Daniel B., Modern Psychology: Normal and Abnormal, p 45
- 4 - Leary, Daniel B., Modern Psychology: Normal and Abnormal, p.
- 5 - ibidem, p. 189.
- 6 - Rubin, H.H., Your Mysterious Glands, p. 10.
- 7 - Leary Daniel B., Modern Psychology: Normal and Abnormal, p. 61.
- \* gr. - abreviatura de grain, menor unidade britânica para medida de peso, equivalente a 0,0648 gramas - N. do Trad.
- 8 - Cobb, I.G., M.D., The Glands of Destiny, p. 5.
- 9 - ibidem
- 10 - Cobb, I.G., M.D., The Glands of Destiny, pp 11, 12
- 11- Hocking. W.E.. Self. Its líody and Freedom. pp 58,59
- 12 - Cobb. I.G., M D., The Glands of Destiny, p. 1.
- 13 - Rubin, H.H., M.D. Your Mysterious Glands, pp. 8,9.
- 14 - Berman. Louis, M.D., The Glands Regulating Personality, pp. 96,97
- \* Obs.: Desde que este capítulo foi redigido, os experimentos com as glândulas endócrinas prosseguiram. As informações dadas aqui não são finais nem conclusivas, mas os postulados fundamentais do Autor permanecem intocados. F.B.
- 15 - Tilney. Frederick. M.D., The Pineal Gland, pp. 537, 542.
- 16 - Berman, Louis, M.D., The Glands Regulating Personality, p. 89.
- 17 -Berman, Louis, M.D., The Glands Regulating Personality, p. 178.
- 18 - Ibidem, p. 236
- 19 - Berman, Louis, M.D., The Glands Regulating Personality, p. 46.
- 20 - Berman, Louis, M.D., The Glands Regulating Personality, p.. 55.
- 21- Berman, Louis, M.D., The Glands Regulating Personality, p. 180.
- 22 - Ibidem, p. 182
- 23 - Berman. Louis, M.D., The Glands Regulating Personality, p. 93.
- NT - levar em consideração a época em que o livro foi escrito -
- 24 - Berman, Louis. M.D.. The Glands Regulating Personality, p. 76.
- 25 - Ibidem p. 177.

## A TEORIA DO CORPO ETÉRICO

O psicólogo oriental começa pelo que o Ocidente considera como hipotético. Ele enfatiza a natureza espiritual do homem e crê que a própria natureza psíquica seja o resultado de uma atividade espiritual. Ele afirma que tudo o que se vê objetivamente não é senão a manifestação exterior de energias subjetivas e interiores. Ele considera todos os mecanismos do cosmos e do homem como efeitos e pensa que a ciência trata apenas dos efeitos. Sua posição pode ser resumida da seguinte maneira:

Primeiro: Nada existe além da energia; e ela funciona por meio de uma substância que interpenetra e cria todas as formas e que é semelhante ao éter do mundo moderno. A matéria é energia ou espírito em sua forma mais densa, e o espírito é a matéria em seu aspecto mais sublimado.

Segundo: Como todas as formas são interpenetradas pelo éter, cada forma possui uma forma etérica ou um corpo etérico.

Terceiro: Assim como o minúsculo átomo tem um núcleo positivo, ou núcleos positivos, bem como aspectos negativos, assim também em cada corpo etérico acham-se centros positivos de força em meio à substância negativa. O ser humano possui também um corpo etérico, que é positivo em relação ao corpo físico negativo, que impulsiona esse corpo à ação e age como sua força de coesão, mantendo-o vivo.

Quarto: O corpo etérico do homem tem sete núcleos principais de energia, através dos quais fluem diversos tipos de energia, produzindo sua atividade psíquica. Esses núcleos são ligados ao sistema cérebro-espinhal, e a base dessa atividade psíquica ou sede da alma encontra-se na cabeça. O princípio que rege o conjunto acha-se pois na cabeça e, deste centro, todo o mecanismo deveria estar dirigido e vitalizado por meio dos seis outros centros de força.

Quinto: Somente certos centros funcionam no homem, atualmente; os outros ainda não estão despertos. Num ser humano perfeito, todos os centros são ativos e levam a um desenvolvimento psíquico perfeito e a um perfeito mecanismo.

A importância que o Oriente dá à energia espiritual, e a que o Ocidente dá à estrutura ou ao mecanismo justificam plenamente a natureza psíquica do homem, tanto em seus aspectos superiores quanto em seus aspectos inferiores. Se se quiser fundir a concepção vitalista do oriente e a concepção mecanicista do ocidente, cobrindo assim o vazio que os separa, é preciso demonstrar a existência do corpo etérico.

O sistema oriental é abstruso e complexo; ele não pode ser resumido. Contudo, é preciso fazer uma breve introdução sobre ele e indicar suas grandes linhas. Será um trabalho incompleto, mas por outro lado, se ele der uma ideia geral desse sistema, ainda que breve, isso atenderá aos nossos objetivos.

Neste relato, faremos afirmações definidas em vez de continuamente repetirmos que "o psicólogo oriental pensa", que "os orientais declaram" e outras fórmulas semelhantes. Basta reconhecer de uma vez por todas e deliberadamente que o pensamento oriental deve ser apresentado ao Ocidente como uma hipótese, a ser submetido à prova, o que demonstrará seu valor, ou então determinará sua rejeição.

Após essa introdução, descreveremos as grandes linhas da teoria oriental.

Existe uma substância universal, fonte de tudo, tão sutil, tão refinada, que ela está verdadeiramente além do que a inteligência humana pode realmente compreender. Comparados a esta substância, os perfumes mais delicados, o eclodir dos raios de sol, a glória púrpura do sol poente não são senão matéria terrestre grosseira. É uma "rede de luz" sempre invisível ao olho humano.

A palavra-chave "substância", que sugere algo de material, não é apropriada. É oportuno reportá-la a suas raízes latinas, "sub" que significa por baixo e "stare", que significa manter-se. Portanto, a substância é o que se acha por baixo, o que é subjacente.

Por mais sutil e fugaz que ela seja, esta substância universal é contudo, num certo sentido, mais densa que a própria matéria. Se se pudesse conceber um agente fora da substância universal hipótese contrária a todos os fatos e todas as possibilidades e se um tal agente externo buscasse comprimir a substância universal ou influenciá-la de alguma outra maneira a partir do exterior, descobrir-se-ia então que a substância é mais densa que qualquer outro material conhecido.

Inerente à substância e formando sua perpétua contraparte, existe a vida, a vida que jamais cessa. A vida e a substância são uma única e mesma coisa, para sempre inseparáveis, mas ao mesmo tempo aspectos diferentes da mesma realidade. A vida é como a eletricidade positiva, e a substância, a negativa. A vida é dinâmica e a substância, estática. A vida é atividade ou espírito, a substância é forma ou matéria. A vida é o pai que produz, a substância é a mãe que concebe.

Além desses dois aspectos, existe um terceiro. A vida é atividade teórica ou potencial; ela necessita de um campo de ação. A substância fornece isto e na união da vida e da substância surge a flama da energia ativa.

Assim, temos uma única realidade, a substância universal; mas, ao mesmo tempo, uma dualidade coexistente a vida e a substância, e ao mesmo tempo uma trindade coexistente, a vida, a substância e a atividade recíproca que daí resulta, e é o que chamamos consciência ou alma.

Todo o mundo manifestado provém da energia (e dos fatores concomitantes, a substância e a consciência). Tudo o que podemos ver desde o menor grão de areia até a imensidão dos céus estrelados, do selvagem ao Buda ou ao Cristo.

são produtos da energia. A matéria é a energia na sua forma mais densa ou mais baixa; o espírito é essa mesma energia em sua forma mais alta ou mais sutil. A matéria é pois o espírito cadente e degradado; reciprocamente, o espírito é a matéria ascendente e glorificada.

À medida que se torna mais densa, a energia desce nos sete graus ou planos. O homem manifesta três. Ele tem um corpo físico, um corpo emocional e um corpo mental; ele funciona conseqüentemente em três planos, ele é consciente em três planos, os planos físico, emocional e mental. Ele está a ponto de reconhecer um quarto fator, mais elevado, a Alma, o Self, ou Si-mesmo, e brevemente ele tomará consciência dela. Os três planos superiores dispensam comentários nesta discussão elementar.

Cada um dos sete planos é subdividido em sete subplanos. Só trataremos aqui dos sete subplanos do plano mais baixo, o plano físico

Todo mundo conhece os três subplanos do plano físico, os subplanos sólido, líquido e gasoso, (por exemplo, o gelo, a água e o vapor). Além destes, existem quatro subplanos mais sutis, ou então quatro diferentes formas de éter; eles coexistem com cada um dos três subplanos bem conhecidos, e os interpenetram.

O corpo físico do homem não faz exceção. Ele tem também sua contraparte etérica, seu corpo etérico positivo, ao passo que o corpo físico denso é negativo. O corpo etérico é o fator de coesão que mantém o corpo físico em vida.

A contraparte etérica de um homem, ou de qualquer coisa física, é composta de substância universal, de vida universal e de energia universal; ela faz parte desses três elementos, mas ela não tem vida independente, nem é autosuficiente. Ela é alimentada pelo reservatório de energia universal, do qual ela é a vida, o movimento e o ser. É pois por meio do corpo etérico que funciona a energia.

Isto é igualmente verdadeiro para o homem. A energia universal funciona através de seu corpo etérico. Como o homem existe em sete planos, o corpo etérico tem pois sete pontos de contato com a energia; mas como apenas três planos estão em atividade, os quatro outros estando ainda adormecidos, existem apenas três centros de força que estão completamente desenvolvidos e quatro que não estão. Falaremos disso mais tarde.

Ao tentarmos aproximar as duas escolas, pode-se naturalmente questionar: a ciência ocidental corrobora a teoria oriental?

Um sábio tão notável quanto Isaac Newton aceita sem discutir a existência do éter como intermediário universal. No último parágrafo de sua obra "Principia", ele escreve:

"Poderíamos acrescentar algo relativo a um certo espírito dos mais sutis que penetra e se acha em todos os corpos; por sua força e sua ação, as partículas dos corpos atraem-se mutuamente a pequena distância e juntam-se se elas são contíguas; e os corpos elétricos operam a distâncias maiores, tanto repelindo quanto atraindo os corpúsculos vizinhos; a luz é emitida, reproduzida, refratada, refletida, e aquece os corpos; todas as sensações acham-se estimuladas, e os membros dos corpos animais movem-se e obedecem às ordens da vontade pelas vibrações desse espírito que são propagadas ao longo dos filamentos dos nervos, dos órgãos externos dos sentidos ao cérebro, e do cérebro aos músculos. Mas essas coisas não podem ser explicadas em poucas palavras, nem dispomos de experiência suficiente para determinar e demonstrar com rigor as leis que regem a atividade desse espírito elétrico e elástico."(1)

Pode-se concluir, do texto acima, que Newton reconhecia a existência do corpo etérico subjacente a todas as formas, inclusive a humana.

Como Newton não é mais tão atual, consultemos uma recente edição de Enciclopédia Britânica (1926). O que se segue é dado sob o título "éter".

"Sob uma forma ou outra, debateu-se frequentemente a questão de saber se o espaço constitui uma simples abstração geométrica, ou se ele tem propriedades físicas definidas que podem ser examinadas. No que diz respeito às partes ocupadas pela matéria, quer dizer, de substância que lança mão dos sentidos, não há nenhuma dúvida; pode-se dizer que toda a ciência não é senão o estudo das propriedades da matéria. Mas de tempos em tempos a atenção foi dirigida para porções intermediárias do espaço onde a matéria tangível está ausente; pois elas têm também propriedades físicas das quais apenas se começou a fazer uma investigação completa.

"Essas propriedades físicas não apelam diretamente aos sentidos e são, portanto, relativamente obscuras; mas não se pode duvidar de sua existência; mesmo nos meios onde ainda se prefere denominá-lo de 'espaço'. Mas um espaço dotado de propriedades físicas é mais que uma abstração geométrica; e é mais fácil pensar nele como uma realidade substancial para a qual um outro nome seria mais apropriado. O termo utilizado importa pouco, mas há muito tempo que se inventou o termo ÉTER; foi adotado por Isaac Newton e também serve para nós. Esse termo significa portanto a existência de uma verdadeira entidade que ocupa todo o espaço, sem interrupção, única realidade física onipresente, que é considerada cada vez mais como aquilo de que consiste tudo no universo material; a própria matéria, provavelmente, não é senão uma de suas modificações....

"Assim, um éter é necessário para transmitir o que é chamado força de gravidade entre dois fragmentos de matéria, e também com o intuito, mais

importante e universal, de transmitir ondas de radiação entre diferentes fragmentos da matéria, por menores que sejam e mais distanciados que estejam...

"Provavelmente não se poderá expressar as propriedades do éter tendo a matéria como base; mas, já que não temos ponto de referência melhor, devemos proceder por analogia para podermos falar da elasticidade e da densidade do éter como sendo o que, se se tratasse de matéria, seria chamado por esses nomes. Não sabemos ainda o que esses termos expressam realmente; mas se a matéria atômica for, como se admite agora, uma estrutura no éter, tem-se todas as razões para dizer que, em certo sentido, o éter é muito mais denso que qualquer substância material conhecida....

"A matéria pode, pois, ser comparada a uma estrutura de redes num meio bastante substancial.... "(2)

Esses pontos de vista são retomados e comentados por outros sábios reputados.

O Dr. Burt citava Henry More, especialista em Platão no século XVII:

"Eu me pergunto, pois, se seria indigno para um filósofo perguntar a um outro filósofo se não existe na natureza uma substância incorpórea que, ao mesmo tempo que imprimisse num corpo todas as qualidades do corpo, ou pelo menos a maioria delas, como o movimento, a forma, a posição dos elementos que o compõem, etc... seria ainda capaz (já que é quase certo que essa substância desloca e pára os corpos) de acrescentar tudo o que implicam semelhantes movimentos; quer dizer unir, dividir, dispersar, ligar, formar pequenas partes, ordenar as formas, animá-las com um movimento circular, se elas são capazes, ou movê-las de qualquer modo, parar sua corrida circular, ou fazer com elas o que seria necessário para produzir, segundo vossos princípios, as luzes, as cores e os outros objetos percebidos pelos sentidos... Finalmente, uma substância incorpórea tendo o maravilhoso poder de agregar e dissipar a matéria, de combiná-la, de dividi-la, de projetá-la para a frente e ao mesmo tempo de mantê-la sob controle, permanecendo ela mesma, sem ligações, sem projeções nem outros instrumentos; é provável que essa substância possa entrar novamente nela mesma, já que nada há que a torne impermeável, e que ela possa dilatar-se e novamente recomeçar. "

Comentando a posição de Henry More, E. A. Burt acrescenta:

"Nessa passagem, More prossegue seu raciocínio partindo da existência de uma substância incorpórea nos seres humanos à suposição da existência de uma substância incorpórea, semelhante mas mais vasta, na natureza como um todo, pois ele estava convencido que os fatos científicos mostravam que a natureza, da mesma forma que o homem, não é mais que uma simples máquina. "(3)

Escrevendo igualmente no século 17, Robert Boyle propôs a mesma hipótese, e dotava o éter de duas funções: propagar o movimento por impulsos sucessivos, e ser um intermediário pelo qual manifestam-se curiosos fenômenos, tais como o magnetismo. Ele dizia:

"Aquele que afirmam a existência de uma semelhante substância no universo, trarão como provas, provavelmente, vários fenômenos dos quais vou falar; mas não tratarei da existência de uma matéria correspondendo exatamente às descrições que fazem do primeiro e do segundo elemento, ainda que diversas experiências pareçam provar a existência de uma substância etérea extremamente sutil e bastante difusa."(4)

Voltando aos tempos modernos, William Barret diz: "O universo nos mostra, através de um conjunto de fenômenos físicos, vitais e intelectuais que o elo existente entre o mundo do intelecto e o da matéria é o mundo da vitalidade organizada, ocupando todo o reino animal e vegetal; por meio dele, de uma maneira incompreensível para nós, movimentos nascem entre as moléculas da matéria, de um caráter tal que parecem colocá-los sob o controle de um agente não físico, transcendendo as leis ordinárias que regem os movimentos da matéria inanimada; em outros termos, ele gera movimentos que não resultariam da ação dessas leis. Esse princípio implica, conseqüentemente, a origem da força".

O ensinamento do Oriente considera o corpo vital como o intermediário entre o físico e o intelectual; ele age como órgão da mente no ser humano, e da Mente universal em um sistema solar. É interessante observar, a esse respeito, a enumeração que faz W. Barrett: "físico, vital e intelectual".

Oliver Lodge foi frequentemente criticado por suas ideias a respeito da comunicação entre os vivos e os mortos; mas no que concerne à ciência pura, ele está na linha de frente dos sábios de seu tempo. Ele diz:

"Que dizer do éter, que mantém juntos os átomos, que os solda, que é essencial na configuração característica de um corpo, e que é tão essencial quanto a própria matéria?

"Geralmente, não nos ocupamos do aspecto etérico de um corpo: não temos nenhum órgão nem nenhum sentido que nos permita avaliá-lo; somente percebemos diretamente a matéria. Esta, nós percebemos claramente quando somos crianças, mas ao crescermos, inferimos também o Éter; pelo menos alguns de nós o fazem. Sabemos que um certo corpo, tendo uma certa forma, não pode existir sem as forças de coesão não pode pois existir sem o Éter querendo dizer por Éter, agora, não a totalidade, mas a sua parte imaterial, a parte que é a região da tensão, o receptáculo da energia potencial, a substância na qual se acham embebidos os átomos de matéria. Não apenas existe um corpo material, mas há também um corpo etérico; ambos coexistem."(6)

O. Lodge trata ainda desse mesmo assunto em um artigo que apareceu no Hibbert Journal; ele dá ali sugestões e tira conclusões do mais alto interesse:

"A luz é um atributo do éter. A luz está para o éter assim como o som está para a matéria... O éter, sujeito a todas as leis do tempo e do espaço, inteiramente submetido às leis da energia, em grande parte fonte da energia terrestre, governando todas as manifestações das forças físicas, na base da elasticidade, da tenacidade e de toda outra propriedade estática da matéria, apenas começa a assumir seu justo lugar no esquema da física...

"As cargas elétricas, compostas de éter modificado, serão reconhecidas como sendo o material de construção cósmico... Existe uma grande quantidade de éter não diferenciado que preenche todo o espaço e no qual se produz tudo o que é material. Através de toda a Física se acha a dualidade: éter e matéria.

"Toda energia cinética pertence ao que denominamos matéria, seja sob a forma atômica, seja corpuscular; o movimento ou a locomoção é sua característica. Toda energia estática pertence ao éter não modificado e universal; suas características são a tensão e o esforço. Incessantemente, a energia passa e repassa de um ao outro do éter à matéria e vice-versa e é nessa passagem que o trabalho se realiza.

"É provável que todo objeto tangível possua ao mesmo tempo uma contraparte material e uma outra etérica. Nossos sentidos só têm consciência de um único aspecto; é preciso deduzir o outro. Mas a dificuldade de perceber este outro aspecto a necessidade de inferir indiretamente depende sobretudo da natureza dos órgãos sensoriais, os quais nos ensinam sobre a matéria, mas não sobre o éter. E contudo um é tão real e substancial quanto o outro, e suas qualidades fundamentais são a coexistência e a interação. Não a interação sempre e em toda parte, pois muitas zonas são sem matéria, apesar de que não há zona sem éter. Mas em todos os lugares prevalece a potencialidade da interação e frequentemente sua realidade é evidente; ela constitui o conjunto de nossas experiências do mundo. "

Em uma nota suplementar a esse artigo, o autor acrescenta:

"O éter pertence ao quadro físico das coisas e ninguém pensa que ele seja uma entidade psíquica, mas ele tende provavelmente a se servir dos objetivos psíquicos, assim como faz a matéria. Os professores Tait e Balfour Stewart supunham e davam, já em 1875, um significado psíquico; numa obra muito criticada, "o Universo Invisível", eles o consideravam de um ponto de vista religioso. Em seu artigo sobre o "Éter" que apareceu na nona edição da Enciclopédia Britânica, o grande matemático e físico James Clerk Maxwell concluía por uma expressão de fé, não nessa hipótese, sobre a qual ele se mostrava muito prudente, mas na real existência de um meio de ligação



universal supra-sensível, e na probabilidade de que houvesse um grande número de funções insuspeitadas. "(7)

O Dr. Sajous, professor de Endocrinologia na Universidade da Pensilvânia, afirma sua crença nesse meio universal, nos seguintes termos:

"Parece claro que a necessidade de um meio primário inteligente, coordenador e criativo afirma-se por todos os lados...

"O éter, tal como interpretado pelos cientistas, preenche todas essas condições e é o único meio conhecido pela ciência que é capaz de fazê-lo. Ele é invisível, penetra em qualquer matéria e se espalha pelo espaço por movimentos de ondas, e no universo ele não tem limites. Ele não oferece praticamente nenhuma resistência à energia irradiante, nem mesmo à luz do sol e das estrelas mais longínquas que se pôde descobrir. É o meio que transmite as ondas "rádio", as ondas da telegrafia sem fio, os raios de Becquerel, os raios X ou de Roentgen, etc...

"O éter é dotado de um poder criador no espaço e sobre a terra... Conseqüentemente, o éter do espaço constrói os sistemas solares como ele constrói a matéria, com inteligência e coordenação, e ele dota todos os elementos químicos que ele forma, das propriedades que nós conhecemos... "(8)

C. Joad, da Universidade de Oxford, descreve-nos as atividades dessa força vital, desse "estado de vida" que anima a matéria, e nos mostra a relação entre a vida e a forma. Ele se aproxima, de fato, muito de perto da teoria oriental da contraparte etérica e da energia que funciona por seu intermédio.

"A Força da Vida. Suponhamos que, inicialmente, o universo fosse puramente material. Ele era caótico, obscuro, sem vida, sem energia e sem objetivo. Nesse universo inorgânico, num determinado momento, introduziu-se, de uma fonte ignorada, um princípio de vida; por "vida" quero dizer algo que não pode ser explicado em termos de matéria. Cego e oscilante no início, simples ímpeto ou impulso instintivo, este princípio busca em seguida expressar-se pela luta para alcançar um nível de consciência cada vez mais elevado. Podemos conceber o objetivo último da força de vida como sendo a conquista de uma consciência total e universal, que só poderá ser obtida por uma penetração de todo o universo pela vida e a energia, de modo que tendo começado por ser um mundo de "matéria", o universo possa terminar por se tornar o mundo de "mente" ou "espírito". Na matéria e por meio dela, esse princípio trabalha com esse objetivo, infundindo e penetrando a matéria com seu próprio princípio de vida e de energia. A essa matéria assim infundida damos o nome de organismos vivos, que devem ser considerados como instrumentos que a força de vida cria a fim de ajudá-la a alcançar seus objetivos. Como o próprio universo, cada organismo vivo é formado por uma

essência de matéria animada pela vida, de maneira bem semelhante ao fio carregado de uma corrente elétrica. É uma corrente de vida isolada em um fragmento de matéria.

"A força de vida está longe de ser todo-poderosa. Ela é limitada pela matéria que ela busca dominar: seus métodos são de natureza experimental, variando segundo o estágio de evolução alcançado nos organismos que ela criou. Diferentes tipos de seres servem melhor ao seu propósito em diferentes estágios". (9)

Will Durant, sem dúvida nenhuma o mais popular autor de obras filosóficas, diz o seguinte:

"Quanto mais estudamos a matéria menos ela nos aparece como fundamental, mais nós a percebemos como sendo simplesmente o lado externo da energia, assim como a nossa carne é o aspecto externo da vida e da mente... No coração da matéria, dando-lhe forma e poder, acha-se algo que não é material, que possui sua própria espontaneidade e sua própria vida; e essa vitalidade sutil, oculta e, contudo, sempre revelada, é a essência final de tudo o que conhecemos... Em primeiro lugar, e interiormente, existe a vida; a matéria, com ela coexistindo no tempo, e inextricável no espaço, lhe é inferior em essência, em lógica e em importância; a matéria é a forma e o lado visível da vida...

"A vida não é uma função da forma, e sim sua geradora; o peso e a solidez da matéria são o resultado e a expressão da energia intra-atômica, e cada músculo ou cada nervo do corpo é o instrumento modelado do desejo." (10)

Esses livros e cientistas mostram que a doutrina oriental, que considera o corpo etérico como o intermediário de uma força vital, da energia ou da vida, não é o vago sonho de um povo propenso ao misticismo, mas considerado como um fato natural por inúmeros pesquisadores ocidentais com senso prático.

Poderíamos resumir assim nossas ideias:

Por trás do corpo objetivo acha-se uma forma subjetiva formada de matéria etérica que age como condutor do princípio de vida, ou energia, ou prana. Esse princípio de vida é o aspecto força da alma; a alma anima a forma por meio do corpo etérico, dá-lhe suas qualidades e atributos particulares, imprime sobre ela seus desejos e finalmente dirige-a pela atividade da mente. A alma, por intermédio do cérebro, leva o corpo à atividade consciente, e por intermédio do coração, todas as partes do corpo acham-se permeadas de vida.

Essa teoria tem íntima correspondência com a teoria animista ocidental e nós a ela retornaremos. Até agora, o termo "animismo" foi suficiente; mas é provável que ele venha a ser substituído por "dinamismo", devido aos desenvolvimentos da própria consciência humana. O homem, sendo agora

uma entidade plenamente auto-consciente, sua personalidade funcionando agora como um todo integrado, o tempo é chegado em que ele pode experimentar, pela primeira vez, propósitos conscientes e vontade diretora.

Os três estados da natureza humana aos quais fez-se referência no início deste capítulo físico, sensorial e mental formam, pela primeira vez na raça humana, uma unidade coordenada. O eu dirigente pode, pois, agora, assumir o controle, e por meio da mente, agindo sobre o corpo vital ou etérico, e tendo seu ponto de contato no cérebro, conduzir seu instrumento a uma expressão inteiramente controlada e à subsequente atividade criadora. Assim emergirá o que Keyserling chama de "Ser mais profundo". Ele diz:

"A próxima questão é saber se e como é possível desenvolver o Ser mais profundo. Quando falamos do Ser de um homem e distinguímo-lo de suas capacidades, queremos dizer sua alma vital; e quando dizemos que esse Ser toma decisões, queremos dizer que todas as suas impressões estão impregnadas de vida individual, que cada expressão particular irradia a personalidade, e que essa personalidade é, em última análise, responsável. Uma tal penetração pode ser realizada lá onde ela não existe ainda. É possível, graças ao fato de que o homem, tendo uma mente e uma alma, constitui uma conexão de Sentidos na qual sua consciência se move livremente. Ele é livre para dar ênfase ao que quiser; conforme o "lugar" para onde o homem dirigiu sua atenção, o organismo psíquico achará um novo centro de Ser. Consequentemente, se a pesquisa teórica mostrar que o homem terá seu centro ou em seu Ser ou na superfície, dependendo de onde estiver concentrada sua consciência, deve ser então possível, na prática, induzir o necessário processo de transferência. Resulta daí que, em princípio, qualquer um pode elevar seu Ser; para conseguí-lo, basta dar ênfase, com perseverança, ao seu Ser essencial, impondo-se firmemente a só experimentar o que é compatível com o seu Ser interior. Esta é certamente uma árdua tarefa. Não apenas o processo é muito lento, como também demanda uma técnica específica de treinamento."  
(11)

Quando a psicologia oriental e a ocidental se tiverem fundido e a relação das Glândulas com o corpo vital e seus centros de força tiver sido estudada e compreendida, então para o homem será acelerada a possibilidade de funcionar como alma, como síntese de mecanismo, de vida, de propósito e de vontade. A esse respeito, Hocking chega à seguinte conclusão:

"Parece que há razões para esperar um melhor futuro físico para a raça humana com o apoio de uma sã higiene mental. Terminada a era de charlatães e, numa certa medida com sua ajuda, parece que será possível estender gradualmente o auto-controle, já que o caráter espiritual de uma disciplina

como o Ioga agrupa os simples elementos da psicologia ocidental e uma ética sadia. Nenhum deles tem muito valor sem os outros. "(12)

Antes de passar ao exame dos ensinamentos orientais a respeito dos centros de força, dois pontos merecem nossa atenção. Um considera a natureza da alma, e a outra é uma tentativa de considerar os testemunhos dos séculos passados a respeito da provável localização da consciência da alma.

---

1 - Burt, Edwin Arthur, Ph. D., *Metaphysical Foundations of Modern Physical Science*, p. 275.

2 - Enciclopédia Britânica, 13a Edição: Artigo: Éter.

3 - Burt, Edwin Arthur, Ph. D., *Metaphysical Foundations of Modern Physical Science*, pp 131-132.

4 - *Ibidem*, pp 182, 183.

5 - Barret, Sir William, *On The Threshold of the Unseen*, p. 274.

6 - Lodge, Sir Oliver, *Ether and Reality*, pp 161, 162.

7 - Lodge, Sir Oliver, *Ether, Matter and the Soul*, *Hibbert Journal*, January, 1919.

8 - Sajous, Chas.E.de M., M. D., ScD., LLD., *Strength of Religion as Shown by Science*, pp.152,153.

9 - Joad, C. E. M., B. A., *Mind and Matter*. pp 178, 179.

10 - Durant, Will, *Mansions of Philosophy*, pp. 66, 67, 80, 81.

11 - Keyserling, Count Hermann, *Creative Understanding*, pp. 180, 181.

12 - Hocking, Wm. E., *Self, Its Body and Freedom*, p. 75.

## **A NATUREZA DA ALMA E SUA LOCALIZAÇÃO**

Através dos tempos, a alma tem sido tema de discussão, argumentação e tentativas de definição. Tem sido e continua sendo o principal interesse intelectual das diferentes épocas, e o tema mais destacado de todas as religiões e filosofias. Somente por estas considerações, podemos deduzir que a alma possivelmente é uma realidade na natureza, pois o testemunho milenar deve ter alguma base real. Se eliminarmos todas as conclusões baseadas em visões e experiências de histéricos, neuróticos e casos patológicos, restam os testemunhos e um acúmulo de deduções de sensatos e reputados pensadores, filósofos e cientistas, que não há como rechaçar, e que merecem o reconhecimento da humanidade.

O Dr. Richard Müller-Freienfels diz: "Para se escrever a história da crença do homem acerca da alma, teria que se escrever, ao mesmo tempo, a história de toda a raça humana. "(1)

O problema foi bem resumido pelo professor Edward Scribner Arnes:

"Por um lado teríamos este eu ou alma com seus pensamentos; por outro lado o mundo de objetos, outras pessoas e Deus. O esforço dos sábios consistiu, durante séculos, em buscar uma maneira de diminuir o abismo entre o eu e os demais objetos. Mas com as ideias como acontecimentos cerebrais, e coisas existindo externamente, não havia uma ponte segura que por si só servisse de passagem para garantir que as representações cerebrais fossem exatamente iguais aos objetos do mundo externo. A ambos os lados desta confusão se juntou uma quantidade de filósofos: de um lado os idealistas que defendiam o eu, tentando inutilmente chegar à realidade, postulada por eles mesmos como fora de seu alcance; do lado oposto os materialistas, tratando de ignorar o eu, ou considerando-o como um fantasma, epifenômeno, alento ou bruma, emanando do próprio mundo físico. Os denominados dualistas, encararam a realidade quer do psíquico, quer do físico, dando a cada um seu lugar, sem conseguir responder adequadamente à pergunta de como a mente sai de si mesma e vai a um objeto tão diferente, ou como o objeto poderia ser ele próprio e, contudo, ser conhecido."(2)

Aqui podem caber algumas definições da alma, extraídas de um grande número de definições. Pode-se observar que há uniformidade muito marcante na definição e na explicação. O Dicionário Webster define a alma em termos muito interessantes e, do ponto de vista da sabedoria oriental, com grande exatidão.

"Uma entidade concebida como essência, substância ou causa atuante da vida individual, especialmente da vida manifestada em atividades psíquicas: o veículo da existência individual que, na natureza, está separada do corpo, e usualmente se afirma como tendo existência própria".

À medida que se investigam as diferentes interpretações referentes à natureza da alma, apresentam-se três pontos de vista, bem resumidos, a nosso ver, no mesmo dicionário:

"Primeiro, a alma tem sido considerada como uma entidade ou sujeito, que se manifesta especialmente nas atividades pensantes e da vontade do homem; é o tema da experiência meditativa do corpo; não é a mente, mas sim o que pensa e quer.

"Segundo, a alma se identifica com a mente ou com a experiência consciente; em Psicologia este é o sentido comum da palavra e também o conceito geral dos idealistas.

"Terceiro, considera-se a alma como uma função, ou a soma das funções do cérebro; por exemplo, Pierre J. G. Cabanis (1757-1808), ensinava que o cérebro segrega pensamento, como o estômago digere o alimento".

No dicionário de Webster se faz o seguinte comentário, de aplicação apropriada à tendência atual no mundo do pensamento.

"Algumas concepções, como a de Fechner, de que a alma é um só processo unitário espiritual, conjuntamente com o processo unitário corporal, parecem estar na metade do caminho entre um ponto de vista idealista e outro materialista. "(3)

Talvez, depois de tudo, o "nobre caminho do meio", que tanta importância tem para os budistas, venha a ser para a geração vindoura, uma válvula de escape destas posições extremas.

Os egípcios sustentavam que a alma era um raio divino, atuando por meio de um composto fluídico peculiar, ao passo que os judeus a consideravam como um princípio vital. Os hindus ensinam que a alma humana é uma porção de um Princípio imutável, a Alma do Mundo, a Anima Mundi, o onipenetrante Éter (Akasha) do espaço. Este Éter é, simplesmente, o condutor de determinados tipos de energia, e serve como meio de inter-relação entre o espírito essencial e a matéria tangível.

Pitágoras, que tanto fez, em sua época para unir as filosofias oriental e ocidental, dava os mesmos ensinamentos. Lao Tsé ensinou, na China, que a alma espiritual está unida à alma vital semi-material, e que ambas animam o corpo físico. Os gregos, por sua vez, sustentavam que a alma (com todas as faculdades mentais) era separável do corpo, ainda que os romanos considerassem a alma como uma triplicidade uma alma espiritual, uma alma intelectual ou mente e um corpo vital. Muitos, tais como Teofrasto, consideravam a alma como "o princípio real da paixão", e Bernard Hollander escreveu:

"Os estóicos deram continuidade a uma nova designação do princípio animador ou teoria do princípio vital, quer dizer, o pneuma... Com a introdução do pneuma teve início essa tricotomia da personalidade humana em corpo, alma e espírito, que tem figurado de maneira proeminente nas especulações dos teólogos. O conceito de alma ou psique... se diferenciou em dois conceitos... por um lado, a força vital dos fisiologistas e, por outro lado, o espírito ou alma imaterial do homem. "(4)

Os estóicos por isso davam ênfase a um ensinamento totalmente de acordo com a filosofia oriental, eliminando a distância entre os hemisférios oriental e ocidental.

Platão expunha a doutrina da alma, da seguinte maneira:

"Ele acreditava que a alma tivesse três partes. Uma, a imortal ou racional, procedente de Deus; a outra, mortal, animal ou sensitiva, a sede do apetite e da sensação, que pertence ao corpo; e uma terceira, colocada entre a primeira e a segunda, possibilitando a interação a vontade ou espírito mediante a qual a razão conquista o desejo. As plantas possuem a parte mais inferior; e os

animais as duas partes, a inferior e a intermediária. Porém a parte racional é exclusivamente humana.

"Esta alma racional é considerada de natureza imaterial e metafísica, incapaz de ser percebida pelos sentidos, e só perceptível pelo intelecto. A união com o corpo físico, mortal e material, constitui-se num incidente menor em sua longa carreira... " Platão trouxe assim uma distinção fundamental entre alma e corpo.»(5)

Aristóteles considerava a alma como a soma dos princípios vitais, sendo para o corpo, o que a visão é para o olho. A alma é para Aristóteles o verdadeiro Ser no corpo; Plotino concordava com isso. Considerava a alma como a sensibilidade vivente do corpo, correspondente a um grau mais elevado de ser do que a matéria. Tertuliano dividia a alma em duas partes, um princípio vital e outro racional, como o fez também São Gregório. A maioria das escolas orientais considera a alma como o eu, o indivíduo, e o misticismo cristão especula sobre a doutrina de São Paulo, de que há em todo ser humano uma potencialidade que ele denomina "Cristo em vós", e que por sua presença, permite a cada homem alcançar, com o tempo, o estado crístico. Uma pequena comparação entre os ensinamentos oriental e cristão, leva à conclusão de que os termos: Self (o Si-mesmo, como preferem os tradutores de Jung N. do T. ) Alma, Cristo, significam o mesmo estado de ser ou de consciência, e indicam a realidade subjetiva em cada homem.

Os primeiros padres cristãos estavam muito influenciados pelas ideias gregas, a respeito da alma. Seus ensinamentos foram posteriormente misturados pelo gnosticismo e pelo maniqueísmo. Consideravam a alma como luz, e o corpo como treva; que a luz devia iluminar o corpo e, com o tempo, libertar-se do corpo. São Gregório, no século IV, ressaltou a triplicidade, corpo, alma e espírito, como o fez também São Paulo. Em seus ensinamentos ele sintetizou os pontos de vista dos melhores pensadores de sua época e, segundo o Dr. Bernard Hollander:

"... a alma não tem partes. Não obstante, São Gregório diferenciava as faculdades nutritivas, sensitivas e racionais, correspondentes ao corpo, alma e espírito. A natureza racional não está presente em partes iguais no corpo. A natureza superior emprega a inferior como seu veículo. Na matéria reside o poder vital; no vital radica o poder sensitivo, que se une ao racional. A alma sensitiva é 78 uma instância mais pura que a carne e é mais grosseira do que a alma racional. A alma unida ao corpo é a origem real de toda atividade."(6)

Do século V ao XVII, tivemos conceitos de várias escolas: os escolásticos, os filósofos árabes, os cabalistas, os filósofos da Idade Média e o notável grupo de homens que levou a cabo a Reforma e o Renascimento. Eles discutiram as diversas teorias relativas à alma, porém não foi alcançado muito progresso,

pois tudo, na época, tendia ao surgimento da ciência moderna, ao estabelecimento da nova medicina e às revelações da era da eletricidade. Aos poucos, o aspecto forma da natureza, e as leis que regem os fenômenos naturais atraíram a atenção, até que as especulações referentes à alma e à sua natureza, foram relegadas, cada vez mais, aos teólogos.

No século XVII, Stahl escreveu muito sobre a questão da alma, e resumiu grande parte do ensinamento que havia em sua época. A esses escritos se denominou Teoria do Animismo. Esta doutrina postula que a alma é o princípio vital, responsável por todo o desenvolvimento orgânico. Estamos falando do animismo das raças pouco evoluídas, que personificavam e adoravam as forças da natureza; reconhecemos o animismo delineado por Stahl nos ciclos posteriores de nossa era, como algo sempre presente; estudamos os ensinamentos dos cientistas modernos, a respeito da força, da energia e do átomo, e descobrimos que somos confrontados por um mundo de energias que não pode ser negado. Vivemos em um universo movido por forças. Velocidade, atividade, vitalidade, transporte, transmissão do som, energia elétrica e termos análogos, constituem as preocupações de hoje. Falamos e pensamos em termos de força.

Stahl resumiu o ensinamento nos seguintes termos:

"O corpo foi feito para a alma, a alma não foi feita para o corpo, nem tampouco é produto do mesmo... A origem de todo movimento vital é a alma, que constrói o mecanismo do corpo e o mantém para proteger-se das influências externas... A causa imediata da morte não é a doença, senão a ação direta da alma, que abandona a máquina corporal ou porque já não lhe serve, devido a uma grave lesão, ou porque decidiu não mais utilizá-la."(7)

Berkeley, de forma interessante, define a alma como um ser simples, ativo, revelado para nós pela experiência.

A moderna psicologia materialista, que considera a alma como produto da atividade do cérebro, talvez não esteja totalmente equivocada, quando se refere a uma manifestação secundária da alma vital.

O Dr. Richard Müller-Freienfels diz:

"... não devemos considerar o corpo como um mecanismo atômico, mas sim como o veículo de uma energia vital compreensiva; sendo assim, o 'corpo' deixaria de ser meramente matéria e se poderia concebê-lo como 'animado'."

Continua, dizendo:

"Por fim vemos a possibilidade de se chegar a um conceito de alma! Lembremos como a humanidade chegou a formar este conceito. Não com o fim de explicar a 'consciência' (pois a 'alma' pode existir sem consciência), mas para fazer compreensível essa complexa continuidade de atividades chamada vida, a humanidade criou o conceito de alma. Já apontamos o fato de



que em todas as culturas primitivas, a 'alma' não é, de modo algum idêntica à consciência, e que esta equivalência é uma restrição filosófica posterior. De fato, o que o homem primitivo entende por 'alma', é o que nós hoje chamamos Vida'. 'Animado' e 'Vivo', são, enquanto conceitos, completamente idênticos; assim como os conceitos 'inanimado' e 'morto' são idênticos. A palavra grega psique, não significa meramente consciência, mas, comumente se pode traduzi-la como Vida'; de modo análogo as palavras alemãs *Leben* e *See/e*, são utilizadas com o mesmo sentido, como as palavras inglesas 'life' e 'soul' são intercambiáveis...

Desse modo estamos de acordo com as tendências principais da filosofia moderna. Até mesmo os materialistas posteriores chegaram a admitir que a alma não é uma substância, mas que os processos químicos se passam na substância, e portanto, consideram a alma como equivalente a 'movimento'. Por outro lado, os que valorizam a consciência também têm considerado os processos psíquicos como 'acontecimentos', que de um modo ou de outro deviam relacionar-se aos movimentos físicos.

Aceitamos ambas as noções. O que chamamos de 'alma' não é 'substância' ampliada nem 'substância' pensante; não é de modo algum 'substância', mas um acontecimento bastante complicado, uma continuidade de efeitos, que se revela por um lado, na construção do corpo, e por outro, na consciência.

Em todo caso, nossa doutrina, que não divide o universo em substância e consciência, mas que estabelece um vínculo de união entre ambos, e por um lado se revela materialmente e é também a hipótese da consciência, difere tanto do materialismo como de uma linha de estudo da consciência, nisso que não concebe a alma existindo só na substância, nem tampouco na consciência. Pelo contrário, tanto a consciência como o corpo, aparecem tão só como efeitos de uma terceira coisa que abarca ambas, produzindo a consciência e dando forma à matéria prima. Já temos visto que a consciência demanda necessariamente um 'ser' mais profundo, ao passo que a teoria materialista demanda um 'poder' formativo, que constitui o corpo, e com ele, a alma. Poder-se-ia chamar esta teoria 'monista', e tentar evitar assim a unilateralidade como o dualismo; só que o conceito tem sido exagerado e tanto a teoria da consciência como o materialismo se descrevem como monistas, mesmo quando isto já demonstrou ser incorreto. Denominamos dinâmica à teoria que tratamos de desenvolver, porque representa a natureza da alma como força dirigida, e também podemos chamá-la vitalista, porque esta força, que dá forma ao corpo e engendra a consciência, demonstra ser idêntica à vida. "(8)

A Doutrinei Secreta insinua uma relação entre esses três termos: corpo, alma e espírito.

"Consideramos a vida como a forma única de existência, manifestando-se no que chamamos matéria; ou o que, separando os termos de forma incorreta, chamamos Espírito, Alma e Matéria no homem. A Matéria é o Veículo para a manifestação da Alma, neste plano de existência, e a Alma é o veículo em um plano mais elevado, para a manifestação do Espírito, e os três são uma Trindade sintetizada pela Vida que os permeia a todos."(9)

A Alma e o eu são termos sinônimos na literatura oriental. O principal tratado sobre a Alma, sua natureza, propósito e existência, é a mais famosa de todas as Escrituras orientais, O Bhagavad Gita. Paul Deussen resume a doutrina referente a Atma, o eu ou alma, assim:

"Se para o nosso atual propósito nos apegamos a esta diferença, ou seja Brahma como princípio cósmico do universo, e Atma como o psíquico, a ideia fundamental de toda a filosofia Upanishad, pode ser expressa pela singela equação:

Brahma = Atma

Quer dizer, Brahma é o poder que se materializa em todas as coisas existentes; que cria, sustenta, preserva e recebe de volta, em si mesmo, a todos os mundos; este eterno e divino poder infinito é idêntico a Atma, com aquilo que, após despojar-se de todo o externo, descobrimos em nós próprios como a alma. Nosso próprio ser real e mais essencial, nosso eu individual, a alma. Esta identidade entre Brahma e Atma, Deus e a alma, é o conceito fundamental de toda a doutrina dos Upanishads...

Atma é, como frequentemente se tem indicado, uma ideia suscetível de diversas interpretações. A palavra não significa outra coisa senão o 'eu' e daí surge a pergunta: O que é que consideramos como nosso eu? Aqui são possíveis três posições, pelas quais pode-se entender por Atma (1) o eu corpóreo, o corpo; (2) a alma individual, livre do corpo, que como sujeito conhecedor contrasta com o objeto e é distinto dele; (3) a alma suprema, onde o sujeito e o objeto não mais diferem entre si, ou que, de acordo com o conceito hindu, o sujeito é o conhecedor sem o objeto."(10)

Um escritor oriental comenta:

"Todos os seres orgânicos possuem um princípio de autodeterminação, ao qual se dá geralmente o nome de 'alma'. No senso estrito da palavra, a 'alma' pertence a todo ser que possua vida e as diferentes almas são fundamentalmente idênticas em sua natureza. As diferenças se devem às organizações físicas que obscurecem e frustram a vida da alma. A natureza dos corpos, em que estão incorporadas as almas, explica seus diversos graus de obscurecimento.

Cada budi, com sua captação dos sentidos e coisas análogas, é um organismo isolado, determinado por seu carma e possui sua própria e peculiar ignorância

(avidya). O ego é a unidade psicológica dessa corrente de experimentação consciente que constitui o que conhecemos como vida interna de um eu empírico.

O Eu Empírico é uma mescla do livre espírito e o mecanismo de purusha e prakriti... Cada ego possui em si um corpo de matéria grosseira que se dissolve com a morte, e também um corpo sutil formado pelo mecanismo psíquico, incluindo os sentidos. "(11)

Uma escritura hindu resume este ensinamento assim:

" 'Existem quatro Atmas a vida, a mente, a alma e o espírito. A última força que jaz na raiz do poder macrocósmico das manifestações da alma, da mente e do princípio vida, é o espírito'. "(12)

Portanto, tudo parece ser uma expressão da força vital e começaremos a nos aproximar da verdade, tal como é no Oriente, se entendemos que a matéria é espírito ou energia, em sua manifestação inferior, e o espírito é matéria em sua manifestação superior. Entre esses extremos, manifestando-se no tempo e espaço, surgem essas diversificações da vida consciente manifestada, que absorvem o interesse do homem religioso, do psicólogo, do cientista e do filósofo, segundo suas peculiares predileções e tendências. Todos estudam os variados aspectos da vida única animadora.

As diferenciações, as terminologias e as classificações, com relação aos diversos modos de encarar a verdade, têm sido causa de grande parte da confusão. Temos nos empenhado em dividir em partes, uma Realidade unificada e, ao fazê-lo, perdemos nosso sentido de proporção e damos exagerada importância a uma determinada parte, que momentaneamente dissecamos. Mas o conjunto permanece intacto, e nossa compreensão desta Realidade aumenta à medida que nossa consciência se faz presente e participa de uma experiência real.

O testemunho desta experiência pode ser trazido desde o início dos tempos. Desde a aparição da família humana, durante o desenvolvimento da evolução do plano mundial, existiu um desenvolvimento progressivo da ideia de Deus, para justificar a natureza, e da ideia da alma, para explicar o homem. Ainda não se criou uma antologia da alma, porque a mesma magnitude da tarefa serve, provavelmente, de impedimento.

As conjecturas têm sido sempre abundantes, a respeito de onde se busca a alma, e onde pode estar localizada na forma humana. Aqui poderiam ser expostas algumas teorias:

Platão sustentava que o princípio vital estava no cérebro, e que o cérebro e a medula espinhal eram os coordenadores da força vital; ao passo que Straton situava a alma na parte anterior do cérebro, entre as sobrancelhas. Hipócrates localizava a consciência ou alma no cérebro.

Herófilo proclamava o calamus escriptorius como a sede principal da alma. Herasítrato colocava a alma no cerebelo ou pequeno cérebro, e declarava que estava relacionada com a coordenação dos movimentos.

Galeno, o grande precursor dos modernos métodos da medicina, opinava que o quarto ventrículo do cérebro era a sede da alma no homem.

Hipólito (século III D. C. ) disse: "As membranas da cabeça são suavemente movidas pelo espírito que avança sobre a glândula pineal. Ao lado desta glândula está situada a entrada do cerebelo, que admite a corrente do espírito e a distribui pela medula espinhal. Este cerebelo, por um processo inescrutável e impossível de descrever, atrai, por meio da glândula pineal a substância espiritual doadora da vida.

Santo Agostinho considerava a alma situada no ventrículo médio.

Os filósofos árabes, que modelaram tão intensamente a mentalidade medieval, identificavam nos ventrículos do cérebro, a sede da alma ou vida consciente.

O Dr. Bernard Hollander disse:

"A razão pela qual os antigos filósofos, de quem os árabes adotaram esta classificação, colocaram as faculdades em certas células, querendo significar cavidades ou ventrículos, provavelmente para dar mais espaço para o pneuma, a substância gasosa, se expandir... Alguns distinguiram quatro regiões: A primeira ou o ventrículo anterior do cérebro, que segundo se supunha, apontava para frente, era o ventrículo do sentido comum; supunha-se que deste ventrículo se ramificavam os nervos dos cinco sentidos externos, e nele, com a ajuda destes nervos, reuniam-se todas as sensações. O segundo ventrículo, conectado com o primeiro por uma minúscula abertura, foi designado como a sede da faculdade de imaginação, porque as impressões dos cinco sentidos externos se transmitiam a este segundo ventrículo a partir do primeiro, como uma segunda etapa em seu progresso através do cérebro. O terceiro ventrículo seria a sede do entendimento e o quarto estaria consagrado à memória, porque se encontraria comodamente situado como um armazém, de onde as concepções da mente, digeridas no segundo ventrículo, poderiam ser transmitidas para sua atenção e acumulação. Na realidade o chamado ventrículo anterior consta de dois ventrículos laterais, direito e esquerdo, que se comunicam entre si, e são parte do terceiro ventrículo (chamado antigamente ventrículo do meio) pelo buraco de Monro; e o terceiro ventrículo se comunica com o quarto (chamado pelos antigos de ventrículo posterior) pela cissura de Sylvius.

Os ventrículos laterais estão cobertos, por cima, pelo corpo caloso; o terceiro está coberto pelo tálamo ótico e o quarto está situado entre o cerebelo e a comissura.... Se os sentidos da visão e audição forem estimulados simultaneamente, seus efeitos se conectam de um modo ou de outro, na

consciência; o conhecimento disto inspirou a hipótese de um centro sensorial, ao qual se deu o nome de sensorium commune, ou senso comum. Este centro foi considerado por alguns como a sede da alma. Como as partes do cérebro são duplas, os lugares que se poderia eleger seriam muito limitados, e só caberia escolher as estruturas da linha mediana; como, por exemplo a glândula pineal, escolhida por Descartes e, ultimamente, no século XIX, o tálamo ótico, escolhido por W. B. Carpenter, e a comissura cerebral, escolhida por Herbert Spencer. "(13)

Roger Bacon, considerava que o centro do cérebro era o lugar onde se podia encontrar a alma.

Ludovico Vives, "considerava a alma como o princípio, não só da vida consciente, mas da vida em geral; o coração é o centro da atividade vital ou vegetativa; o cérebro, de sua atividade intelectual. "(14)

Mundinus, famoso anatomista da Idade Média, acreditava firmemente nos "espíritos animais". Ensinava que estes passavam ao terceiro ventrículo por uma estreita passagem, e também que as células do cérebro seriam a sede do intelecto.

Vesalius, foi o primeiro a perceber a diferença entre a matéria cinzenta e branca do cérebro, e a descrever os cinco ventrículos, "distinguiu três almas... e designava, o cérebro como a alma principal, a soma dos espíritos animais, cujas funções eram definitivamente mentais. "(15)

Servetius colocava a alma na cissura de Sylvius, o canal que vincula o terceiro ao quarto ventrículo do cérebro.

Telesio, em *De Rerum Natura*, "ensinava que a alma era a forma mais sutil da matéria, uma substância muito delicada, contida no sistema nervoso, e assim iludindo nossos sentidos. Sua sede é principalmente o cérebro, mas se estende também à medula espinhal, aos nervos, às artérias, às veias e membranas que recobrem os órgãos internos.... Reconhecendo que o sistema nervoso está em estreita relação com a vida-alma, ele admitia que a alma do homem diferiria unicamente em grau, da alma dos animais. Ele presumia que haveria, além da alma material no homem, uma alma divina, não-corpórea, diretamente implantada por Deus, e que ambas se uniam. "(16)

Willis relacionava as diversas faculdades da alma, tais como mentalidade, vitalidade, memória, etc., às diferentes partes do cérebro.

Vienssens situava a alma no centro oval.

Swedenborg dizia: "O caminho real das sensações do corpo sobre a alma... é através dos corpos estriados.... Todas as determinações da vontade também seguem este caminho.... É o Mercúrio do Olimpo; anuncia à alma o que está ocorrendo no corpo, e leva ao corpo os mandatos da alma. "(17)

Os corpos estriados são um par de grandes gânglios do cérebro, situados imediatamente abaixo da região anterior e superior do mesmo.

Hollis deduzia que "tanto a sensação como o movimento, têm seu poder na medula do cérebro. Esta é, portanto, a sede da alma".

Charles Bonnet dizia: "Os diferentes sentidos... que possuímos... têm, em algum lugar do cérebro, comunicações secretas, através das quais podem atuar umas sobre as outras. A parte em que ocorrem as comunicações deve ser considerada como a sede da alma.... Por esta parte a alma atua sobre o corpo e, pelo corpo, sobre muitos seres distintos. Porém a alma atua somente por meio dos nervos. "(18) Von Sommering, localizava a sede da alma no fluido dos ventrículos cerebrais, ao passo que W. B. Carpenter, o fisiologista, considerava o tálamo ótico como o local de assentamento da alma. (19)

Todavia, desde a época de Francis Joseph Gall, o grande animista e médico, fundador da ciência da frenologia, não se tem dado grande atenção à provável localização da alma. A mente assumiu uma posição mais ilustre: o caráter, a ética e o que se denominou da ciência da Etologia, têm surgido como aspectos importantes. A relação das qualidades psíquicas com o cérebro converteram-se em tema de estudo, e, hoje, incluímos as glândulas em nossas especulações, e assim desenvolvemos as ideias. Os modernos ensinamentos mecanicistas da psicologia substituíram temporariamente as ideias vitalistas, animistas e místicas da antiguidade. A abordagem materialista tem sido, sem dúvida, de profundo valor. Foram produzidas duas coisas, entre muitas outras. Primeiro, manteve-se o equilíbrio e produziu-se uma estrutura de conhecimento baseada em fatos naturais, que neutralizou os erros e deduções do visionário místico e as superstições dos teólogos religiosos. Segundo, por meio das conclusões a que se chegou, mediante o trabalho dos psicólogos modernos, pelo estudo da mente e seu poder, e por influência de organizações como a Ciência Cristã e o Novo Pensamento, fez-se uma ponte entre Oriente e Ocidente. É possível agora que a doutrina oriental, da triplicidade da alma, mente e cérebro, seja apreciada e compreendida. Uma vez eliminados certos traços indesejáveis (e existem vários), e em colaboração com a ciência ocidental, pode surgir, de novo, a luz do Oriente, e indicar à humanidade o caminho para um novo estado de ser, através de uma maior compreensão do poder, e também uma apreciação mais real da natureza da alma humana. Então, talvez, apreciemos a veracidade do conceito de Robert Browning sobre o ser humano integrado:

"Três almas que formam uma alma; primeiro, a saber,  
Uma alma de cada e de todas as partes corpóreas,  
Ali assentada, que trabalha e é a que Faz,  
E tem o uso da terra e leva o homem

Até em baixo: mas, ascendendo em busca de conselho,  
 Cresce em direção à alma seguinte que também o faz crescer, a qual,  
 assentada no cérebro,  
 Usa a primeira com sua experiência adquirida,  
 E sente, pensa, quer, é a que Sabe:  
 A qual, esforçando-se para o alto, por sua vez,  
 Cresce na direção da última alma que também a faz crescer; a qual utiliza  
 ambas as demais,  
 Subsistindo, quer elas ajudem ou não,  
 E, constituindo a alma humana, é a que É  
 E se curva sobre a anterior, fã-la agir,  
 Como aquela fez agir a primeira; e voltando-se para o alto,  
 Sustenta Deus e é por Ele sustentado, e leva o homem  
 Até o alto, naquele terrível ponto de troca,  
 E nem precisa de um lugar, pois retoma para Ele.  
 A que Faz, a que Sabe, a que É; três almas, um homem. "(20)

- 
- 1 - Müller-Freienfels, Richard, *Mysteries of the Soul*, p. 24.
  - 2 - Ames, Edward Scribner, Prof. de Filosofia, Universidade de Chicago, *Religion*, pp. 127-128.
  - 3 - Webster's Dictionary, Edição de 1923.
  - 4 - Hollander, Bernard, M. D., *Em Search of the Soul*, Vol. I, pp. 53-54.
  - 5 - Hollander, Bernard, M. D., *Em Search of the Soul*, Vol. I, p. 35.
  - 6 - Hollander, Bernard, M. D., *Em Search of the Soul*, Vol. I, p. 88.
  - 7 - Hollander, Bernard, M. D., *Em Search of the Soul*, Vol. I, p. 169.8 - Müller-Freienfels, Richard, *Mysteries of the Soul*, pp. 40, 41, 42.
  - 9 - Blavatsky, H. P., *The Secret Doctrine*. Vol. I. pp. 79, 80.
  - 10 - Deussen, Paul. M. D., *The Religion and Philosophy of India*, pp. 39, 94.
  - 11 - Radhakrishnan, S., *Indian Philosophy*, Vol. II, pp. 279, 283, 284, 285.
  - 12 - Prasad, Rama, *Nature's Finer Forces*, p. 121 (Citação extraída de *Prashnopanishad*).
  - 13 - Hollander, Bernard, M. D., *Em Search of the Soul*, Vol. I, p. 97.
  - 14 - Ibidem
  - 15 - Ibidem
  - 16 - Ibidem
  - 17 - Hollander, Bernard, M. D., *Ibidem*, p. 186.
  - 18 - Hollander, Bernard, M. D., *Em Search of the Soul*, Vol. I, p. 190.
  - 19 - As conjecturas desses vários autores foram extraídas do trabalho do Dr. Hollander, mencionado acima.
  - 20 - Browning, Robert, *A Death in the Desert*.

## ENSINAMENTO ORIENTAL SOBRE A ALMA, O ÉTER E A ENERGIA

"Assim como o éter onipenetrante não pode ser tocado, devido à sua natureza sutil, tampouco a alma, que está em todas as partes do corpo, pode ser tocada.

"Assim como o sol ilumina toda terra, também Aquele que habita o corpo ilumina todo o campo.

"Aqueles que, pelo olho da Sabedoria, percebem a diferença, entre o campo e o Conhecedor do campo e a liberação dos seres da natureza, chegam ao Supremo. "(1)

A literatura do Oriente, no que diz respeito à alma e sua expressão no plano físico, o corpo etérico ou vital, é vasta como o estudo de sua bibliografia muito incompleta o demonstrará. Distribuídos pelos Upanishads e os Puranas, existem milhares de parágrafos que se ocupam deste ensinamento. As duas fontes mais importantes de informação são o Shiv-Samhita e o Shatchakra Nirupanam.

Sir John Woodroffe (Arthur Avalon) tem feito muito, através de seus livros, para trazer um conhecimento do ensinamento oriental e dessa técnica do desenvolvimento da alma ao Ocidente. Devido à forma como tem apresentado tal conhecimento, ele tem resguardado o público também de captar de maneira demasiadamente rápida uma ciência muito perigosa, sendo de grande valor um pequeno livro intitulado: The Mysterious Kundalini, de Vasant, G. Rele, médico hindu, bem versado na ciência e na medicina ocidentais.

O perigo desta ciência é perfeitamente conhecido por aqueles que sabem algo sobre ela. Reside no fato de que, pelo conhecimento de certo método técnico, o homem pode atuar, ativamente, com as forças de sua própria natureza, ao atuarem por intermédio do corpo vital. Os médicos modernos reconhecem, cada vez mais, o fator energia em conexão com o homem. Pelo reconhecimento lógico de que o corpo físico é formado de átomos, como também o são todas as formas da natureza, deduz-se que a unidade humana é de natureza elétrica.

O cientista ocidental reconhece o éter e o movimento. O instrutor oriental fala do akasha e do prana. Ambos lidam com a vivência vital que permeia todas as formas, e é a causa de sua coesão, sensibilidade e duração da existência. Isto é corroborado por uma passagem do Kenopanishad:

"O Imanifestado, sem forma, única fonte de luz, é o Grande Poder; dele saiu o éter sonoro (Akasha); deste se originou o éter tangível.

Do éter tangível, o éter luminoso, e deste o éter gustativo, de onde provém o éter odorífico. Estes são os cinco éteres, e possuem uma quántupla extensão.



Destes emanou o universo; por eles continua; neles, desaparece; entre eles também ele se mostra novamente."(2)

E evidente a semelhança entre o éter luminoso das antigas escrituras hindus e as ondas luminosas do cientista moderno. Rama Prasad, em seu livro *As Forças Sufis da Natureza*, enumera quatro estados de matéria sutil:

1. Prana ou matéria da vida
2. Matéria Psíquica
3. Matéria Mental
4. Matéria Espiritual

E fica evidente que estes quatro estados são qualidades das energias que utilizam o Akasha como meio de expressão. Um estudo dos livros orientais proporciona um panorama de um mundo material que é trazido à existência e animado por um mundo subjetivo de forças, que utilizam o éter (Akasha) como campo de ação, e são responsáveis por todas as formas, qualidades e diferenciações do mundo fenomênico.

Os seguintes extratos do *Poder da Serpente* expõem a doutrina oriental sobre a matéria e o éter:

"A recente investigação científica tem demonstrado que esta substância original não pode ser 'matéria' científica isto é, a que possui massa, peso e inércia. A matéria tem sido desmaterializada e, segundo as hipóteses atuais, reduzida a algo que difere profundamente da 'matéria' tal como é conhecida através dos sentidos. Diz-se que esta última substância é o Éter em estado de movimento. A presente hipótese científica parece ser a seguinte: não existe uma 'Matéria' científica. Se assim fosse, seria devido à ação de Shakti como Maya. O último e mais simples fator físico do qual surgiu o universo é o movimento da e na substância chamada 'éter', que não é 'matéria' científica. Os movimentos desta substância dão origem, do ponto de vista realista, à noção de 'matéria'. A matéria encontra-se assim, no princípio, não obstante a diversidade de suas formas. Seu elemento é, em última análise, de um só tipo, e as diferenças nas diversas classes de matéria, dependem dos variados tipos de partícula final, e de suas sucessivas combinações. Dada tal unidade básica, é possível que uma forma de matéria possa passar a outra".(3)

Disse Arthur Avalon em outro livro:

"Em primeiro lugar, admite-se agora, que a matéria, ainda que, agregada a todas as forças possíveis, é insuficiente para explicar muitos fenômenos, tais como os da luz; portanto, chegou-se a um ponto em que este assunto é um ato de fé, que existe uma substância chamada 'Éter', um meio que, enchendo o universo, transporta por suas vibrações as radiações de luz, calor, eletricidade

e, talvez, a ação à distância, tal como a atração exercida entre os corpos celestes. Diz-se, sem dúvida, que este Éter não é 'matéria', e que difere dela profundamente, e que só o nosso imperfeito conhecimento é que nos obriga, nas descrições que tentamos dar, a fazer comparações da 'matéria' em seu sentido físico comum, que só é conhecido por nossos sentidos. Mas, se supomos a existência do Éter, sabemos que os corpos 'materiais' submersos nele, podem aí trocar de lugar. Com efeito, empregando uma expressão hinduísta, a propriedade característica das vibrações do Tattva Akasha é criar o espaço em que existem os outros Tattvas e seus derivados. Tendo a 'Matéria' e o Éter como os materiais, as teorias ocidentais puramente 'científicas', procuraram construir o mundo."(4)

"Muitos riram e, ainda, o fazem sobre o conceito de Maya. Não é a matéria sólida, permanente e bastante real? Mas, segundo a ciência, fundamentalmente, quem somos nós, como seres vivos? Somos energia infinitamente tênue e amorfa, que se materializa de forma relativamente estável, ainda que essencialmente transitória... O processo pelo qual o sutil se faz cada vez mais grosseiro, continua até que se forma o que um amigo meu chama 'casca' de matéria sólida (parthivabhuta). Esta, enquanto dura, é bastante tangível. Mas não é eterna e, em algumas substâncias radioativas, dissipa-se ante nossos olhos".(5) \*

Vivekananda, que tanto fez por revelar ao Ocidente a alma da Índia, disse:

"Segundo os filósofos da Índia, todo o Universo se compõe de dois materiais, um dos quais é chamado Akasha. É a existência onipresente e onipenetrante. Tudo o que tem forma e é resultado de compostos, evolui deste Akasha. O Akasha se converte em gás, transforma-se em líquido, chega a ser sólido; o Akasha converte-se no Sol, na Terra, na Luz, nas estrelas, nos cometas; também se converte no corpo, no corpo animal, nos planetas, em todas as formas que vemos, tudo o que é pressentido e tudo o que existe. O Akasha não pode ser percebido, pois é tão sutil que está muito além de toda a percepção comum; só pode ser visto quando se torna denso e toma forma. No princípio da criação só existia este Akasha; no final do ciclo, os sólidos, líquidos e gases, todos fundir-se-ão de novo no Akasha, e a criação seguinte surgirá, de modo similar, deste Akasha.

"Qual o poder que converte este Akasha no universo? É o poder do Prana. Assim como o Akasha é o material onipresente e infinito deste universo, Prana é o poder manifestante, onipresente e infinito deste universo. No princípio e no final de um ciclo, tudo se converte em Akasha, e todas as forças que existem no universo retornam ao Prana. No ciclo seguinte, deste Prana evoluirá tudo o que chamamos energia e força. Prana manifesta-se como movimento, gravidade e magnetismo. Prana manifesta-se como atividades do

corpo, correntes nervosas e força mental. Desde o pensamento até a força física inferior, tudo é manifestação de Prana. Ao conjunto das forças do universo, mentais ou físicas, quando voltam a seu estado original, denomina-se Prana..."(6)

Um escritor mais moderno, Ramacharaka, disse:

"Para evitar as interpretações errôneas das diversas teorias, referentes a este grande princípio, vinculadas geralmente a um nome dado a este princípio, nesta obra, vamos nos referir a ele chamando-o de 'Prana', termo sânscrito que significa 'Energia Absoluta'. Muitos eruditos em esoterismo ensinam que o princípio denominado 'Prana' pelos hindus é o princípio universal de energia ou força, e que toda energia ou força deriva deste princípio, ou melhor, é uma forma particular da manifestação deste princípio... Podemos considerá-lo como o princípio ativo de vida Força Vital, se assim lhes agrada. Ele é encontrado em todas as formas de vida, desde a ameba até o homem desde a forma mais elementar de vida vegetal à mais elevada forma de vida animal. 'Prana' é onipresente. Encontra-se em todas as coisas que têm vida, e como a filosofia ocultista ensina que a vida reside em todas as coisas em cada átomo e que a aparente falta de vida de algumas coisas é só um grau inferior de manifestação, podemos admitir este ensinamento de que o 'Prana' está em todas as partes e em todas as coisas. Não se deve confundir o 'Prana' com o Ego esse fragmento de espírito divino que há em toda alma, em volta do qual se agrupa a matéria e energia. 'Prana' é meramente uma forma de energia utilizada pelo Ego, em sua manifestação material. Quando o Ego abandona o corpo, não estando mais o 'Prana' controlado pelo Ego, só responde aos mandados dos átomos individuais ou grupos de átomos, que formam o corpo, e quando o corpo se desintegra e se dissolve em seus elementos originais, cada átomo leva consigo suficiente 'Prana' para permitir-lhe formar novas combinações, e o 'Prana' não utilizado volta ao grande depósito universal do qual originou. Enquanto o Ego controla, existe coesão, e os átomos mantêm-se unidos pela Vontade do Ego.

"'Prana' é o nome com que se designa um princípio universal, a essência de todo movimento, força ou energia, que se manifesta na gravidade, na eletricidade, na revolução dos planetas ou em todas as formas de vida, desde a mais elevada até a mais baixa. Podemos chama-lo a alma da Força e da Energia, em todas as suas formas; o princípio que, operando de certo modo, produz a forma de atividade que acompanha a vida".(7)

Portanto, Prana é o princípio universal da vida em todas as formas; as chamadas energias ou vida do corpo humano constituem a porção diferenciada deste princípio universal, princípio esse de que cada alma humana em particular tem-se apropriado.

Segundo a Sabedoria Eterna, as energias que utilizam o akasha (o éter) do universo, classificam-se em três principais grupos:

1. Fohat, é análogo ao que os cristãos consideram espírito. É a vontade de existir, o princípio determinante da vida de Deus, que, podemos afirmar, é a soma total de todas as formas e estados de consciência. É o Propósito divino, funcionando ativamente.

2. Prana, é análogo à atividade que desenvolve o princípio consciência, a alma do cristão; é um efeito da união do espírito ou vida, com a matéria ou substância; manifesta-se como a energia na forma, quando produz coesão, animação e sensibilidade, levando a cabo o Propósito divino.

3. Kundalini, assim denominada em conexão com a forma humana; é a força latente na matéria propriamente dita, é a vida integral do átomo, independente de qualquer forma em que esse átomo possa participar em seu diminuto ciclo de experiência.

Shakti é poder ou energia. Arthur Avalon disse:

"Que é shakti e por que há certos princípios de inconsciência nas coisas? Este fato não pode ser negado. A palavra shakti deriva da raiz 'chak', 'ser capaz', 'ter poder'. Pode-se aplicar a qualquer forma de atividade. O poder de queimar é o shakti do fogo etc. Todas essas formas de atividade são redutíveis finalmente ao shakti primordial (Adya Shakti) do qual procede todo tipo de poder".(8)

Esses três tipos de energia são, portanto, aspectos da vida única universal, tal como se expressa por meio de um sistema solar, utilizando o éter como meio ou campo de atividade e produzindo, em consequência, todas as formas objetivas. O processo repete-se no homem, segundo a filosofia hinduística.

O corpo físico é a expressão nas partes ou átomos que o compõem, do terceiro tipo de energia, e à totalidade dessa energia atômica denomina-se Kundalini:

"O centro de onde todas as sensações remanescentes estão, por assim dizer, acumuladas, é chamado chakra Mul-Adhara, e a energia circunscrita à ação, é kundalini, 'o enroscado'.

"É o representante individual corpóreo do grande poder cósmico (Shakti) que criou e sustenta o universo."(9)

Considera-se, com frequência, o corpo físico como um átomo no corpo do reino humano; neste caso, a energia kundalínica, supostamente localizada num centro que se encontra na base da coluna vertebral, seria um núcleo positivo, e os demais átomos do corpo seriam considerados de natureza eletrônica.

O corpo vital, ou corpo de éter, é o meio de expressão da vida da alma, essa dualidade sensível vivificadora que tem sido denominada Prana. Esta energia dual tem dois centros positivos no corpo vital e, em consequência, no físico um no coração, de onde se afirma que estão centrados o sentimento e a

sensibilidade; outro na cabeça, onde a mente e a consciência espiritual encontram expressão.

Então, o Dr. Relê disse: "o Prana propriamente dito está situado entre a laringe e a base do coração".

"O coração, mais que a cabeça, ocupa a atenção dos pensadores dos Upanishads. Ali é onde residem os alentos vitais. Não só os cinco Pranas mas também a visão, a audição, a palavra e as mãos, originam-se no coração. É o coração, não a cabeça, a habitação de manas, sendo o primeiro, portanto, também o centro da vida consciente. Quando dormimos, os órgãos da alma permanecem no coração, e ali também se reúnem ao morrer; por meio do coração reconhecemos as fornias. Pelo coração, sentimos fé; concebemos filhos, conhecemos a verdade, e também estabelecemos a palavra, mas é rechaçada, com fastio, a pergunta sobre qual base se estabelece o coração. Não só o órgãos, mas todos os seres, estão estabelecidos sobre o coração e sustentados por este, e, ainda que deixando de lado a definição atual de coração como Brahman, é, sem dúvida, o lugar empírico da alma e, portanto, de Brahman: 'dentro do coração há uma cavidade, onde reside o senhor do universo, o regente do universo, o guia do universo'. O coração é chamado hridayam, porque 'ele mora no coração' (hridi ayam, Chand 8: 3. 3); pequeno como um grão de arroz ou de cevada, o purusha, de uma polegada de altura, mora no meio do corpo, assim como mora no coração, o eu das coisas criadas". (10)

"De modo igual, numerosas passagens nos últimos Upanishads, celebram a Brahman como 'implantado na cavidade do coração'. A identificação de atman em nós, com o atman do universo, é expressa pelo tat tvam asi do Chand. 6: 8-16, e também pelo etad vai tad, 'em verdade este é aquele' do Brih. 5: 4, que provavelmente é imitação do outro. A mesma fórmula encontra-se doze vezes no Kath. 4: 3-6, 1, numa passagem em prosa junto aos versos. A mais elevada beatitude, segundo o Kath. 5: 14, consiste em ter consciência deste pensamento. Citamos a este respeito somente o Kath, 4: 12-13:

“Da altura de uma polegada, aqui no corpo, o purusha habita, Senhor do passado e do futuro; Quem o conhece, não o teme, Em verdade, este é Aquele. Como a chama sem fumaça, com uma polegada de altura, Purusha é em tamanho; Senhor do passado e do futuro; É ele hoje e também o será amanhã, Em verdade, este é Aquele.” (11)

Como aqui é comparado o purusha a uma chama sem fumaça, também há uma imitação desta passagem em S'vet. 5: 9, se leva ao extremo o contraste entre atma e nós e atma no universo:

“Dividida cem vezes a ponta de um cabelo, E tomando-se uma centésima parte dela, Esse eu julgo ser o tamanho da alma, Contudo ela caminha para a imortalidade.”

A descrição de atma como chama sem fumaça, situada no coração tem sido desenvolvida no Yoga Upanishad, representada por uma língua de fogo, dentro do coração, cuja primitiva aparição é talvez Mahan. 11: 6-12" (12)

As Escrituras estão cheias de referências ao fato de que Atma, o eu, reside no coração, de onde se expressa como princípio de vida, por meio do sangue. A natureza da alma, ou a mente racional, e o indivíduo auto consciente expressam-se através da cabeça, e dali rege o sistema nervoso.

"Já se provou que os centros mais elevados estão situados no córtex cerebral, de onde se manifesta o conhecimento da ação e da sensação. Estes centros são tanto receptores, isto é, sensoriais, quanto direcionadores, isto é, motores, e têm seus centros subsidiários nos dois grandes promontórios chamados gânglios basais, em cada hemisfério do cérebro. Conhecemo-los com os nomes de tálamo e corpo estriado. O primeiro é auxiliar do principal central sensorial e o segundo, do principal centro motor do córtex cerebral. Normalmente, os centros auxiliares motores estão mais ou menos sob o controle da vontade... O iogue ocupa-se dos centros nervosos subsidiários do tálamo. A função normal do tálamo é receber sensações de todas as partes do corpo, e retransmití-las por meio da medula espinhal, antes de chegar ao centro principal.

"Como este é o centro reflexo mais elevado do cérebro, e como todas as impressões ascendem a ele, ele é chamado de Udana-prana. A última derivação da medula, da qual recebe impulsos procede da parte da medula chamada bulbo, que está ao nível da raiz do nariz. Diz-se, portanto, que Udana-prana rege a parte da cabeça que está por cima deste ponto.

"O iogue, mediante o controle consciente do Udana-prana, suprime todas as sensações que entram e saem dele, e isto é necessário para evitar a distração da mente que anseia controlar". (13)

Srinivasa Iyengar formula os seguintes postulados, e declara que todas as escolas de pensamento, exceto a do nihilismo cru, aceitam estes postulados.

1. O homem é um complexo de consciência, mente e corpo.
2. Atma (o self) é da natureza da consciência, e é imutável.
3. A mente, ainda que seja um órgão interno, é material, e não é atman.
4. Toda a energia do universo é pessoal, isto é, está ligada com a consciência.
5. Esta energia é Prana, o intermediário entre a mente e a matéria.

“A filosofia hindu considera o Prana e não o movimento, como a energia fundamental do cosmos. Concebe-se o Prana como um poder proveniente ou iniciado por Purusha (o aspecto Espírito A. A. B. ), atuando sobre a matéria.”

"Toda a energia dos animais é energia nervosa, até que abandone os músculos e atue sobre os objetos externos. A esta energia se denomina Prana. A ciência ocidental tentou explicar sem êxito, durante cem anos, a energia nervosa como um tipo de movimento mecânico; a filosofia oriental inverte o processo e tenta explicar que o movimento mecânico deriva do Prana, ou seja, a energia acompanhada da consciência.”

"Prana corresponde aos Psychikon pneuma, ou espíritos animais, da filosofia grega, categoria intermediária entre o espírito e a matéria, que os põe em mútua relação".(14)

Disse Arthur Avalon:

"Na antiguidade, várias pessoas assinalaram diversas partes do corpo como 'a sede da alma' ou da vida, tal como o sangue, o coração e a respiração. De uma maneira geral, não se considerou o cérebro assim. O sistema Vaidik posiciona o coração como o centro principal da consciência, e uma noção dessa relíquia encontra-se em frases como: 'fazer uma coisa com o coração' ou 'aprender de cor'. Sadhaka, uma das principais funções de Pitta, e que é situado no coração, ajuda indiretamente ao cumprimento das funções cognitivas, mantendo rítmicas as contrações cardíacas. Tem-se insinuado que esta ideia da estrutura do coração foi, talvez, o que predispôs os fisiologistas hindus a sustentarem que era a sede da cognição. Segundo os Tantras, os principais centros da consciência devem estar nos chakras do sistema cérebro-espinhal, e no cérebro superior (Sahasrara) que eles descrevem; ainda que o coração também seja reconhecido como a sede do jivatma ou espírito encarnado, em seu aspecto como Prana".(15)

Estes dois pontos de vista explicam provavelmente o fenómeno do ser humano. À medida que se desenvolve a evolução, talvez seja visto e se demonstre que o centro positivo, ou núcleo da vida da forma material, está na base da coluna vertebral, que o centro da vida do ser consciente encontra-se no coração, ainda que o centro positivo da mente e dos princípios da vida resida na cabeça.

Todo o plano e a técnica do ensinamento oriental, a respeito dos centros do homem, têm presente o crescente desabrochar do Prana, ou energia da vida da alma. Através desta compreensão o homem pode demonstrar (mediante o automatismo do corpo físico) os poderes da alma e as qualidades espirituais que são património do homem espiritual (a Alma).

Portanto, o objeto de todos os métodos e práticas é alcançar a união consciente com a alma e produzir a submissão das duas energias inferiores (da matéria e

da natureza mental sensitiva) à mais elevada das três, a vida espiritual. Quando se chega a isso, o princípio vida espiritual anima uma alma, que então não conhece barreiras nem limitações, pois levou seu mecanismo ao mais alto grau de perfeição. A matéria foi alçada aos céus. Daí o ensinamento hinduísta de que o fogo kundalini, a energia da matéria (algumas vezes chamada mãe) deve ser elevada eventualmente, da base da coluna vertebral até a cabeça. Este ensinamento é análogo ao da Igreja Católica Romana, no que se refere à Ascensão da Virgem Maria ao céu, para ocupar seu lugar ao lado de Seu Filho, o Cristo, a Alma. Isto deve ser feito conscientemente pela alma, ou self, assentada na consciência da mente e do cérebro para, daí, assumir o controle da energia de toda a natureza do homem. Isto é a união ou ioga, e não é só uma experiência mística, mas também vital ou física. É a unificação dos cristãos, a integração do homem completo, físico, emocional e mental e, depois, a consciente unificação com a alma universal. O Dr. Vasant G. Rele disse:

"A palavra 'Ioga' deriva da raiz 'Yuga', unir ou juntar o separado. É assim como pôr solda em duas peças do mesmo metal, que se convertem em uma, pelo processo de aquecimento e de marteladas; assim também no Ioga da Filosofia Hindu, o espírito encarnado, Jivatma, o qual é parte do espírito universal 'Paranatma', unifica-se com o Espírito Universal, mediante certos exercícios físicos e mentais.

O Ioga é a ciência que eleva a capacidade da mente humana para responder a vibrações superiores, e perceber, captar e assimilar os infinitos movimentos conscientes que têm lugar em nosso redor, no universo".(16)

René Guénon sintetiza o resultado desta união nos seguintes termos:

"A liberação ou união, que é uma e a mesma coisa, implica, como já dissemos, 'por cima de tudo', a posse de todos os estados de consciência, pois é a perfeita realização (sadhana) e a totalidade do ser. Além disso, é de pouca importância que estes estados estejam ou não realmente manifestados, pois só podem ser considerados metafisicamente, como possibilidades permanentes e imutáveis. 'Senhor de muitos estados, pelo simples efeito de sua vontade, o Iogue interessa-se por um só, deixando os outros vazios do sopro animador (Prana), assim como tantos outros instrumentos não utilizados, ele pode animar a mais de uma forma, assim também uma só lamparina pode alimentar a mais de um pavio. ' 'O Iogue, ' disse Aniruddha, 'está conectado diretamente com o princípio primordial do Universo, em consequência (secundariamente) com a totalidade do espaço, do tempo e das coisas, 'isto é, com a manifestação e mais particularmente, com o estado humano, em todas as suas modificações".(17)

---

I - Bhagavad Gita, XIII, pg. 32, 33, 34.



- 2 - Kenopanishad Citado por Rama Prasad em Forças Sutis da Natureza pp.187-188 da ed. em inglês.
- 3 - Avalon, Arthur (Sir John Woodroffe), The Serpent Power, p. 89.
- 4 - Woodroffe, Sir John (Arthur Avalon), Shakti and Shakta, p. 167.
- 5 - Woodroffe, Sir John (Arthur Avalon), Shakti and Shakta, p. 170
- \* Quando esse livro foi escrito, a Física ainda não conhecia o quark - partícula mínima de matéria, a qual, segundo os físicos, muda a sua forma em função de quem a observa. Talvez esteja aí o segredo do conceito de Maya (N. do T. )
- 6 - Vivekananda, Swami, Raja Yoga, pp. 29, 30.
- 7 - Ramacharaka, Yogi, The Hindu-Yogi Science of Breath, pp. 16, 17.
- 8 - Woodroffe, Sir John (Arthur Avalon). Shakti and Shakta, p. 207
- 9 - Relê, Vasant G.. The Mysterious Kundalini, p. 40.
- 10 - Deussen, Dr. Paul, The Philosophy of the Upanishads, pp 286, 287.
- 11 - Deussen, Dr. Paul, Ibidem, p. 170.
- 12 - Deussen, Dr. Paul, The Philosophy of the Upanishads, p. 171.
- 13 - Rele, Vasant G., The Mysterious Kundalini, p. 70.
- 14 - Iyengar, P. T. Srinivasa, Outlines of Indian Philosophy, pp. 58, 59.
- 15 - Avalon, Arthur (Sir John Woodroffe), The Serpent Power, p. 89.
- 16 - Rele, Vasant G., The Mysterious Kundalini, pp. 13, 14.
- 17 - Guénon, René, Man and His Becoming, p. 238.

## **OS SETE CENTROS DE FORÇA**

No capítulo anterior vimos que, segundo a doutrina oriental, o corpo etérico ou vital está constituído por éter, atua como condutor de prana ou princípio da vida, energiza a matéria e produz a forma. O corpo vital engloba também aquele princípio sensível da natureza, denominada alma, ou, em outras palavras, o corpo vital é a expressão e o veículo da alma.

A principal característica da alma é a consciência. A alma, como vida, está "situada no coração, e como consciência racional espiritual, está situada no ponto entre as sobrancelhas". René Guénon expressa isso da seguinte forma:

"Assim, do ponto de vista físico, o que reside no centro vital é o éter; do ponto de vista psíquico é a 'alma vivente', e até agora não transcendemos o reino das possibilidades individuais; porém do ponto de vista metafísico, é, além e antes de tudo, o principal e incondicionado 'Self. Portanto, é verdadeiramente o Espírito Universal (1) (Atma) que, em realidade, é o próprio Brahmia, o 'Supremo Regente', de maneira que a designação deste centro como Brahma-pura, está plenamente justificada. Mas ao se considerar que Brahmia reside dentro do homem (e se poderia considerá-lo de igual forma em relação a cada estado de ser), denomina-se Purusha, porque repousa ou se encontra na

individualidade... como em uma cidade (puri-shaya), pois pura, em seu sentido próprio e literal, significa cidade. "(1)

A força vital tem sete pontos principais de contato com o corpo físico e são denominados centros.

Estes sete centros de força transmitem a energia da vida, são os agentes da alma, mantêm a existência corporal e iniciam sua atividade.

No livro Estudos no Bhagavad Gita, se disse:

"Que são os centros do homem? São os reflexos, nos respectivos núcleos, do 'upadhi' do Eu único. Se estudamos os processos da impregnação da matéria pela energia divina, chamada, às vezes, ímpetos de vida, veremos como, pela projeção do Eu e nos limites da objetividade chamada matéria, lhe são colocadas certas qualidades que se desenvolvem no que se denomina tattvas. Cada tattva obteve, como vida que o anima, uma tanmatra, ou modificação da consciência divina. Em cada tattva, portanto, temos a consciência divina como vida central, ainda que a ideia de resistência forme um muro externo. "

"Temos visto que o eu, em virtude de seu poder de manifestação, reflete-se nos diversos 'upadhis', desenvolvendo neles centros artificiais que, por assim dizer, forniam instantânea e simultaneamente os núcleos dos 'upadhis', assim como as representações do eu nos planos respectivos. "(2)

O nome dado pelos hindus a um centro de força é "chakra". A localização dos sete centros de força com seus nomes em sânscrito, desde a cabeça até os pés, são:

1. Centro Coronariano sahasrara chakra
2. Centro entre as sobrancelhas ajna chakra
3. Centro Laríngeo vishuddha chakra
4. Centro Cardíaco anahata chakra
5. Centro do plexo solar manipura chakra
6. Centro sacro ou sexual vadhisthana chakra
7. Centro da base da coluna vertebral muladhara chakra

Observa-se que existem quatro centros acima do diafragma, e três abaixo.

Muito se tem escrito e mais se pode dizer sobre estes centros de forças ou chakras, porém o que se seguirá pode servir como resumo introdutório.

Os centros de força levam energia prânica a cada ponto do corpo, e estão em estreita relação com o sistema nervoso, em suas três divisões: medula espinhal, sistema nervoso autónomo e periférico.

Dos centros de força, a energia vital ou prânica é distribuída seguindo sutis linhas denominadas "nadis", estreitamente relacionadas com os nervos e, ao

mesmo tempo, com as artérias, infiltrando-se, aparentemente, no sistema nervoso corpóreo. Em *O Homem e seu Porvir* nós lemos:

"Com respeito aos nadis ou artérias da forma sutil, não se deve confundi-los com as artérias do corpo, por onde circula o sangue; fisiologicamente correspondem mais às ramificações do sistema nervoso, pois são especialmente 112 descritas como luminosas. Assim como o fogo está de certo modo polarizado na luz e no calor, o estado sutil está vinculado ao estado corpóreo de dois modos diferentes e complementares: pelo sangue, relacionado à qualidade calórica e pelo sistema nervoso, no que diz respeito à qualidade luminosa. Não obstante, deve-se compreender que entre os nadis e os nervos só há uma simples analogia e não uma identificação, pois os primeiros não são corpóreos e, na realidade, trata-se de dois reinos distintos na individualidade integral. Quando se afirma, de modo análogo, que existe uma relação entre as funções destes nadis e a respiração, por ser essencial para a sustentação da vida, não se deve deduzir de modo algum que sejam os nadis uma espécie de condutores por onde circula o ar. Isto seria confundir o "sopro vital" (prana), que pertence adequadamente à manifestação sutil, com o elemento corpóreo.

"Afirma-se que o número total de nadis é de setenta e dois mil. Segundo outros, seriam setecentos e vinte milhões. Porém a diferença aqui é mais aparente que real, pois, como sempre sucede em tais casos, estes números devem ser tomados de forma simbólica, e não textualmente."(3)

Rama Prasad, utilizando a palavra hindu "lotus" para designar o chakra ou centro de força, faz um interessante comentário a este respeito:

"Os plexos nervosos dos modernos anatomistas coincidem com estes centros. Pelo que foi dito anteriormente, pareceria como se os centros estivessem constituídos por vasos sanguíneos. A única diferença entre os nervos e os vasos sanguíneos é a diferença que há entre os veículos dos pranas positivo e negativo. Os nervos são positivos e os vasos sanguíneos constituem o sistema negativo do corpo. Onde houver nervos, haverá os correspondentes vasos sanguíneos. Ambos são indistintamente chamados de nadis. Uma série tem por centro o lotus do coração; a outra o lotus de mil pétalas do cérebro. O sistema de vasos sanguíneos é uma representação exala do sistema nervoso, sendo, na verdade, somente sua sombra. Do mesmo modo que o coração, o cérebro tem suas divisões superior e inferior o cérebro e o cerebelo e também suas divisões direita e esquerda."(4)

Os centros de força estão situados ao longo da coluna vertebral e na cabeça. Arthur Avalon disse:

"Uma descrição dos chakras implica, em primeiro lugar, uma enumeração do sistema central e autônomo da anatomia e da fisiologia ocidentais; em

segundo lugar, uma explicação do sistema nervoso tântrico e dos chakras e, finalmente, uma correlação dos dois sistemas, até onde seja possível, nos aspectos anatômico e fisiológico, porque o resto é em geral, privativo do ocultismo tântrico.

"A teoria tântrica relativa aos chakras e ao sahasrara, refere-se ao aspecto fisiológico... em relação com o sistema nervoso central, que compreende o cérebro ou encéfalo, contido no crânio, e a medula espinhal, contida na coluna vertebral (Merudanda). É digno de observação que, assim como há cinco centros (chakras), a coluna vertebral está dividida em cinco regiões que, começando pela inferior, são: a coccigeana, que consta de quatro vértebras inferiores imperfeitas, com frequência soldadas num osso chamado cóccix; a região sacra, composta de cinco vértebras soldadas em um só osso chamado sacro; a região lombar ou região dos rins constituída por cinco vértebras; a região dorsal ou região da espádua, formada por doze vértebras; a região cervical, ou região do pescoço, que tem sete vértebras. Como se vê, em diferentes partes, a medula mostra diversas características para cada uma região. Falando grosseiramente, estas regiões correspondem às que têm sido assinaladas como submetidas ao controle dos centros ou chakras Muladhara, Svadhishtana, Manipura, Anahata e Vishuddha.(5) O sistema central tem relação com o periférico por meio dos trinta e um nervos espinhais e doze nervos cranianos que, por sua vez, são aferentes e eferentes ou sensitivos e motores, que produzem a sensação ou a ação estimuladora. Dos nervos cranianos, os últimos seis surgem do bulbo e os outros seis, exceto os nervos olfativo e ótico, das partes do cérebro que estão bem em frente ao bulbo. Os escritores das escolas Yoga e Tântrica empregam o termo Nadi, em lugar de nervos. Além disso, como foi dito, referem-se aos nervos cranianos quando falam dos Shiras, nunca empregando esta última para designar as artérias, como se faz na literatura médica. Sem dúvida, deve-se observar que os Nadis Yoga não são os nervos materiais comuns, mas sim as linhas mais sutis pelas quais circulam as forças vitais. Os nervos espinhais depois que saem do foramen-intervertebral, entram em comunicação com os cordões ganglionares do sistema nervoso autónomo, que estão em ambos os lados da coluna vertebral. A medula espinhal se estende no homem desde a borda superior do atlas, debaixo do crânio, penetrando no bulbo e abrindo-se finalmente no quarto ventrículo do cérebro, descendo até a segunda vértebra lombar, de onde se estreita e afina até um ponto chamado filamento terminal. "(6)

Como o anteriormente exposto refere-se ao sistema tântrico, deve-se observar que a referência é feita a um sistema hindu de controle de energia com segurança unicamente para aqueles que possuem o mais puro e elevado caráter moral, pureza de vida e de pensamento. Certas práticas e escolas que se

aviltaram, apareceram no Oriente e Ocidente, ensinando práticas chamadas tântricas, e nunca serão condenadas com excessiva severidade.

Estes centros de força não estão situados meramente ao longo da coluna vertebral e na cabeça, como se tem indicado, mas estão relacionados uns aos outros por meio da coluna, numa relação demasiado intrincada para ser detalhado aqui.

Dos sete centros, dois estão na cabeça e cinco na coluna vertebral. Os dois centros da cabeça se relacionam diretamente com as faculdades da mente e do movimento. O centro Sahasrara (centro coronariano), chamado comumente de lótus de mil pétalas é a corporificação da energia espiritual, manifestada como vontade, mente abstrata, espiritual ou intuição. O centro ajna, ou centro entre as sobrancelhas, diz respeito à mente inferior e à natureza psíquica do organismo integrado, denominado homem, a personalidade.

Os cinco centros da coluna vertebral estão dizem respeito às diversas atividades do organismo, mediante os quais o homem manifesta seus instinto animal, suas reações emocionais e a intenção de sua vida. Tais centros são, em grande parte, dirigidos pela força que entra e sai dos centros da cabeça.

No Poder da Serpente, Arthur Avalon diz que:

"Os centros influem não só sobre as combinações musculares, relativas aos movimentos da vontade, mas também sobre as funções de inervação vascular, de secreção e outras análogas, que têm seus centros mais ou menos localizados na medula espinhal. Sem dúvida, diz-se que os centros cerebrais dirigem estas funções somente em relação com as manifestações da volição, do sentimento e da emoção, e que os centros raquídeanos, com o sistema autónomo subordinado, constituem o mecanismo de adaptação inconsciente, de acordo com as condições variáveis de estímulo, essenciais para a continuidade da existência do organismo. O bulbo é, além disso e por sua vez, como um canal de comunicação entre os centros superiores e a periferia e um centro independente que regula as funções de maior importância no sistema. Deve-se observar que, as fibras nervosas que levam os impulsos motores que descem do cérebro até a medula espinhal, e quase que subitamente cruzam a medula de um lado para o outro na altura do bulbo, fato mencionado nos Tantras quando é descrito o Mukta Triveni. Este último está conectado por numerosos condutos aferentes e eferentes, com o cerebelo e os gânglios cerebrais. Acima do cerebelo está o cérebro, cuja atividade está associada com a volição consciente, a ideia e a origem dos movimentos voluntários. A noção de consciência, tema introspectivo da Psicologia, não deve ser confundida com a função fisiológica. Por isto, não existe um órgão da consciência, porque a consciência não é um conceito orgânico, e nada tem a ver com o conceito fisiológico de energia, cujo aspecto interno introspectivo representa. A

consciência em si mesma é o Atina. Tanto a mente como o corpo, do qual o cérebro é uma parte, são expressões imperfeitas ou veladas da consciência, e no corpo está tão velada que tem a aparência de inconsciência. O cérebro vivente está constituído pela matéria densa sensível (Mahabhuta), infundida pelo prana. Seu material tem sido elaborado até constituir um adequado veículo para a expressão da consciência na forma da mente (Antahkarana). Como consciência, não é uma propriedade do corpo nem mera função do cérebro. O fato de a consciência mental ser afetada ou desaparecer quando há desordens cerebrais, prova a necessidade do cérebro de expressar tal consciência, e não que a consciência seja inerente só a ele, ou propriedade do mesmo. Em cada lado da coluna vertebral há uma cadeia de gânglios, conectados com fibras nervosas, chamada de cordão simpático (Ida e Pingala), que se estende desde a base do crânio até o cóccix. Este se comunica com a medula espinhal. Deve-se observar que nas regiões torácica e lombar, um gânglio de cada cadeia corresponde com grande regularidade a cada nervo espinhal, mesmo que, na região cervical, pareça que falem muitos deles; e que existam grupos excessivamente grandes de estrutura nervosa nas regiões do coração, estômago e pulmões, as regiões reguladas por Anahata, Manipura e Vishuddha respectivamente, os três chakras superiores dos cinco a serem descritos mais adiante. Dos cordões simpáticos que existem em cada lado saem fibras nervosas que vão até as vísceras do abdome e do tórax, de onde, por sua vez, saem nervos que passam de volta aos nervos espinhais, e outros que penetram em alguns nervos cranianos, sendo desta maneira distribuídos aos vasos sanguíneos das pernas, do tronco e de outras partes até onde chegam os nervos espinhais ou cranianos. Os nervos autónomos levam principalmente os impulsos que controlam o tecido muscular das vísceras, e a cobertura muscular das pequenas artérias nos diversos tecidos. Pelo sistema autónomo mantém-se o tônus dos vasos sanguíneos, devido à ação do centro vaso motor no bulbo raquídeo. Os nervos do sistema autónomo, sem dúvida, derivam dos impulsos que este distribui a partir do sistema nervoso central. Não surgem do simpático mesmo. Os impulsos partem da medula espinhal, pelas raízes anteriores dos nervos espinhais, e passam por curtas ramificações para as cadeias do sistema autónomo. A atividade deste sistema controla e influencia a circulação, na digestão e na respiração.

"A disposição anatômica do sistema nervoso central é excessivamente intrincada, e os acontecimentos que se passam nesse emaranhado de fibras, células e fibrilas, são atualmente quase desconhecidos, por isso se tem aceito que, na descrição fisiológica do sistema nervoso central só se indiquem os caminhos pelos quais os impulsos podem» passar entre uma parte do sistema e outra, e deduzir conexões anatômicas com maior ou menor probabilidade, a

natureza do nexa fisiológico que suas partes e o resto do corpo forniam entre si. Sem dúvida, pode-se supor, em geral, (segundo se diz) que existem razões pelas quais há centros nervosos no sistema central, relacionados de um modo especial com mecanismos especialmente sensitivos, de secreção ou motores, e centros tais como o pretense centro gênito-espinhal, para uma ação fisiológica determinada, existentes em determinada porção da medula espinhal. O aspecto sutil de tais centros é denominado chakra, como expressão de consciência (chaitanya), corporificada em várias fornias de maya shakti. Os centros estão relacionados, através de condutores, com os órgãos genitais, da excreção, da digestão, da ação cardíaca e da respiração, em relação final com os chakras: Muladhara, Svadhisthana, Manipura, Anahata e Vishuddha. respectivamente; assim como se tem assinalado meios de relação especial, mesmo que não exclusivos, com diversos processos perceptivos, da volição e da imaginação."(7)

Estes centros variam em atividade, segundo o estágio de evolução do indivíduo. Em algumas pessoas certos centros estão "despertos", e em outras pessoas os mesmos podem estar relativamente passivos; e ainda em outras, o centro do plexo solar estará ativo ou predominará, e também em outras o mesmo acontecerá com o centro cardíaco ou com o laríngeo. São muito poucas as pessoas que têm ativo, hoje, o centro coronário. Falando generalizadamente, nos selvagens e nos pouco evoluídos, os três centros situados abaixo do diafragma (os centros da base da coluna vertebral, do sacro e do plexo solar) estão ativos e dominantes, porém os situados acima do diafragma permanecem "adormecidos". Na humanidade comum, o centro laríngeo está começando a se fazer sentir, estando ainda adormecidos os centros cardíaco e coronário. No ser humano altamente evoluído, no líder da raça, no filósofo intuitivo e no cientista, assim como nos grandes santos, o centro coronário e o cardíaco começam a fazer sentir sua vibração; a prioridade do centro coronário e do cardíaco é determinada pelo tipo de pessoa e pela qualidade da consciência emocional e mental.

De acordo, pois, com o desenvolvimento do homem, estes centros de força se vivificam e predominam e, segundo sua vivência, fazem sentir sua presença junto a diversos tipos de atividades. Os centros abaixo do diafragma comandam a vida física da forma material e a vida psíquica animal, que existem tanto no homem quanto no animal. Os que estão acima do diafragma estão ligados à vida intelectual e espiritual, e produzem as atividades em que o homem demonstra ser diferente e superior ao animal, e que proporcionam sua ascensão na escala da evolução.

Este é, em resumo, o que o Oriente ensina a respeito dos sete centros ou chakras.

Quando comparamos a doutrina do Oriente sobre os sete centros com a do Ocidente sobre as glândulas, achamos, em primeiro lugar, uma importante correlação, no que se refere à localização. Os sete centros de força residem na mesma região em que estão localizadas as glândulas, e cada centro de força pode ser muito bem (e o é, segundo a sabedoria hindu) a origem da força e da vida da glândula correspondente. A seguinte classificação comparativa, demonstra idêntica localização:

1. Centro Coronariano	— sahasrara chakra
2. Centro entre as sobrancelhas	— ajna chakra
3. Centro Laringeo	— vishuddha chakra
4. Centro Cardíaco	— anahata chakra
5. Centro do plexo solar	— manipura chakra
6. Centro sacro ou sexual	— vadhsthana chakra
7. Centro da base da coluna vertebral	— muladhara chakra

Uma segunda correlação, ainda mais notável que a primeira, é que quando os centros de força estão despertos, adequam-se às glândulas cujas funções são conhecidas, e das quais se tem descoberto a maior parte das secreções ou hormônios. Os centros adormecidos, ou que estão despertando em membros avançados da raça, adequam-se às glândulas cujas funções são relativamente desconhecidas e cujas secreções não têm sido, em sua maioria, isoladas para estudo. Será observado, por exemplo, segundo afirma o Dr. Berman, que a secreção da glândula pineal, uma das duas que existem no corpo pituitário, e da glândula timo, estão catalogadas como desconhecidas. Estas glândulas estão vinculadas aos centros cardíaco, laringeo, e coronário, adormecidos ou despertados.

Não é esta uma coincidência interessante? Ou teremos que enfrentar o fato de que em cada um destes casos estas glândulas, com seus hormônios ainda desconhecidos, estão ligadas a um centro adormecido ou ainda não despertado na humanidade comum?

Creio que, algum dia, será provado que as glândulas surgiram através da energia dos centros, pois aqueles centros que, na humanidade comum estão despertos e ativos, parecem estar relacionados com as glândulas cuja peculiar secreção tenha sido isolada, e conhecida sua ação na corrente circulatória, ao passo que os centros que se acham por enquanto adormecidos sem desenvolvimento, parecem estar ligados à glândula cuja secreção só é



conhecida parcialmente ou desconhecida totalmente. O assunto é, apesar de tudo, digno de consideração.

O psicólogo ocidental tem razão quando declara que um homem é o que suas glândulas fazem dele, e que não somos melhores nem piores que nosso peculiar sistema endócrino. Mas a razão disso pode estar na certeza da teoria oriental no que se refere aos centros de força. A condição das glândulas, sua hiperatividade ou sua subnormalidade, seu bom ou mau funcionamento, podem ser determinados pelo estados destes centros. As glândulas não são somente símbolos externos, ou aspectos visíveis, materiais, de um sistema muito maior e intrincado. Estão determinadas pelo caráter da vida da alma, atuando por seu intermédio, e pela alma que controla e domina tudo.

O estado dos centros, então, depende do tipo e qualidade da força da alma vibrando por meio deles. Na pessoa não evoluída é simplesmente a força vital, o prana, o que está ativo e se manifesta. Esta força nutre a vida animal e põe em atividade os centros inferiores (o da base da coluna vertebral e o sacro). Logo à medida que o homem se desenvolve, a consciência, o aspecto alma, faz sentir gradualmente sua presença e põe em atividade o centro do plexo solar. Este centro é a base da vida sensitiva psíquica inferior, tanto no homem como no animal e, com frequência, é denominado cérebro instintivo. Bhagavan Das nos ensina que:

"Deve-se observar que na literatura sânscrita considera-se o umbigo, frequentemente, como mais essencial e central que o coração, porém, na verdade... é provável que fisiologicamente, o umbigo tenha sido o órgão mais vital nas primeiras etapas da evolução, e ainda agora se ache mais essencialmente conectado com o desejo propriamente dito, do que com o coração, o qual pode se considerar vinculado à subdivisão ativa do desejo."(8) Bhagavan Das cita a Dra. Annie Besant no parágrafo seguinte:

"O umbigo representa o plexo solar, que é, talvez, o plexo mais importante do sistema autônomo: controla o tubo digestivo e envia suas ramificações ao fígado, baço e estômago, assim como ao tubo digestivo e aos órgãos genitais. Também está vinculado aos pulmões e ao coração. Pode-se considerá-lo como o cérebro do sistema autônomo, e responde com perigosa facilidade ao pensamento. A concentração sobre ele, empreendida com frequência de modo temerário, pode produzir uma fúria peculiarmente irremediável de doença nervosa. As emoções fazem surgir nele violentas perturbações; a sensação de náuseas, que acompanha com frequência um choque emocional, deve-se à sua atividade excitada."(9)

O homem funciona hoje, geralmente, através destes três centros. As forças do corpo servem para nutrir e estimular a vida sexual por meio das gônadas; criam o impulso de lutar e evoluir por meio das supra-renais, glândulas de

combate e de luta; governam a vida psíquica instintiva, mediante o plexo solar. Deste modo se mobiliza o homem, no nível pessoal, e este se converte em um ser humano consciente e sensível. À medida que sua evolução prossegue, o "self (ou alma) se toma cada vez mais ativo e dominante no homem em sua existência corpórea; e pouco a pouco todas as partes de sua estrutura etérica se tomam vitalmente despertadas. Gradualmente, os centros superiores entram em atividade aumentada e a ênfase da força jorrando pelo corpo se transfere para os centros acima do diafragma. O centro laríngeo desperta e se torna o órgão do trabalho criativo; o centro do coração é vivificado e o homem se torna consciente de suas relações com a alma, suas responsabilidades grupais e a inclusividade da vida da alma. Finalmente, os centros da cabeça despertam e um outro nível de percepções entra em sua consciência. Ele se dá conta de si mesmo como uma alma, integrado como uma personalidade e ainda mais adiante ele se torna consciente do mundo do espírito, da vida divina, do mundo invisível dos espíritos, e daquela "nuvem de testemunhas" que dão testemunho da realidade da vida da alma.

Um dos objetivos da evolução humana é chegar a isto. O centro da base da coluna vertebral e os centros cardíaco e coronário têm que entrar em pleno funcionamento e assim, por meio da fusão da energia latente na matéria e acumulada no centro da base da coluna vertebral, da energia da própria alma, que tem sua sede no coração e da energia do espírito, centrada na cabeça, levando o ser humano ao ponto mais alto da perfeição. Em virtude desta fusão de energias, o homem chega a ser uma expressão ativa de Deus-Espírito, alma e corpo, fundidos e unidos de tal modo, que o corpo seja, na realidade, o veículo para a alma, e a alma, a expressão da vontade e propósito do espírito.

Quando Cristo esteve na Terra disse: "Aquele que me vir, terá visto o Pai" (João 14: 9) e também: "Aquele que crê em Mim, esse fará também as obras que eu faço, e fará outras ainda maiores; porque eu vou para o Pai" (João 14: 12). Ele era a alma encarnada no corpo, revelando o Pai, o Espírito e, através do mecanismo do corpo, demonstrou os poderes da alma, que segundo dizem os hindus, aparecem depois do despertar dos centros, e que eles descrevem assim:

1. Anima... É o poder de penetrar em todos os corpos e ressuscitar os mortos. Cristo podia entrar em lugares fechados sem ser visto e ressuscitar os mortos. (Lucas, 24: 36, Marcos, 16: 14, João 20: 19 e 11).
2. Mahima... poder de conter-se ou expandir-se, ou de abarcar o universo. Cristo sabia todas as coisas (Mateus 12: 25, João 2: 24, 6: 64).
3. Laghima... o poder de levitar, de flutuar no ar, ou caminhar sobre as águas. Cristo caminhou sobre as águas (Mateus 14: 25, 26; Marcos 6: 48).

4. Garima... o poder de se fazer pesado. Não há indicações nas Escrituras cristãs de que Cristo tenha exercitado esse poder.
5. Prapti... a predição dos acontecimentos (Cristo predisse sua crucificação Mateus 26: 2, Lucas 34: 7) e o poder de curar doenças Cristo curou centenas, (Mateus 2: 15, 14: 15), da clarividência e clariaudiência (Cristo foi clarividente, João 1: 48 e clariaudiente, João 12: 29).
6. Prakamega... o poder de conservar o corpo. Cristo reapareceu a seus discípulos depois da morte, aparentemente com o mesmo corpo com que O conheciam (João 20: 20, 27).
7. Visitvan... o poder de auto-controle, o poder de controlar animais, pessoas. Tudo isso o Cristo demonstrou, até mesmo o de controlar pessoas possuídas pelo demônio, e os porcos que se precipitaram ao mar de um lugar escarpado. (Mateus 8, Marcos 5 e 9).
8. Ishatvan... o poder do domínio universal. Este, em todas as partes se atribui a Cristo, e também, a estar sentado à direita de Deus.

A posse desses poderes, e o cumprimento da profecia de Cristo, de que faríamos coisas maiores, será tão oposto ao que o Ocidente chama de sentido comum? Através do rádio difundimos ondas sonoras, as regulamos e as ampliamos, porém, depois de tudo, não fazemos mais do que transformar e reforçar as ondas sonoras que nos chegam na forma sutil original. Que haverá de mais natural do que isso, que o homem, que tem construído reforços mecânicos, chegue ele mesmo a ser tão sensível que capte as ondas sonoras sem ajuda, e seja chamado, em consequência, clariaudiente? A transmissão do pensamento (que até os mais céticos têm que reconhecer), por acaso, não é um tipo especial de rádio-difusão? E de maneira idêntica, os demais "milagres". Não está o mundo material dominado por forças e poderes mais sutis, e não poderá o homem aprender, com o tempo, a atuar no campo do mais sutil, e adquirir, portanto, um domínio sobre o meramente físico e material?

Assim é a crença milenar na Índia, de que, pelo desenvolvimento da alma e do espírito, e pelo despertar dos centros, o homem alcançará sua maturidade e a glória.

---

1 - Guénon, René, Man and His Becoming, pp. 44, 45.

2 - DREAMER, The, Studies in the Bhagavad Gita, pp. 37, 40, 107.

3 - Guénon, René, Man and His Becoming, pp. 136, 137.

4 - Prasad, Rama, Nature's Finer Forces, pp. 45-46.

5 - Estas regiões são a base da coluna vertebral, centro sacro, centro plexo solar, centro cardíaco e centro laríngeo.

6 - Avalon, Arthur, The Serpent Power, pp. 123-125.

7 - Avalon, Arthur, *The Serpent Power*, pp. 126-129.

8 - Das. Bhagavan, *The Science of the Sacred Word*, Vol. I. p. 82, rodapé.

9 - Das. Bhagavan. *The Science of the Sacred Word*, Vol. I, p. 83.

## CONCLUSÃO

Neste livro, temos considerado os dois sistemas de Psicologia, o oriental e o ocidental. Em seu conjunto, temos um quadro completo do homem, como alma vivente, que funciona por meio de um determinado mecanismo. Parte deste, o corpo etérico, com seus centros, é sutil, invisível e está além do alcance de nossos cinco sentidos; a outra parte está no reino do físico, do denso, principalmente nas glândulas endócrinas e no sistema nervoso, que controla o restante da manifestação física densa. Ambas as partes, a nosso ver, formam um todo.

A alma é sempre a grande realidade, a expressão da Vida Una, constituída pelos corpos etérico e denso. A força da alma, atuando sobre o corpo etérico e funcionando por meio deste, desenvolve os centros especializados desse corpo, o qual, por sua vez, atua sobre o corpo físico denso.

A questão que mais atrai a mente ocidental é como obter maior eficiência na atividade. O homem, a alma, está limitado em sua eficiência operacional pela condição de seu instrumento. Se as glândulas, o sistema nervoso e o corpo etérico e seus centros não estão ajustados nem funcionam de maneira adequada, o homem, a alma, deve repará-los ou curá-los. É somente porque o homem é essencialmente uma alma vivente, que cabe pensar que suas glândulas podem não funcionar adequadamente e que deveríamos estudá-las, corrigi-las e aperfeiçoá-las.

Tratar diretamente as glândulas e os centros nervosos, com medicamentos e outros recursos, é estritamente uma tarefa de reparação e não chega ao estado elevado dessas particulares glândulas e centros nervosos, originalmente criados pelo homem em questão. O mesmo atinge e, talvez mais enfaticamente, aos centros do corpo etérico, que podem ser afetados por certas práticas orientais de respiração, por mantrãs e posturas muito perigosas que, com frequência, conduzem à loucura. É de se esperar que cheguemos, finalmente, a ter suficiente conhecimento e experiência, para atuar inteligente e diretamente sobre os centros e poder regular, com mais eficácia, as glândulas e neuroses do corpo físico..

Aparentemente, surgem três teorias como resultado de nossa investigação, constituindo uma tríplice hipótese que define o homem como um organismo, que manifesta vida, autoconsciência e propósito inteligente.

A primeira hipótese é: Como são as glândulas e o sistema nervoso do homem, assim ele é. Seu temperamento, suas qualidades naturais e o manejo inteligente das experiências de sua vida e meio ambiente estão determinados por seu sistema endócrino. Assim pensa o ocidente.

A segunda hipótese é: Como são seus centros assim é o homem. A passividade e a atividade de certos pontos focais de energia, no corpo etérico humano, determinam no homem seu caráter, seu modo de expressão, o tipo e também a posse de seu corpo. Suas atividades no plano físico dependem, por completo, das qualidades da força que flui por seus centros. Assim pensa o oriente.

A terceira hipótese é: As glândulas, os neurônios e os centros estão condicionados pelo controle ou ausência de controle da alma.

Pode-se arguir que só temos conseguido voltar ao assunto nos reinos do invisível e do improvável. Mas, será realmente assim? Não são aceitos, agora, como realidades, muitos fatores surgidos das conjecturas e vagas hipóteses de épocas passadas? Não se tem provado e demonstrado, hoje, o que se considerava improvável antes? Não será possível aplicar uma técnica e um método que, com o tempo, bastem mediante o conjunto de evidências disponíveis, proporcionando uma clara percepção de fatores, tão obscuros atualmente?

O ocidente oferece, segundo temos visto, seus fatos referentes à estrutura. O mecanismo do homem está determinado por seu sistema endócrino, além do sistema nervoso, o equipamento de resposta. Será que podemos encarar o tema desse ângulo e, atuando sobre as glândulas, produzir a perfeição do corpo humano e conduzir o homem, afinal, até chegar à plena luz da alma? Será que a divindade pode ser desenvolvida por meios físicos? Ou seja, aceitando a posição oriental de que os centros são os meios de expressão da alma e os responsáveis pela construção e controle do corpo por meio do sistema nervoso e das glândulas, poderemos investigar e aplicar um método, reconhecido como perigoso, e atuar diretamente através dos centros sobre os mesmos?

Existe um terceiro método pelo qual podemos evitar a ação puramente física e também o risco de despertar os centros prematuramente? Não será possível encontrar uma solução e um método que dê à alma o pleno uso de seu instrumento, e produza essa perfeita interação entre a alma e o corpo que a correta atividade dos centros, segundo se afirma, produz?

Há um meio pelo qual o homem pode se assegurar de que realmente é uma alma e pode controlar seu instrumento de expressão, quer dizer, a tríplice natureza inferior e todos os estados psíquicos e mentais. Por meio deste método é possível levar a cabo a união da Sabedoria do Oriente e o conhecimento do ocidente, de modo que fiquem disponíveis os melhores aspectos de cada sistema para todo o gênero humano.

Ao considerar a possibilidade de que o homem descubra sua alma, tem que se partir de uma hipótese e aceita-la voluntariamente, pois toda hipótese tem sido sempre o ponto de partida do conhecimento. Supomos que o homem, como hipótese ativa, é uma alma e possui um corpo, e que existe um meio unificador que os vincula como um corpo de energia.

Aqueles que trataram de comprovar a realidade da existência da alma e de seu mecanismo vitalizador, podem ser divididos em dois grupos; por um lado, estão os místicos, que empregaram a aspiração e a emoção, além dos meios físicos; por outro lado, aquelas pessoas mais puramente mentais, que utilizaram o intelecto e a mente para chegar ao conhecimento espiritual. Esta grande gama de conhecedores de Deus empregaram diferentes terminologias, mas não tem importância para nossos fins que a alma seja denominada de Eu, a Amada, o Uno, Deus ou Cristo! O místico flagelava-se e mortificava seu corpo pelo jejum e excessiva disciplina. Deste modo, minorava a demanda dos apetites carnis e aumentava a devoção à Amada e o anseio pela Visão. Ao final de anos de fervoroso exercício, encontrava o que buscava e se unia com a Bem Amada.

Os do segundo grupo empregavam a razão e praticavam o controle da mente, juntamente com o mais severo controle emocional e físico. Pela unidirecionalidade de sua busca, eles, também descobriam a realidade e penetravam na ampla consciência do plano eterno, chegando à união com a Alma Universal.

Ambos os grupos testemunharam a verdade da existência da alma, mas limitados por sua peculiar inclinação e método, seu testemunho é unilateral. Um é excessivamente visionário, místico e emocional; o outro, demasiado acadêmico, intelectual e construtor de formas. Agora, devido à ampla difusão do conhecimento humano e ao estreito intercâmbio existente entre as mentes por meio da literatura, da palavra falada e das viagens, chegou o momento em que é, geralmente possível, pela primeira vez, uma fusão e, como resultado das conclusões anteriores de filósofos e santos de ambos os hemisférios, deveríamos poder desenvolver um sistema e um método, que sejam o modo de conquista espiritual para nossa época e geração.

Portanto, torna-se prático dar certos passos iniciais, os quais se podem resumir do seguinte modo:

- (a)** O tratamento saudável do corpo físico, utilizando o conhecimento do ocidente, em particular o referente à medicina preventiva, e à saúde geral do sistema endócrino.
- (b)** A compreensão intelectual e aplicação dos fatos básicos da Psicologia moderna e de uma sã psicanálise, chegando assim a um conhecimento do

mecanismo mental, emocional e físico, por cujo meio a alma trata de se expressar.

**(c)** O reconhecimento de que, assim como o corpo físico é um autômato que responde aos desejos e à natureza emocional, e está controlado por eles, de forma análoga estes estados emotivos de consciência (que abarcam desde o amor ao alimento até o amor a Deus) podem ser controlados pela mente racional.

**(d)** Do crescimento de tudo isso resultará um estudo das leis da mente e se poderá compreender e utilizar a relação entre a mente e o cérebro.

Quando estes quatro pontos forem bem compreendidos e seus efeitos se fizerem sentir na personalidade do homem, teremos um organismo integrado e coordenado; a estrutura poderá ser, então, considerada apta para ser dirigida pela alma. As mencionadas etapas não devem ser consideradas em ordem consecutiva, mas sim numa progressão simultânea. É evidente que o perfeito conhecimento intelectual da alma e do mundo que a alma revela é possível somente para o homem que possui as mencionadas faculdades. O sentimento de Deus, a apreciação do verdadeiro e do belo e o contato com a visão mística são sempre possíveis para aqueles que têm o centro cardíaco desperto e ativo. Estes homens, que amam assim a Deus, sempre existiram no transcurso das épocas; sentem, percebem, amam e adoram, mas carecem da ligação entre a alma, a mente e o cérebro. Quando, a estas faculdades místicas, se agregam as faculdades intelectuais, então o centro coronário desperta e a glândula pineal deixa de se apresentar numa condição atrofiada e passa a ser identificada como a sede da alma e da vontade dirigente espiritual. Quando ambos os centros estão despertados, temos essas grandes e destacadas personalidades espirituais, que trabalham consagrando seu coração e cérebro, e deixam seu legado no pensamento do mundo. Até agora, o caminho da maioria tem sido o místico, e o intelectual para uns poucos, porém a espécie humana se encontra em um ponto em que, baseando suas hipóteses sobre as experiências místicas de muitos, pode progredir desde o sentimento e adoração até o conhecimento, e desde o amor a Deus até o conhecimento de Deus.

Isto dar-se-á quando o conhecimento do ocidente se adicionar à sabedoria do oriente e se impuser a técnica da ciência da alma sobre nossos tipos intelectuais ocidentais. Não é possível explicar muito sobre esta técnica. Sem dúvida, é possível descrevê-la brevemente, dividindo-a em oito etapas que podem ser classificadas como:

**1.** Controle de nossas relações com as demais pessoas, sintetizado pela palavra inofensividade, definida no oriente por cinco mandamentos. São eles:

inofensividade, a prática da verdade, o abster-se de roubar, da incontinência e da avareza.(1)

**2.** Pureza de vida, tal como é definida pelas cinco regras: purificação interna e externa, contentamento, aspiração ardente, leitura espiritual e devoção a Ishvara (o Eu Divino).(2)

**3.** Equilíbrio.

**4.** Correio controle da força vital, e daí, ação direta da alma sobre o corpo etérico. O controle da energia dos centros e do corpo físico só é possível depois que o homem tenha obtido pureza e equilíbrio. Não é permitido ao homem conhecer as leis que regem a energia antes que ele tenha alcançado, por meio da disciplina, o controle de sua natureza animal e alcançado um ponto de onde não mais seja impelido pelos estados de tensão nem pelo egoísmo.

**5.** Abstração. Termo que abarca o poder de centrar a consciência na cabeça e atuar ali como alma, ou retirar a consciência exteriorizada das coisas objetivas e tangíveis, e dirigi-la novamente ao interior.

**6.** Atenção ou concentração. Significa viver de maneira unidirecionada e implica também colocar a mente em atividade ao invés das emoções. Assim, o homem emocional e físico é controlado pela mente enfocada.

**7.** Meditação é atenção ou concentração prolongada, e proporciona o poder de enfocar a mente na alma e no que diz respeito a esta, daí produzindo mudanças radicais no organismo e corroborando a verdade da afirmação de que "como o homem pensa, assim ele é".

**8.** Contemplação é o ato da alma que, em seu próprio reino, observa as formas e estabelece contato com as energias do quinto reino da natureza, o reino espiritual. Este ato é seguido pela descida ao cérebro (por meio da mente controlada) do conhecimento e energia da alma; esta atividade da alma produz o que se chama iluminação: a energização do homem por inteiro e o despertar dos centros com um ritmo apropriado e progressivo.

Esta energia espiritual, conscientemente dirigida, atuando por meio do corpo vital e dos centros, afirma-se, deveria levar o homem material e o sistema endócrino a uma condição de perfeita saúde e, portanto, a possuir um mecanismo perfeito para a expressão da alma. Com respeito a isso, ensina-se que o homem pode alcançar um conhecimento definido da alma e se conhecer como "o Ser mais profundo", capaz de utilizar seu mecanismo com um fim determinado, e assim atuar como alma.

Um estudo das vidas dos grandes místicos, santos e adeptos de ambos os hemisférios proporcionará muita luz sobre os efeitos fenomênicos resultantes do método mencionado, mesmo depois de se ter eliminado grande parte das



informações que têm um sabor de alucinações ou de condições psicopáticas. Frequentemente, observam-se formas de clarividência, de previsão e comunicação telepática, de faculdades clariaudientes, e o peculiar poder de psicografar. Deve-se ter presente, sem dúvida, que todos estes poderes têm suas manifestações espirituais e também as inferiores. Disse A. E. Powell:

"Em termos gerais, há dois tipos de clarividência, a inferior e a superior. A primeira aparece esporadicamente em gente pouco evoluída como os selvagens da África Central; é uma espécie de sensação massiva que vagamente pertence a todo o corpo etérico. mais do que a uma perfeição sensorial definida e precisa, transmitida por um órgão especializado. Acha-se, praticamente, muito além do controle do homem. O Duplo Etérico estando em uma relação excessivamente íntima com o sistema nervoso, qualquer ação de um deles repercute rapidamente sobre o outro. Na clarividência inferior, a perturbação nervosa correspondente se produz quase totalmente no sistema nervoso autônomo.

Nas raças mais desenvolvidas, esta vaga sensibilidade geralmente desaparece à medida que se desenvolvem as faculdades mentais. Mais tarde, quando se desenvolve o homem espiritual, recobra-se o poder clarividente, só que, então, a faculdade é exalta e precisa, controlada pela vontade e exercitada mediante um órgão sensitivo. Toda ação nervosa tem lugar quase exclusivamente no sistema cerebro-espinhal.

As fornias inferiores de psiquismo são mais frequentes nos animais e nos seres humanos pouco inteligentes. O psiquismo histérico e mal regulado deve-se ao pouco desenvolvimento do cérebro e ao domínio do sistema simpático, cujas grandes células ganglionares, agrupadas em núcleos, contêm uma grande porção de matéria etérica e podem ser afetadas facilmente por vibrações astrais grosseiras."(3)

Tem-se observado, com frequência, que os gatos e os cães e os seres humanos pouco evoluídos podem ver e ouvir muitas vezes o que as pessoas normais e mais inteligentes não podem perceber. Esta faculdade é, não obstante, inconsciente, e o homem se toma, com frequência, vítima de alucinações. O santo e o vidente vêem e ouvem de modo igual, mas seus poderes são utilizados por sua vontade e estão totalmente sob seu controle. Os investigadores do psiquismo terão, daqui para frente, um amplo campo de investigação sobre estes temas e, quando se admitir a hipótese da existência do corpo vital e dos centros, obter-se-á muito conhecimento real.

Os instrutores da ciência oriental da alma afirmam que o despertar dos diversos centros revela estados da matéria mais sutil que a condição física. O homem espiritual ocupa-se, principalmente, dos centros localizados acima do diafragma, que conferem poderes tais como a percepção espiritual e a correta

compreensão e interpretação de nossos semelhantes, de maneira a saber, como ocorreu com o Cristo, o que existe no homem, e compreender porque um homem é o que é, e age como o faz. A força da inspiração, o poder mais elevado de todos, atua como impulso inspirador do trabalho criativo através do centro laríngeo e como propulsor das empresas humanitárias mediante o centro cardíaco.

Este grupo tem afirmado que o segundo efeito é transferir a força que se encontra nos centros abaixo do diafragma para os centros acima do diafragma. Pela evolução e pelo efeito da prática da meditação o homem pode atuar conscientemente através de seus três centros principais (coronário, cardíaco e laríngeo), deixando que os três centros inferiores (base da coluna vertebral, sacro e plexo solar) executem sua função normal de energizar automaticamente o corpo, a fim de que o aparelho digestivo e o sistema reprodutor e certos aspectos do mecanismo nervoso possam levar adiante sua tarefa. Segundo esta teoria, a maioria das pessoas vive "abaixo do diafragma", estando a força vital centrada na vida puramente animal e sensitiva; a vida sexual e a emocional predominam e toda a força que afluí ao centro sacro e através dele e do plexo solar, vai estimular certos processos fisiológicos e psíquicos inferiores. À medida que o homem evolui, muda, por conseguinte, a direção da força. Vimos que a força é dupla, uma parte vital e outra egóica; uma expressa-se por meio do sangue, a outra por meio do sistema nervoso. O aspecto força vital continua desempenhando sua função de vitalizar e dar vigor a todos os órgãos e estruturas do corpo; porém, a força da alma, até aqui relativamente inativa, começa a ascender. A força da alma, que se encontra no centro da base da coluna vertebral, é levada à cabeça pelo canal medular, passando, por sua vez, por cada centro, acumulando em cada ponto uma acrescentada energia da alma.

São interessantes os efeitos psicológicos desta transferência da consciência. Quando a alma está "entronizada" (como dizem os livros orientais) na cabeça, atrai para cima, sobre si, pelo poder de seu próprio magnetismo, a força latente na base da coluna vertebral. Assim se produz a completa fusão da energia espiritual e da força da própria matéria por meio da energia atrativa da alma. Isto é o que significa quando se fala do despertar do poder kundalínico, e deve ocorrer pelo magnetismo da alma dominante e não pela meditação sobre qualquer centro específico, nem pela ação consciente sobre a força da matéria. A energia da alma do centro sacro deve ser levada ao mais alto centro criativo, o laríngeo. Então, dar-se-á ênfase ao trabalho criativo levado a cabo pelo bem do grupo e não à vida sexual ativa da pessoa em questão.

A energia do centro do plexo solar deve ser, de modo análogo, transferida e levada ao coração e, assim, a consciência não fica mais autocentrada nem

puramente egoísta, mas o homem se torna consciente do grupo e inclusivo em suas atitudes para com as pessoas e a vida. Não fica mais antagônico nem excludente. Sabe e compreende. Tem piedade, ama e serve. Temos, aqui, um amplo campo de investigação, uma vez que se capta a relação entre um centro e outro, e entre os centros e as glândulas. Os efeitos, tanto fisiológicos como psíquicos, merecem um estudo mais detalhado.

Também é interessante observar outra afirmação feita pelos estudantes da Sabedoria Eterna. Quando um homem alcança um elevado estado de evolução, o centro laríngeo fica ativo e ele ocupa o lugar que lhe corresponde no trabalho mundial; ele tem uma tarefa definida a realizar em algum campo da atividade mundial. Sua personalidade pode, então, se considerar organizada e se pode admitir que ele alcançou a maturidade. Segundo os psicólogos, o corpo pituitário é a sede das características emocionais e mentais. Em um de seus lóbulos fica a sede da mente racional e, em outro, a sede das faculdades imaginativas emocionais e o poder de visualizar. No homem dotado de poder criador, que desenvolveu sua personalidade, os dois lóbulos da hipófise respondem às exigências, e deles se pode deduzir o status do aspecto material ou o mecanismo por cujo meio se move e se expressa a alma. Esta glândula se refere ao centro entre as sobrancelhas, que é negativo com respeito ao centro coronário que responde pela energia da Alma. Quando, por meio da técnica descrita, a alma assume o controle, energiza o centro coronário e faz com que a glândula pineal passe do estado de atrofia ao de atividade, como nos dias da infância. Então, o aspecto positivo começa a desempenhar sua parte. Estabelece-se a relação entre o centro negativo e sua contraparte, a hipófise, e entre o centro positivo e sua contraparte a glândula pineal. À medida que o tempo passa, segundo se afirma, estabelece-se um campo magnético; a alma e o corpo unem-se, o pai e a mãe entram em relação e a alma vem à existência na consciência do homem. Este é o nascimento de Cristo na Casa de Deus. e o surgimento da existência do homem verdadeiro. Os órgãos sexuais e suas atividades reprodutoras no plano físico, são disso um símbolo eterno. As perversões da magia sexual, tão amplamente prevalentes, são uma deformação desta união ou fusão verdadeiramente espiritual dos centros de energia da cabeça, que representam, por sua vez, a relação entre a alma e o corpo. A magia sexual relega o processo aos centros abaixo do diafragma e à relação entre duas pessoas, ao plano físico. O verdadeiro processo desenvolve-se dentro da própria natureza do homem, centrado na cabeça; a relação é entre alma e corpo, ao invés de ser entre homem e mulher.

Outro efeito que se atribui à relação entre os dois centros da cabeça e suas correspondentes glândulas é que a interação entre ambas produz o resplendor de uma luz. Muitas provas corroboram isto nas Escrituras do Mundo,

incluindo o comando do Cristo a seus seguidores, "deixem brilhar sua luz". Há, também, evidências na vida dos místicos que, em várias ocasiões, têm dado testemunha em seus escritos, da luz que viram. Em uma oportunidade, enviei uma carta a um grupo de estudiosos (que haviam praticado a meditação durante vários anos) perguntando-lhes se haviam percebido algum fenômeno de interesse como resultado de seu trabalho. A carta não foi enviada a neuróticos nem a tipos visionários, mas somente a homens e mulheres bem conceituados nas esferas comerciais, artísticas e literárias, e de comprovadas realizações. Setenta e cinco por cento atestaram que percebiam uma luz na cabeça. Estavam todos alucinados? Eram todos vítimas de suas imaginações? Afinal, o que foi que viram e vêem constantemente?

Há, aqui, um interessante campo de investigação e os resultados podem ter como base a realidade reconhecida pela ciência de que a luz é matéria e a matéria é luz. Quando a alma atua e o homem consegue a união consciente com essa alma, pode-se, pelo estímulo extraordinário que isso implica, perceber a luz do corpo etérico, em seu ponto principal de união com o corpo físico, no centro mais importante do corpo, o coronário. O professor C. B. Bazzoni disse:

"Temos visto que todas as formas de matéria na terra estão formadas por tipos diferentes de átomos agrupados em moléculas que, juntos em incontáveis milhões, constituem todos os corpos que vemos ao nosso redor e até nossos próprios corpos. Agora, quaisquer destes 92 tipos de átomos, quando são estimulados por certos métodos bem conhecidos pela ciência, podem ser levados a emitir luz geralmente luz colorida e a natureza desta luz é peculiar e característica para cada um dos 92 átomos".(4)

Será que isso traz alguma luz sobre o problema, sempre que se admite a hipótese de um corpo etérico? A auréola que rodeia a cabeça dos santos e das divindades, nas antigas pinturas de ambos os hemisférios, não indica, por acaso, que os artistas sabiam que pintavam homens iluminados, tanto física como espiritualmente? Estas questões deveriam ser investigadas e comprovadas ou refutadas.

A possibilidade de unificar as duas grandes escolas de pensamento que tentam explicar a unidade homem em termos de conquistas espirituais ocidentais, e da filosofia oriental, baseada na técnica do controle pela alma, tem, portanto, caráter de experimento. Havendo a disposição de aceitar o que o estudante ocidental considera hipotético, tendo uma mente aberta, o que se poderá fazer de importância prática e específica para demonstrar como verídicos, ou rechaçar, como falsos, os argumentos apresentados neste livro?

Maeterlinck cita Herbert Spencer para dizer que:

"Construir, perpetuamente, ideias que requerem o máximo esforço de nossas faculdades e perpetuamente descobrir que tais ideias devem ser abandonadas como inúteis imaginações, pode nos provar, mais completamente que outro meio qualquer, a grandeza daquilo que, em vão, tentamos captar.... Ao tentarmos continuamente saber e nos defrontarmos com a profunda convicção da impossibilidade de saber, podemos manter viva a consciência de que isto corresponde à nossa mais alta sabedoria e é nosso dever mais alto considerar como o Incognoscível aquilo por meio do qual todas as coisas existem".(5)

Mas, não será possível aclarar um pouco mais nossa visão e de certo modo "aprofundando nossa convicção", chegar a uma melhor compreensão das formas e aspectos que velam essa incognoscível Realidade essencial, em cujo Corpo nós "vivemos, nos movemos e temos nossa existência"?

Aceitando-se que é o mundo fenomênico seja que estejamos considerando a família humana, sejam as formas visualizadas com as quais tenhamos feito contato no Reino da Alma, talvez se comprove a verdade de que progressivamente as formas (quando ascendem na escala da existência) podem revelar, com o tempo, verdades mais amplas sobre a vida essencial. À medida que o mecanismo se desenvolve e se aperfeiçoa, também se ampliam nossos conceitos sobre a Divindade. Edward Carpenter expressa essa ideia nas seguintes palavras:

"O Dr. Prazer, na conclusão de sua grande obra *The Golden Bough*, despede-se de seus leitores com as seguintes palavras: 'As leis da natureza são meramente hipóteses idealizadas para explicar a fantasmagoria sempre mutante do pensamento, que dignificamos com os altissonantes nomes do Mundo e do Universo. Em última análise, a magia, a religião e a ciência somente são teorias (do pensamento); assim como a ciência tem suplantado os seus predecessores, igualmente daqui para frente poderá ser substituída por outra hipótese mais perfeita; talvez de uma maneira completamente diferente de considerar os fenômenos e registrar o que ocorre nas sombras, da qual nós, desta geração, não podemos formar'. Sou de opinião que o Dr. Prazer tem razão ao pensar que algum dia prevalecerá uma maneira de considerar os fenômenos, diferente da ciência. Porém, creio que esta mudança virá, não tanto pelo desenvolvimento da ciência ou pela ampliação de suas 'hipóteses', como pelo desenvolvimento e expansão do coração humano, e por uma mudança em sua psicologia e poderes de percepção".(6)

Maeterlinck resume isto muito sucintamente, quando diz: "Portanto é conveniente nos livrarmos de conceitos que emanam só de nosso corpo, assim como as brumas que enevoam a luz do dia para nossa visão, emanam somente das terras baixas. Pascal disse, de maneira definitiva que: 'Os estreitos limites de nossa existência ocultam o infinito de nossas vistas'".(7)

São necessárias sugestões práticas na tentativa de renegar o sobrenatural (se assim nos podemos expressar) e provar que os estados subjetivos, testemunhados pelo místico e pelo vidente, são simples demonstrações de forças e poderes naturais. O homem não conseguiu até agora reconhecer nem controlar estes poderes, tampouco conseguiu, através dos séculos, identificar essas forças que agora, em certa medida, é capaz de entender e empregar, e que são a glória de nossa civilização atual. Devemos provar que um destes poderes da alma é um fato na natureza, e assim abrir-se-ão, para a humanidade, os portais de um mundo novo. O Dr. Daniel H. Leary também valoriza isso quando diz:

"Pressente-se, de certo modo, que algumas qualidades, alguns traços, pelo menos, em certas personalidades, não podem ser explicados em termos de atividade de qualquer estrutura física. Este não é um ponto sem importância, que possa ser rechaçado irracionalmente como mera superstição; está demasiado difundido, altamente carregado de emoção, bastante compartilhado ainda por alguns psicólogos, para ser ignorado. Vale à pena mencionar, uma vez mais, que se existem tais traços espirituais ou seja lá o que for, cuja definição não esteja baseada em uma estrutura, a admissão de algo menor e aparentemente insignificante contradiz inevitavelmente e totalmente o campo da ciência, pois o determinismo, para ser verdadeiro, deve ser completo".(8)

Primeiro, deveria haver um laboratório onde as afirmações do estudante da filosofia oriental, com relação à alma vitalizadora, pudessem ser comprovadas ou refutadas. Os fenômenos da morte podem ser estudados do ponto de vista da saída da alma. As radiações do corpo humano logicamente têm recebido atenção; mas a investigação específica sobre a coluna vertebral e sua relação com os centros é, ainda, um novo campo de estudo, ainda que o Dr. Baraduc de Sorbonne, Paris, tenha feito um interessante trabalho a este respeito, fazem quarenta e cinco anos. Seu livro *L'Ame Vitale* é sugestivo, ainda que seja conjecturai, e suas afirmações necessitam ser comprovadas.

Todo o tema do corpo vital e seus efeitos sobre o sistema nervoso e as glândulas abre um imenso campo de estudo; ao passo que a relação entre o corpo etérico do homem não só com seu sistema nervoso, mas também com o corpo etérico planetário ou o éter no qual ele, como um organismo, ocupa seu lugar, é ainda um terreno virgem.

Segundo, deveria ser possível reunir testemunhos a respeito da realidade e natureza da luz na cabeça, da qual muitos dão testemunho.

Os recentes experimentos espetaculares sobre a natureza da telepatia vão por bom caminho, se bem que este assunto esteja ainda em seus primórdios. Muito se descobrirá quando se estabelecer a diferença entre a comunicação de mente para mente, a telepatia mental, e uma forma muito mais rara de comunicação,

ou seja, de uma alma para outra e de uma alma para o cérebro. Esta última forma tem sido chamada de inspiração, e tem produzido as Escrituras e os denominados "escritos inspirados" do mundo, que têm guiado os processos mentais dos grandes inventores, cientistas, poetas e artistas.

A telepatia e a inspiração dependem tanto do corpo etérico humano e sua relação com o éter universal, como o rádio depende da eletricidade. Tudo isto dá testemunho deste sutil mundo do espírito e da alma.

Disse Michael Pupin no epílogo de seu livro *A Nova Reforma*:

"O poder criador da alma é o único guia quando tentamos decifrar o significado desta substância ultramaterial. Proporciona o parâmetro mais firme para comparar a alma de um homem com a de outro homem e com a alma dos animais inferiores. Esta comparação, semelhante em certo aspecto aos métodos científicos de medida quantitativa, vem sendo aplicada desde o começo da civilização. O procedimento nesta investigação é, em muitos sentidos, equivalente ao método científico de investigação pela observação, pelo experimento e pelo cálculo. O que falta em precisão é suprido pelo grande número de provas e erros que se estendem por muitos séculos de medidas qualitativas, mediante uma cuidadosa comparação. Isto acabou resultando no veredicto universal de que não só a alma do homem é muito superior à alma animal, mas que esta diferença é imensamente maior que a de suas estruturas corpóreas. A comparação revela também um elemento nesta diferença, que se eleva muito acima dos demais elementos diferenciadores. É o elemento espiritual. O poder criador da alma humana criou um novo mundo na consciência humana: o mundo espiritual".

Em outras linhas passíveis de investigação está a continuação da obra do doutor Kilner sobre a aura humana, que foi incluída em seu livro *The Human Atmosphere*. Outras frases a respeito da investigação sobre os poderes supra-normais tem sido sintetizadas em uma declaração de um periódico australiano chamado *The Federal Independem*, do qual reproduzimos dois parágrafos:

"Um homem da ciência, que tem feito um estudo especial da mais recente teoria sobre a relatividade, Einstein, tem projetado nova luz sobre o episódio referente a Cristo caminhando sobre as águas. Como resultado de suas investigações, o professor H. H. Sheldon disse que considera possível afirmar que a narração bíblica, com a qual tanto se tem enganado os cétricos, é um fato explicável pelas leis científicas. 'O milagre pode ser aceito pelas mentes mais cétricas, desde que reconheçam o fato de que as leis fundamentais da mecânica relativista e da eletricidade podem se reduzir a uma fórmula, e que o poder do eletromagnetismo pode influenciar a gravidade e domina-la por completo'. Segundo a última teoria matemática de Einstein, existe tão somente uma substância e uma lei universal que contém os componentes elétrico e

gravilacional, os quais estão unidos em uma só fórmula, influenciando um sobre os outros. O Dr. Sheldon crê que, como resultado desta descoberta, coisas como manter os aviões no ar sem motor nem apoio material, ou saltar de uma janela sem ler medo de cair, podem ser sugeridas como linhas de investigação a serem seguidas. 'Se esta teoria é mantida como prova de que a electricidade e a gravidade são virtualmente a mesma coisa, poderemos efetivamente isolar-nos da força da gravidade', declarou. Como prova real destas possibilidades aparentemente incríveis, o Dr. Sheldon demonstrou que uma barra de liga metálica, normalmente sensível ao magnetismo, suspensa aparentemente só pelo ar, permanecerá se um ímã for colocado debaixo dela.

À luz da nova teoria de Einstein, pode-se considerar, portanto, que a liberação de Cristo das leis aceitas da gravidade, que o teriam feito submergir das águas tão logo seus pés tocaram a superfície do mar, foi devido a uma prodigiosa quantidade de eletromagnetismo de Seu próprio corpo, e de uma força que surgira da fortaleza de Sua personalidade e vitalidade. Em todas as pinturas que representam o Cristo, sempre é mostrado com uma auréola ao redor de Sua cabeça. Durante um tempo, se considerou isso como um produto da imaginação exuberante de Seus discípulos porém, durante os últimos anos, a ciência, juntamente com muitos que estudam os fenômenos psíquicos, tem demonstrado, por meio de experimentos positivos, que todo ser humano tem uma aura que se assemelha, em muito, ao fulgor que emana de qualquer poderosa máquina elétrica.

Tal declaração é outra prova de que a ciência está cruzando a fronteira que separa as coisas materiais das espirituais. Uma vez reconhecido que o conhecimento das leis superiores pode vencer a resistência das inferiores, só então entraremos na posse de nosso verdadeiro patrimônio espiritual".

Estamos na expectativa do alvorecer desse dia em que a religião se fundará sobre uma base científica, e as verdades que testemunham as idades serão corroboradas e provadas porque como disse também o Dr. Michael Pupin:

"As realidades espirituais de Deus são invisíveis, mas se acham exemplificadas e são inteligíveis pelas realidades físicas reveladas nas coisas físicas que são feitas. De acordo com esta interpretação das palavras dos Apóstolos, as realidades físicas e espirituais se complementem entre si. São os dois extremos das mesmas realidades, um reside na alma humana e o outro nas coisas do mundo exterior. Eis aqui uma das razões fundamentais do porquê a ciência e a religião se complementarem. São os dois pilares do portal, pelo qual a alma humana entra no mundo em que reside a divindade."(10)

Então surgirá uma nova raça, com novas capacidades, novos ideais, novos conceitos de Deus e da matéria, da vida e do espírito. Em toda essa raça e na humanidade futura, será percebido não só um mecanismo e uma estrutura, mas



também uma alma, uma entidade que, utilizando o mecanismo, manifeste sua própria natureza, que é amor, sabedoria e inteligência.

A ciência tem até reconhecido esta última possibilidade e tem observado que a orientação do processo evolutivo se faz através de uma adaptação mais perfeita da forma e da vida. Em todas as partes, em toda a criação, se está cumprindo um propósito, está se manifestando uma vontade voltada para a perfeição. Este propósito e esta vontade estão controlados pelo amor e pela sabedoria; e esses dois tipos de energia (o propósito do espírito e a força atrativa da alma) aplicam-se inteligentemente ao aperfeiçoamento do aspecto matéria. Espírito, alma e corpo divina triplicidade manifestam-se no mundo e acompanharão tudo até a consumação, representada para nós, nas Escrituras do mundo, com riqueza de imagens, de cor e de forma. A visão que teve Browning desta verdade e sua expressão resumem os resultados de nosso estudo, que constituirá um apropriado final para este ensaio.

"- E Deus renova... Seu antigo êxtase. Assim Ele mora em tudo, Desde o diminuto começo da vida, até finalizar; Para o homem a consumação deste esquema da existência, o término desta esfera da vida: cujos atributos haviam sido, antes, aqui e ali espalhados por todo o mundo visível, Pedindo para serem combinados como fragmentos destinados a se unirem em maravilhoso todo, Qualidades imperfeitas disseminadas por toda a criação, Sugerindo uma criatura ainda não-criada, Algum ponto onde estes raios dispersos possam unir-se convergindo para as faculdades do homem.... Quando a raça for toda perfeita, Isto é, como um homem, de tudo dado ao gênero humano, E pelo homem produzido até agora, tiver chegado a seu fim; Porém no homem íntegro se inicia novamente uma tendência para Deus. As predições auguraram a aproximação do Homem; assim no eu do homem surgem Augustas antecipações, símbolos, tipos de tênue esplendor, sempre existentes Nesse eterno círculo perseguido pela vida. Pois os homens começam a cruzar os limites da natureza, Descobrendo novas esperanças e obrigações que rapidamente suplantam suas próprias alegrias e pesares; chegam a ser demasiado grandes, Para os estreitos credos do mal e do bem, que se desvanecem ante a imensurável sede do bem; enquanto surge neles a paz, cada vez mais.

Estes homens se acham na terra, Serenos, em meio às criaturas semi-formadas."(11)

---

1 - Bailey, Alice A., A Luz da Alma p. 184.

2 - Bailey, Alice A., Ibid. p. 187.

- 3 - Povvell. A. E., The Etheric Double, pp. 102.103.4 - Bazzoni, C.B., Kernels of the Universe, p. 31.
- 5 - Maeterlinck, Maurice, The Light Beyond, p. 95.
- 6 - Carpenter, Edward, Pagan and Christian Creeds; Their Origin and Meaning, p. 278.
- 7 - Maeterlinck, Maurice, The Light Beyond, p. 73.
- 8 - Leary, Daniel H., Ph. D., Modern Psychology: Normal and Abnormal, pp 191 192.
- 9 - Pupin, Michael, The New Reformation, pp. 264, 265.
- 10 - Pupin, Michael, The New Reformation, pp. 272.
- 11 - Browning, Robert, Paracelsus.

## APÊNDICE

### Nota I

*(Referente ao Capítulo IV)*

O que se segue foi extraído de uma recente publicação onde se expõe de outra maneira o tema da alma e, talvez, nos proporcione alguma ideia da tendência do pensamento ocidental moderno, com respeito a este tema

A expressão visão religiosa é, em si, vaga. Não seria possível dar a essa frase um conteúdo definido sem nos afastarmos de uma atitude crítica? Seríamos ajudados na obtenção de tal definição se nos perguntássemos qual elemento se tem inclinado a se afastar da vida do homem moderno com o declínio das disciplinas tradicionais. De acordo com Walter Lippmann, a convicção que o homem moderno perdeu foi que "existe uma essência imortal que preside, acima de seus apetites, como um rei". Mas por que atribuir a afirmação de tal essência ou vontade superior ao meramente tradicionalista? Por que não se pode afirmar essa essência, antes de tudo, como uma realidade psicológica, um dos dados imediatos da consciência, uma percepção tão primordial que, em comparação com as negações deterministas da liberdade moral do homem, constituem só um sonho metafísico? Desta maneira, estaríamos em posição de executar um movimento acompanhando os behavioristas? e outros psicólogos naturalistas, considerados atualmente como os piores inimigos da raça humana. Ao mesmo tempo, estaríamos bem encaminhados para o término do dilema moderno e nos converteríamos em modernos, completos e cabais.

Os filósofos têm debatido, frequentemente, a questão da prioridade da vontade ou do intelecto do homem. A qualidade da vontade a que me estou referindo e que bem merece ser considerada super-racional, tem estado, sem dúvida, associada ao cristianismo tradicional, não primariamente com a vontade do

homem, mas com a Vontade de Deus, como graça. Os teólogos têm se dedicado a inúteis sutilezas a propósito da graça. De nenhuma maneira podemos prescindir, como tem sido a tendência moderna, da verdade psicológica da doutrina, conjuntamente com suas sutilezas. A Vontade superior deve ser aceita simplesmente como um mistério que pode ser estudado por seus efeitos práticos, mas que, em sua natureza última, não é possível definir. Por isso, a vontade superior não é peculiar. "Todas as coisas", de acordo com a máxima escolástica, "terminam sendo um mistério". O homem de ciência está cada vez mais disposto a aceitar que a realidade por trás do fenômeno que está estudando não só o ilude, mas que, pela natureza do caso, deverá sempre fugir dela. Por exemplo, já não sustenta, como o faziam seus antepassados mais dogmáticos do século XIX, que a hipótese mecanicista, por mais valiosa que tenha provado ser como uma técnica de laboratório, seja absolutamente verdadeira; e aceita que sua verdade é relativa e provisória.

A pessoa que se nega a aproveitar a vontade superior, enquanto não estiver segura de se ter compreendido sua real natureza, encontra-se no mesmo nível do homem que se nega a fazer uso prático da energia elétrica, enquanto não se formular uma teoria impecável da eletricidade; poder-se-á dizer, de forma contrária, que a vontade superior, sem incremento da atitude crítica, não é absolutamente um imperativo categórico, tampouco o orgânico e muito menos o mecânico e, por último, nem é "o ideal" no sentido comum deste termo. Positivamente, poder-se-ia definir o imediato superior, conhecido por sua relação com o imediato inferior o homem meramente temperamental, com suas impressões, emoções e desejos comunicativos como um poder de controle vital. Não exercitar este controle é indolência espiritual, que para o cristão e o budista não é só uma das origens principais, mas a principal origem do mal. Embora Aristóteles, baseando-se no modelo grego, não dê primazia à vontade, mas sim à mente, o poder a que me tenho referido, com toda segurança se relaciona à sua "energia da alma", o tipo de atividade distinta da mera atuação externa, considerada por ele apropriada para a vida tranquila que propõe como meta de uma educação liberal... A energia da alma, que tem servido no nível humano para a mediação, aparece no nível religioso como meditação. A religião, logicamente, pode significar mais que meditação. Ao mesmo tempo, poder-se-ia dizer, de forma correta, que a mediação humana que tem o apoio da meditação, possui um fundo religioso. Afinal, a mediação e a meditação são somente etapas distintas do mesmo "caminho" ascendente e não deveriam ser arbitrariamente separadas.

Artigo: Humanism: An Essay on Definition, por Irving Babbitt, pág. 39-41.  
Extraído de: Humanism and America: Essays on the Outlook of Modern Civilization, editado por Norman Foerster.

## **Nota II**

*(Referente ao Capítulo VII)*

É interessante observar, na atualidade, a proliferação do hipertireoidismo e as diversas perturbações vinculadas com a glândula tiróide. Será que esta situação não corrobora a teoria oriental? Muitas pessoas obrigadas pelas circunstâncias e pelas difíceis condições económicas, levam uma vida sexual anormal e praticam o celibato. Outras, por alguma ideia errónea sobre as demandas espirituais, rechaçam o matrimônio normal e se dedicam a uma vida de solteiro. Devido a estas condições, a força ascende ao centro que constitui sua meta e chega à laringe. Sendo anormal esta condição e, estando o homem ou mulher centrados emocionalmente, e o equipamento mental (tão necessário para o verdadeiro trabalho criativo) sendo relativamente medíocre, não há capacidade para utilizar este poder criador, de onde surge o superestímulo da glândula tiróide. Temos observado vários destes casos e parecem substanciar esta posição. Aqui, poder-se-ia aplicar a investigação e empregar-se o método científico de acumular evidência, que prove ou refute a hipótese. No conjunto dos casos e dos testemunhos, poder-se-á fazer luz nesta questão. Quando a transferência é normal e não prematura, resulta um trabalho criativo na literatura, no drama, na música e nas artes em geral.

**FIM.**